



UNIVERSIDADE
ESTADUAL de LONDRINA

FÁTIMA DA SILVA SIQUEIRA

**ATLAS LINGUÍSTICO DE CURIÚVA-PR:
ASPECTOS LEXICAIS**

Londrina
2015

FÁTIMA DA SILVA SIQUEIRA

**ATLAS LINGUÍSTICO DE CURIÚVA-PR:
ASPECTOS LEXICAIS**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Fabiane Cristina Altino

Londrina
2015

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da
Universidade Estadual de Londrina**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

S618a Siqueira, Fátima da Silva.

Atlas linguístico de Curiúva-PR : aspectos lexicais / Fátima da Silva Siqueira.
– Londrina, 2015.
2 v. : il.

Orientador: Fabiane Cristina Altino.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual
de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação
em Estudos da Linguagem, 2015.

Inclui bibliografia.

1. Dialetoлогия – Teses. 2. Língua portuguesa – Dialeto – Curiúva (PR) –
Teses. 3. Geografia linguística – Teses. I. Altino, Fabiane Cristina. II. Universidade
Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-
Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.

CDU 806.90(816.2)-087.9

FÁTIMA DA SILVA SIQUEIRA

**ATLAS LINGUÍSTICO DE CURIÚVA-PR: ASPECTOS
LEXICAIS**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Fabiane Cristina Altino
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof^a. Dr^a. Vanderci de Andrade Aguilera
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr^a. Sanimar Busse
Universidade Estadual do Oeste do Paraná -
UNIOESTE

Londrina, 04 de maio de 2015

Aos informantes

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, aos Seres Celestiais pela orientação divina.

A professora Fabiane Cristina Altino, querida orientadora, que me transmitiu confiança em toda etapa do curso.

Aos meus pais, Afonso e Eva, sempre preocupados em me ajudar a encontrar os informantes ideais.

Ao meu marido, Heverton, companheiro fiel nesta caminhada.

Ao Governo do Estado do Paraná pelo afastamento concedido.

Aos amigos curiuvenses.

Obrigada!

Desejo voar alto como a águia, mas antes de tudo, desejo manter meus pés no chão.

SIQUEIRA, Fátima da Silva. **Atlas Linguístico de Curiúva – PR: Aspectos Lexicais.** 115 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

RESUMO

Esta dissertação, composta de dois volumes, tem por objetivo principal construir um Atlas Linguístico da cidade de Curiúva, registrando em cartas linguísticas, algumas variantes lexicais da fala coletadas por meio de questionário estruturado, observadas em usuários naturais do município de Curiúva, Paraná. Neste trabalho, realizado sob o método geolinguístico, considerando, sobretudo, os pressupostos da Dialetoлогия Pluridimensional, objetivamos, especificamente: (i) analisar os dados coletados, com base nas variáveis faixa etária, sexo e escolaridade; (ii) comparar alguns dados coletados nesta pesquisa com os registrados por Aguilera (1994) e por Altino (2007), trabalhos de maior abrangência realizados no estado, que possibilitarão visualizar a qual região linguística paranaense pertence Curiúva; (iii) compor um arquivo de dados das entrevistas e disponibilizar para a sala 169 (UEL - Regional ALiB – Paraná) para pesquisas linguísticas posteriores. Como instrumento de coleta de dados foi utilizado o questionário completo do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB, 2001), a fim de propiciar material suficiente para seguintes estudos nesta área, considerando a fato de não termos explorado o *corpus* em sua totalidade, ao optarmos por trabalhar somente o léxico desta comunidade. As entrevistas foram realizadas *in loco* junto a 24 curiuvenses, em 06 pontos linguísticos selecionados mediante maior importância na formação da cidade. Os dados apontam para inovações linguísticas entre os jovens e para maior conhecimento de mundo entre os idosos, principalmente, no que diz respeito a variantes tipicamente rurais. Quanto ao polimorfismo, foi observada maior produtividade lexical entre homens do que entre as mulheres e, ao contrário de nossa hipótese inicial, concluímos que o município não apresenta uma linguagem sulista no que diz respeito ao léxico, apesar de haver marcas que remetem tanto para o norte quanto para o sul.

Palavras-chave: Dialetoлогия. Geolinguística. Atlas Linguístico. Curiúva.

SIQUEIRA, Fátima da Silva. **Linguistic Atlas of Curiuva – PR: Lexical Aspects**. 115 p. Dissertation (Master's Degree in Language of Studies) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

ABSTRACT

This dissertation, composed of two volumes, has the aim objective to build a Linguistic Atlas of the city of Curiuva, registering on language letters some lexical variants of the spoken collected using a structured questionnaire, observed in natural users of the municipality of Curiuva, Paraná. In this work, carried out under the geolinguistic method, considering above all the assumptions of Dialectology Pluridimensional, aimed specifically: (i) to analyze the data collected, based on the age group variables, gender and education; (ii) to compare some data collected in this survey with those recorded by Aguilera (1994) and Altino (2007), more comprehensive work carried out in the state that will allow view which Parana linguistic region belongs Curiuva; (iii) compose one of the interviews data file and available for room 169 (UEL - Regional Alib - Parana) for further linguistic research. As data collection instrument was used full questionnaire Linguistic Atlas of Brazil (Alib, 2001) in order to provide enough material for following studies in this area, considering the fact that we have explored the corpus in its entirety, to opt for work only the lexicon of this community. Interviews were conducted on-site at 24 curiuvenenses in 06 selected points by linguistic greater importance in the formation of the city. The data point to linguistic innovations among young people and greater understanding of the world among the elderly, especially with regard to typically rural variants. As for the polymorphism, there was a higher lexical productivity among men than among women and, unlike our initial hypothesis, we conclude that the municipality does not have a southern language with regard to the lexicon, although there brands that refer both to the north and south.

Key-Words: Dialectology. Geolinguistic. Map Linguistic. Curiuva.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	–	Mapa da localidade (Rede de pontos)	17
Figura 2	–	Vista da cidade de Curiúva - PR	18
Figura 3	–	Graziadio Isaia Ascoli.....	30
Figura 4	–	Georg Wenker.....	31
Figura 5	–	Gustav Weigand	32
Figura 6	–	Atlas Linguistique de la France	33
Figura 7	–	Karl Jaberg, Jakob Jud e Paul Scheuermeier	34
Figura 8	–	Antoni Griera.....	35
Figura 9	–	Sextil Puscariu	36
Figura 10	–	Representação dos pontos investigados no Atlas Linguístico do Litoral Português (ALLP).....	37
Figura 11	–	Adolfo Elizaincin e Harald Thun	38
Figura 12	–	Capela Santa Ana - Felisberto	61
Figura 13	–	Capela São Sebastião - Guajuvira.....	62
Figura 14	–	Vista do bairro Taboão – destacando a olaria.....	63
Figura 15	–	Paróquia Divino Espírito Santo - Curiúva.....	63
Figura 16	–	Vista central do bairro Alecrim	64
Figura 17	–	Capela Divino Espírito Santo – Colônia Dantas.....	65
Figura 18	–	Planilha de levantamento de dados lexicais	73

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Distribuição da formação das famílias tradicionais curiuvenses.....	22
Quadro 2 –	Regionais do Projeto ALiB	47
Quadro 3 –	Rede de pontos do ALPR (nº do ponto e localidade).....	49
Quadro 4 –	Rede de pontos do ALiC (nº do ponto e localidade)	60
Quadro 5 –	Distribuição da população de Curiúva por bairros investigados	66
Quadro 6 –	Demonstrativo da Cartografia do ALiC.....	76
Quadro 7 –	Cartas coincidentes entre o ALiC e o ALPR e o ALPR II	77
Quadro 8 –	Cartas não-coincidentes	91

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALPR	Atlas Linguístico do Paraná
ALPR II	Atlas Linguístico do Paraná II
ALiB	Atlas Linguístico do Brasil
ALiC	Atlas Linguístico de Curiúva
INF	Informante
INQ	Inquiridor

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	JUSTIFICATIVA	14
1.2	OBJETIVOS.....	14
1.3	CONSTITUIÇÃO DO CORPUS.....	15
2	HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE CURIÚVA - PR	17
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	23
3.1	A DIALETOLOGIA E A GEOLINGUÍSTICA	24
3.2	A GEOLINGUÍSTICA PLURIDIMENSIONAL	28
3.3	OS ESTUDOS DIALETOLÓGICOS E GEOLINGUÍSTICOS NO MUNDO: PERCURSOS E AVANÇOS	29
3.4	A REPERCUSSÃO DA DIALETOLOGIA E GEOLINGUÍSTICA NO BRASIL	38
3.4.1	O ALiB – Atlas Linguístico do Brasil	44
3.4.2	O ALPR – Atlas Linguístico do Paraná.....	48
3.5	OS TRABALHOS DIALETOLÓGICOS NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA	51
3.5.1	Para um Glossário da Fala Popular Rural Paranaense.....	51
3.5.2	Aspectos Linguísticos da Fala de Cândido de Abreu: um Estudo Geossociolinguístico	52
3.5.3	Pelos Caminhos da Geolinguística Paranaense: um Estudo do Léxico Popular de Adrianópolis.....	52
3.5.4	Medicina caseira Paranaense: um Estudo Geolinguístico	53
3.5.5	Em busca de uma História para o Léxico Rural Paranaense	54
3.5.6	Estudo Linguístico-Etnográfico em Comunidade Paranaense de Imigrantes Ucranianos: do Passado ao Presente	54
3.5.7	Um Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná.....	55
3.5.8	Atlas Geossociolinguístico de Londrina: um Estudo em Tempo Real e Tempo Aparente	56
3.5.9	Atlas Linguístico Topodinâmico do Oeste de São Paulo - ALTOSP	57

4	MÉTODOS E PROCEDIMENTOS DA PESQUISA.....	59
4.1	A LOCALIDADE: REDE DE PONTOS	59
4.2	OS INFORMANTES.....	66
4.3	O INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	67
4.4	AS ENTREVISTAS.....	69
4.5	O REGISTRO	72
4.6	ELABORAÇÃO DAS CARTAS LINGUÍSTICAS.....	74
5	DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	77
5.1	O ALIC, o ALPR e o ALPR II.....	79
5.1.1	Acidentes Geográficos	79
5.1.2	Fenômenos Atmosféricos.....	80
5.1.3	Astros e Tempo.....	81
5.1.4	Atividades Agropastoris.....	82
5.1.5	Fauna.....	84
5.1.6	Corpo Humano.....	85
5.1.7	Ciclos da Vida	89
5.1.8	Jogos e Diversões Infantis	89
5.1.9	Habitação	89
5.1.10	Vestuário e Acessórios.....	91
5.2	CARTAS LEXICAIS NÃO-COINCIDENTES COM O ALPR (AGUILERA, 1994) E O ALPR II (ALTINO, 2007)	91
5.2.1	Variantes Diageracionais e Diastráticas.....	94
5.2.2	Variantes Diagenéricas	97
5.2.3	Polimorfismo Lexical	99
5.2.4	Variantes Comuns.....	102
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
	REFERÊNCIAS.....	107

1 INTRODUÇÃO

O Brasil, país pluriétnico, possui realidades socioculturais distintas devido ao convívio entre os diferentes grupos sociais e culturais, formando um admirável mosaico linguístico, onde a língua pode ser vista como um grande ponto de encontro de cada um de nós com aqueles que fizeram e fazem a nossa história.

É pela língua que o homem expressa suas ideias, pensamentos, estabelece os vários tipos de relação, sejam estes, familiares, profissionais, intelectuais ou afetivos. Ao utilizá-la, o homem, condicionado por fatores internos e externos, torna-se responsável pela sua manutenção ou transformação, sendo ao mesmo tempo usuário e renovador de sua língua. Nas palavras de Brandão (1991, p.06), “Ao falar, um indivíduo transmite, além da mensagem contida em seu discurso, uma série de dados que permite a um interlocutor atento não só depreender seu estilo pessoal – seu idioleto -, mas também filiá-lo a um determinado grupo”.

O contato com diferentes culturas, o acesso à mídia, o maior ou menor grau de escolaridade e fatores de natureza sócio-histórica – classe, idade, etnia, contribuem para mudanças na língua, o que motivou e motiva até hoje os estudos para a descrição de falares nacionais e regionais. Esta ideia de investigação já era defendida por Amaral (1976 [1920], p.02):

Seria de se desejar que muitos observadores, imparciais, metódicos se dedicassem a recolher elementos em cada uma dessas regiões, limitando-se estritamente ao terreno conhecido e banindo por completo tudo que fosse hipotético, incerto, não verificado pessoalmente.

Os estudos dialetológicos, realizados pelo método geolinguístico, objetivam descrever a fala, analisando o percurso geográfico e linguístico utilizado pelos falantes, os caminhos que mostram o que se manteve e o que foi adquirido na fala dos grupos investigados. Os primeiros trabalhos realizados a fim de recuperar a história das línguas, a partir dos princípios da Dialectologia e da Geolinguística, segundo Busse (2010, p.20) “confirmaram a tese de que os fenômenos linguísticos da variação não se restringem unicamente ao funcionamento da língua, mas que fatores externos [...] atuavam de forma determinante no comportamento das variedades linguísticas”.

1.1 JUSTIFICATIVA

A língua falada, utilizada pelo homem como instrumento de comunicação e interação, talvez está sujeita a sofrer mudanças contínuas diante de determinados fatores, o que leva à necessidade de registrar suas variações e mudanças para que os falares de outras épocas não se tornem desconhecidos. Para o registro, os atlas linguísticos são fundamentais, já que trazem informações linguísticas, socioculturais, entre outras. É por meio deles que pesquisadores realizam estudos diacrônicos e sincrônicos e comparam estudos feitos em regiões diferentes. De acordo com Romano (2012, p.21), esses trabalhos evidenciam “a variação linguística nas dimensões diatópica, diagenérica, diageracional, diastrática e diafásica, dependendo da metodologia empregada pelo atlas.

O estudo que propomos, ou seja, a elaboração do Atlas Linguístico de Curiúva – PR: Aspectos Lexicais, justifica-se pela contribuição que pode trazer se aliado a outros que têm como objetivo descrever a variação diatópica e diastrática do Português paranaense e conhecer melhor a Língua Portuguesa. O fator determinante para a proposta de desenvolvimento de estudos dialetais no município de Curiúva – PR, também foi motivado pela disciplina *Dialetologia e Geolinguística no Brasil*, ministrada pela professora Vanderci de Andrade Aguilera, no ano letivo de 2012.

O que também define a importância deste trabalho é o fato de o município não constar da investigação realizada nos 65 municípios do Paraná, que resultou nos atlas ALPR (1994 – AGUILERA) e no ALPR II (2007 – ALTINO). Passados 20 anos da publicação do ALPR, apresentamos alguns aspectos da linguagem dessa cidade paranaense com a finalidade de observar se existem variações e ao comparar nosso trabalho com os dados do ALPR (AGUILERA, 1994) e ALPR II (ALTINO, 2007), verificar a qual região linguística do Paraná Curiúva pertence.

1.2 OBJETIVOS

Neste trabalho, realizado sob o método geolinguístico, considerando, sobretudo, os pressupostos da Dialetologia Pluridimensional, nos propomos:

(i) construir um Atlas Linguístico da cidade de Curiúva, registrando em cartas linguísticas algumas variantes lexicais da fala de usuários naturais do município de Curiúva. Mais especificamente, pretendemos:

(ii) descrever e analisar algumas variantes lexicais, com base nas variáveis sociais, faixa etária e sexo, em informantes com as escolaridades: Básico Fundamental (2ª faixa etária) e Ensino Médio (1ª faixa etária);

(iii) comparar as variantes lexicais coletadas nesta pesquisa com os registrados por Aguilera (1994) e por Altino (2007), trabalhos de maior abrangência realizados no estado, que possibilitarão visualizar a qual região linguística paranaense pertence Curiúva.

(iv) compor um arquivo de dados das entrevistas e disponibilizar para a sala 169 (UEL - Regional ALiB – Paraná), a fim de propiciar material a todos os pesquisadores interessados em estudos que descrevem a variação linguística de um espaço determinado.

1.3 CONSTITUIÇÃO DO CORPUS

Este trabalho está organizado em dois volumes: o primeiro contendo as considerações introdutórias e o segundo, a apresentação das cartas lexicais. O primeiro volume está dividido em cinco capítulos. No capítulo 02 trazemos um breve perfil do município de Curiúva-PR, desde o início de sua povoação, primeiros moradores, aspectos físicos e ambientais que o constituem, como: posição geográfica, clima, hidrografia e um quadro da distribuição da formação das famílias tradicionais curiuvenses.

O capítulo 03 traz a fundamentação teórica que norteou a realização deste trabalho. Nele, traçamos o percurso da Dialetoлогия Pluridimensional, apresentando os principais teóricos da área, citando alguns estudos dialetológicos e geolinguísticos do exterior, a repercussão da área no Brasil. Aqui, também fazemos comentários sobre o ALiB – Atlas Linguístico do Brasil, o ALPR – Atlas Linguístico do Paraná e sobre alguns trabalhos dialetológicos realizados na Universidade Estadual de Londrina.

No capítulo 04, apresentamos os métodos e procedimentos utilizados em nossa pesquisa e descrevemos a localidade, a rede de pontos, os

informantes, o instrumento de coleta de dados, as entrevistas, o registro e a seleção das cartas.

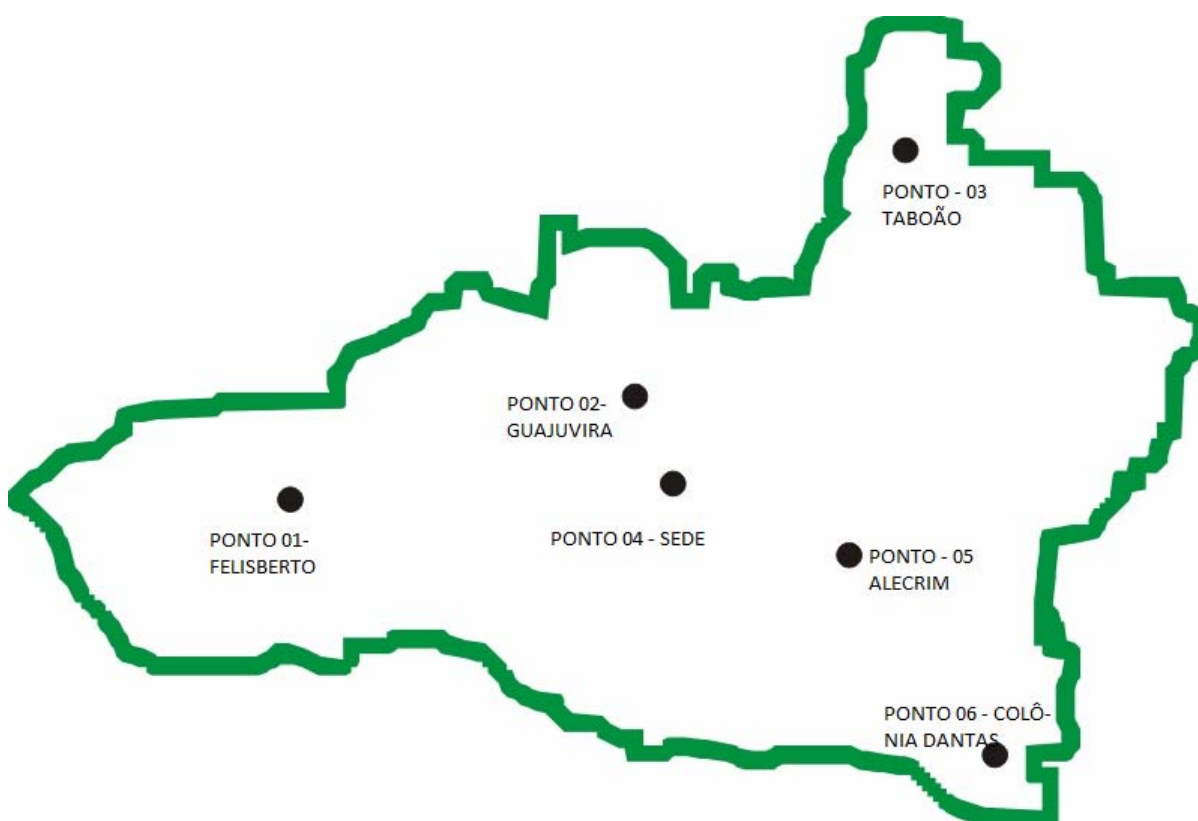
O capítulo 05 é dedicado à descrição e análise dos dados coletados no questionário semântico lexical, que resultou na elaboração de 103 cartas. Para encerrar o primeiro volume, tecemos considerações sobre o trabalho, apresentando as referências que deram embasamento para a sua realização.

O segundo volume apresenta o produto final deste trabalho, ou seja, a coletânea das cartas. Iniciamos com as cartas introdutórias, sendo elas, respectivamente: Localização de Curiúva no Paraná; Rede de Pontos; Inquiridora e, na sequência, as 103 cartas lexicais.

2 HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE CURIÚVA – PR

Localizada no interior do estado do Paraná, Curiúva é um município com população estimada em 14.720 habitantes, segundo dados do IBGE, no ano de 2014. Em 2010 era o 133º município mais populoso do estado paranaense, com área de 576,263 km², dos quais 2,0859 km² em perímetro urbano.

Figura 1 – Mapa da localidade (Rede de pontos)



As primeiras notícias registradas sobre a movimentação do município de Curiúva aconteceram na segunda metade do século XIX, quando começaram as explorações com o objetivo de abrir picadas sertão adentro, na região dos vales dos rios Paranapanema e Tibagi. Nessa época, o sertanista Joaquim Francisco Lopes, pioneiro desbravador da região sul de Mato Grosso e do norte do Paraná, a pedido de João da Silva Machado, o Barão de Antonina, invadiu a floresta tropical cortando as Serras do Facão e Caetê, transformando em rodovia a antiga picada que ligava os Campos Gerais à antiga Colônia Militar de Jataí.

Pequenos vilarejos, considerados pontos de parada de tropeiros, porcadeiros e safristas foram surgindo ao longo da estrada principal. Para os

moradores de toda essa região, a chegada desses comerciantes era motivo de festa, pois abasteciam as comunidades com mercadorias como açúcar mascavo, sal grosso, charque, medicamentos, cachaça, armarinhos, calçados, perfumaria e roupas.

O pequeno povoado chamado Caetê, que foi a primeira denominação de Curiúva, surgiu por volta de 1906. Caetê, na língua tupi, significa mata virgem; o nome Curiúva veio do tupi-guarani e significa uma variedade de pinheiro abundante na região na época da colonização do município. *Curi* – significa pinha, pinhão e *uwa* – significa árvore. Assim, Curiúva está associada a pinheiro ou árvore da pinha e do pinhão.

Figura 2 - Vista da cidade de Curiúva-PR



Os primeiros moradores da cidade foram Fortunato Rodrigues Jardim e Antônio Cunha, possuidores de grande área de terra na região. O clima era considerado muito bom e a terra fértil, o que atraía muitos viajantes que, ao passar pelo município, acabavam fazendo do pequeno povoado, local de morada. Tinha

como riqueza vegetal o pinheiro e como riqueza mineral o carvão, portanto, no ano de 1967, o município era chamado de “capital¹ do carvão”.

O município faz parte das bacias hidrográficas dos rios das Cinzas e Tibagi. Os rios que banham Curiúva são: Rio das Antas, Laranjinha e Lajeado. Situada na Mesorregião do Norte Pioneiro do Paraná, Curiúva faz limite com Figueira, Ibaiti e Sapopema (ao Norte); com Telêmaco Borba (ao Sul); com Ibaiti e Ventania (a Leste) e com Ortigueira (a Oeste).

Em relação à Educação, a cidade conta apenas com a oferta de Ensino Superior a Distância. Devido a isso, os interessados em dar continuidade aos estudos, de forma presencial, têm que ir para as cidades vizinhas. Observa-se que os estudantes jovens que saem do Ensino Médio têm vontade de melhorar o currículo, por isso participam do ENEM já no segundo ano do Ensino Médio. Aqueles alunos que não conseguiram entrar na faculdade pública e não têm condições de bancar seus estudos, acabam aderindo aos sistemas do governo que facilitam a vida estudantil como o PROUNI e o FIES. Quanto aos habitantes mais idosos, verifica-se o interesse de muitos deles em voltar para as cadeiras escolares, alguns até se matriculam em cursos ofertados para a educação de jovens e adultos, considerando uma oportunidade de aprimorar os conhecimentos.

A cidade de Curiúva carece de informações, notícias e registros sobre o histórico de sua formação e isso foi perceptível ao entrar em contato com a prefeitura, o fórum, a biblioteca. Os poucos dados encontrados foram retirados de páginas da web, de uma revista elaborada especialmente para o 50º aniversário de Curiúva, sob coordenação e editoração de Antônio Padilha Alonso, e também de conversas com moradores mais antigos.

Também contribuiu, para esta pesquisa, a consulta realizada no acervo do cartório de registro de civil deste município. A fim de verificar a naturalidade dos primeiros povoadores, foram consultados vários registros de nascimento entre os anos de 1900 a 1940. Selecionei 100 registros para análise, pelos quais pude verificar que o município já acolheu habitantes que vieram de várias partes do país e de outras nacionalidades: 67 (São Paulo – 1905/1940); 03 (Bahia – 1909/1910); 01 (Portugal – 1924); 01 (Síria – 1939); 01 (Itália – 1888); 02 (Pernambuco – 1905/1940); 01 (Galícia Oriental – 1923); 01 (Polônia – 1908); 01

¹ Informação obtida em recorte de jornal junto ao Livro do Tombo da Paróquia.

(Minas Gerais – 1916); 02 (Santa Catarina – 1904/1935); 01 (Rio Grande do Sul - 1905); 01 (Minas Gerais – 1916) e o restante pertencente a outras localidades do estado do Paraná. Neste período, predominam os paulistas como formadores do município. Segundo o cartório de registros do município, a partir da década de 50 do século passado começam a chegar os mineiros à cidade, os quais formaram grandes lavouras de café.

Outros dados importantes sobre o município foram cedidos pela Paróquia do Divino Espírito Santo, que disponibilizou documentos a partir da década de 50, período que marcou o início da construção da igreja matriz. Consta que, no dia 16 de fevereiro de 1952, tomava posse da Paróquia o padre Pedro Filipak, primeiro pároco de Curiúva. Cabe aqui descrever o que foi registrado pelo padre sobre alguns dados do município, após a sua tomada de posse, que nos permite viajar pelo tempo e conhecer um pouco desta cidade naquela época:

Curiúva² é uma minúscula cidade de 826 habitantes (estatística de 1950) na sua quase totalidade oriundos daqui. Até o ano de 1947 chamava-se Caetê, nome que os próprios aborígenes abominavam. Com a criação do município passou a denominar-se com o nome atual, que, aliás, significa quase o mesmo nome que Curitiba, nome bem escolhido, se tomarmos em conta a vastidão infinda de soberbas araucárias que se estendem para o sul. Os habitantes de Curiúva são bons, mas pouco amantes do progresso. Contentam-se com o que têm, não sabendo desenvolver ativamente o seu capital. Muitos dos seus habitantes são analfabetos. Há muita ignorância religiosa. Mas, como já disse, há boa vontade. Se bem que a maioria dos casamentos são realizados só no civil, já foram feitos alguns perante o pároco.

As primeiras indústrias instaladas no município são as serrarias onde são beneficiados o pinho, a peroba, cedro e outras madeiras de lei que o município possui ainda em quantidade. Existe mineração de carvão na região da Figueira, onde funcionam várias companhias que as exploram. As principais são: Carbonífera Brasileira, Cambuí do Rio do Peixe, Sorocabana. As terras do município são ótimas e grandes glebas podem ser plantadas com café, já que a geada, muito forte nos arredores de Curiúva não atinge a serra.

Em Curiúva há algumas casas comerciais e uns hotéis. O correio é transportado de ônibus 3 vezes por semana. Não possuímos telégrafo, nem telefone. A estrada do Cerne que liga Londrina com Curitiba é a via de comunicação mais importante, uma vez que corta o município pelo meio.

Há cinco anos estão atacando as obras de uma estrada que vai comunicar com Figueira, e daí com ramificação, uma para Ibaiti e outra para Cornélio Procópio. Há florescente colonização em Areia Branca, de japoneses, em Sapopema, na extremidade norte do município. (FILIPAK, 1952, p. 06).

Sabemos também, que a cidade adotou cidadãos vindos de diversas regiões do Paraná e do Brasil, fato que pode ser percebido pelas raízes das famílias

² Fonte: Dados obtidos pelo Livro do Tombo da Paróquia de Curiúva – p. 06.

mais antigas da cidade, em que observamos a naturalidade e idade da chegada desse pessoal à cidade, trazendo culturas que foram adquiridas com o tempo, formando o perfil do povo curiuvense.

Para trabalhos que verificam a variação diatópica, torna-se fundamental conhecer a origem, a descendência dos habitantes da localidade investigada. Na pesquisa que realizamos não foi diferente, procuramos pelas famílias mais antigas da cidade, detalhando suas origens, a fim de entender se influências culturais e sociais refletem na fala curiuvense. Na sequência, montamos um quadro para melhor descrever nossa investigação:

Quadro 1 - Distribuição da formação das famílias tradicionais curiuvenses

ANO DE CHEGADA AO MUNICÍPIO	FAMÍLIAS TRADICIONAIS	ORIGEM
1907	Família Borges	Tibagi - PR
1907	Família Prestes	Tibagi - PR
1910	Família Ajuz	Líbano
1910	Família Carneiro	Jaguariaíva/Piraí do Sul - PR
1917	Família Mainardes	Tibagi - PR
1920	Família Batista	Tibagi - PR
1927	Família Moreira da Silva	Piraí do Sul - PR
1938	Família Ribeiro	Ponta Grossa-PR
1939	Família Fadel	Síria
1940	Família Vander Broock	Holanda/Alemanha
1942	Família Pereira	Assis - SP
1945	Família Thomaz	Piraquara - PR
1945	Família Vedan	Piraí do Sul - PR
1947	Família Bucco	Curitiba - PR
1949	Família Bot	São José dos Pinhais - PR
1951	Família Martins	Tibagi - PR
1959	Família Majer	Iugoslávia
1960	Família Ferreira	Piraí do Sul
1964	Família Simão	Sarandi - SP
1985	Família Marquardt	Horizontina - RS

Fonte: Revista Curiúva-Paraná 50 anos (Antônio Padilha Alonso).

Pelo quadro apresentado, observamos que a maioria das famílias que formou o município veio da região sul do Paraná, o que pode significar uma influência da linguagem sulista sobre a variante desses habitantes.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta dissertação orienta-se pelos princípios da Geografia Linguística Pluridimensional que, de acordo com Monteiro (2000, p.30), “demarca regiões dialetais de acordo com critérios fonéticos, gramaticais e léxicos, pode também descrever um falar tomado isoladamente, sem referência aos falares vizinhos ou da mesma família”.

Sabemos que, com o passar do tempo, inovações linguísticas podem surgir, principalmente na língua falada, motivadas por fatores de ordem histórica, social e política. Silva Neto (1957) postula que a cultura humana é herança obtida pelo convívio das novas gerações com as antigas, daí a importância de verificar a questão da faixa etária para melhor compreender a variação e mudança linguísticas na comunidade estudada.

Segundo Almeida Baronas (2012, p.13),

A linguagem, é por natureza, um objeto sujeito a alterações, por ser uma parte constitutiva do ser humano. Ora, se o homem está sempre evoluindo, mudando sua aparência, suas idéias e seus valores, é perfeitamente normal haver variações e mudanças linguísticas.

Meillet (1921, *apud* Almeida Baronas, 2012, p. 13) já apontava que as alterações linguísticas estão relacionadas com o fato social. “Por ser a língua um fato social resulta que a linguística é uma ciência social, e o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da variação linguística é a mudança social”.

Nas pesquisas sobre variação, é possível verificar também as formas inovadoras numa comunidade de fala que convivem com as já existentes. A conservação ou a renúncia de uma forma primitiva e a adoção de uma forma inovadora, relembram as bases sobre as quais a língua se constitui. Segundo Labov (1994 – b, p.34): “³Para entender las causas del cambio es necesario saber donde, dentro de la estructura social, se originó el cambio, como se extendió a otros grupos sociales, y qué grupos mostrarón más resistência ante el”.

Fatores como espaço geográfico, migração, maior acesso à mídia, à escolaridade e o contato com diferentes culturas podem contribuir para que a língua se torne cada vez mais ativa e suscetível a transformações. No Brasil, muitos

³ “Para entender as causas da mudança, é necessário saber onde, dentro de qual estrutura se originou a mudança, como se espalhou para outros grupos sociais e que grupos mostraram maior resistência diante dela”. (tradução nossa).

estudiosos da área da linguagem têm apostado na pesquisa e descrição dos falares regionais. E é mais sobre esse assunto de pesquisas na área de Dialetologia e também de Geolinguística que discorreremos na próxima seção.

3.1 A DIALETOLOGIA E A GEOLINGUÍSTICA

A Dialetologia surge como forma de identificar e descrever as diferentes formas tomadas pela língua, documentando suas variações. A Geolinguística, por sua vez, ilustra tais variações por meio de representação cartográfica. De acordo com Brandão (1991, p. 79), a Dialetologia

em sentido restrito, é a disciplina que se ocupa do estudo de dialetos e falares, isto é, das variedades de natureza geográfica de uma língua. Em sentido amplo, é a disciplina que tem por objeto de estudo os dialetos, estes considerados como quaisquer variedades de uma língua. Sendo assim, pode-se falar em dialectologia horizontal e dialectologia vertical. A primeira ocupar-se-ia, basicamente, das variações diatópicas ou de natureza espacial. A segunda, das variações diastráticas ou de cunho sociocultural.

Buscar as diferenças linguísticas de cada comunidade de fala, observando as mudanças sociais e históricas, a fim de revelar um retrato linguístico da região investigada, são objetivos que devem direcionar o trabalho de um dialetólogo. Sobre isso, Altino (2012, p.71) observa que

Esses objetivos devem estar presentes não só nos atlas nacionais, mas, principalmente, nos regionais, por possibilitarem o estudo da língua por meio de um inventário linguístico verticalizado, no qual se espelhem algumas mudanças sociais, oferecendo, assim, subsídios para a constituição de um quadro sinótico da língua.

Para Coseriu (1982, p.84), a Geografia Linguística ou Geolinguística assume uma missão muito importante ao representar a linguagem de determinados espaços por meio de mapas linguísticos que “além de permitirem observações de caráter geral sobre o funcionamento da linguagem como meio de intercomunicação social, revelam a conexão entre a história linguística e os fatores geográficos ou geopolíticos”.

Os estudos de cunho geolinguístico vão além da finalidade de registrar e documentar as variedades linguísticas existentes nas localidades pesquisadas por meio dos atlas, afinal contribuem de maneira extraordinária para o

conhecimento da língua portuguesa, da fala dos sujeitos, dos itens lexicais etc. De acordo com Santos (2008), “muitas vezes como não constam de dicionários, glossários e livros, esses itens estão fadados ao desaparecimento. Neste contexto, os atlas são documentos que contribuem efetivamente para o resgate e preservação da língua portuguesa”.

A Geolinguística permite, a partir do estado atual da língua, recriar as palavras antigas esquecidas no tempo. Segundo Busse (2012, p. 165), “é possível mesmo perceber nessas palavras, ecoadas no tempo, o objeto mesmo da Geolinguística: os dialetos, tomados como formas pelas quais é possível determinar a ‘estratigrafia’ de uma palavra”. Para Alvar (1996, p.02), nos dialetos está a “biologia da linguagem, que não é senão a marcha do espírito sobre as palavras que, de algum modo, são a sua vestidura”.

A Dialetoлогия é a disciplina cuja função é descrever os diferentes dialetos, estudando a variação diatópica pelo método geolinguístico. Por meio desses estudos verificamos as relações entre o espaço geográfico e os fenômenos linguísticos apresentados, conhecendo, assim, a norma diatópica da localidade investigada. Segundo Cristianini (2007, p.50)

Considerando que a ideia de norma está definitivamente caracterizada pela presença da alta frequência e pela distribuição regular das variações em uma comunidade linguística, e que cabe à Geolinguística a descrição das variações diatópicas, poderemos especificar, por meio das respostas obtidas de entrevistas aplicadas a sujeitos de um certo grupo numa dada localização, a norma característica do local, além de precisar a repetição topográfica dos fenômenos apresentados em cartogramas.

Quando os fatos linguísticos são documentados em cartas e, posteriormente em atlas, é possível verificar as variações ocorridas nas diferentes localidades, oportunizando o conhecimento da fala dos sujeitos, dos itens lexicais utilizados naquele momento, como o caso do estudo lexical que estamos realizando neste trabalho. Segundo Cardoso (1996, p. 130-131), “é reconhecida a relevância da contribuição que esse ramo de estudos da linguagem pode trazer à reconstituição da história, ao entendimento da organização demográfica, às questões de natureza antropológica, em geral, e ao próprio ensino de língua materna”.

A autora, ao falar de língua materna, nos faz repensar sobre a contribuição que os estudos dialetológicos propiciam no que se refere ao ensino de língua portuguesa, pois é na escola que se tem o contato com a mistura de vários

dialetos, os quais devem ser respeitados, já que renegá-los é o mesmo que ignorar a história de nosso país.

Estudos linguísticos sobre variedades diatópicas nos orientam que cada espaço possui normas diferenciadas, seja no campo semântico lexical, fonético-fonológico ou morfossintático, e que a noção de “erro” na língua, não está ligada somente à Linguística, mas sim pelo que a própria sociedade julga como forma “correta” de expressão.

Geraldi (2002, p. 69) afirma que os estudos linguísticos sobre as variedades mostraram, fundamentalmente, “a complexidade de cada um dos dialetos (regionais, sociais), suas diferenças e suas semelhanças. Com isso, mostrou-se que a noção de erro [...] deriva da eleição social de uma das variedades como a certa”.

Soares (2000, p.41) já apontava que

Essas atitudes em relação aos dialetos não-padrão não são linguísticas; são atitudes sociais, culturalmente aprendidas, pois se baseiam em valores sociais e culturais, não em conhecimentos linguísticos. Na verdade, são julgamentos sobre os falantes, não sobre a sua fala.

Para Labov (2008, p. 50) “a comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada no uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas”. Segundo Tarallo (1990, p.06), “a cada situação de fala em que nos inserimos e da qual participamos, notamos que a língua falada é, a um só tempo, heterogênea e diversificada”.

Ainda sobre os falantes, cabe aqui ressaltar os apontamentos de Nogueira e Isquerdo (2005, p.232) sobre a importância das pesquisas dialetológicas que permitem “o conhecimento local e as experiências individuais, manifestados por meio de palavras, ou seja, do léxico particular, utilizados pelos falantes da língua, para manifestarem suas diferentes formas de interação social”.

A Geografia Linguística busca a realidade da língua falada, preocupando-se com aspectos significativos que ocasionaram evolução no funcionamento da língua nas diferentes localidades e nos diferentes níveis sociais. Já afirmava Brandão (1991, p.06) que “para o real conhecimento de um grupo humano, não basta pesquisar sua história, seus costumes ou o ambiente que vive, é necessário observar a forma particular de ele representar a realidade que o circunda”.

Em muitas ocasiões, a valorização dos estudos dialetológicos dependeu do contexto histórico e político da época. A Revolução Francesa, por exemplo, resultou em uma decisão de extinção dos dialetos na França, diferentemente do que houve no período do Romantismo, que trouxe a ideia de identidade nacional. A partir daí, os dialetos começaram a ser valorizados, pois notava-se neles uma fonte inesgotável de cultura, e isso propiciou de forma positiva o surgimento de várias pesquisas e estudos a respeito do tema.

Segundo Encarnação (2010, p.93)

A valoração dos dialetos produziu na Europa um movimento urgente de recolha de testemunhos vivos, pois se convenceram de que com o desenvolvimento cultural e industrial, esses dialetos iriam rapidamente desaparecer. Deste modo, os países românicos, menos desenvolvidos tornaram-se importantes pontos de investigação. Começaram a ser estudadas as realidades linguísticas em lugares onde o progresso rapidamente as colocaria em perigo de extinção.

Esses estudos visavam à recolha de dados voltados à fonética, morfologia, sintaxe e léxico do local investigado, representando tudo o que fosse considerado significativo e que explicasse os fenômenos dialetais.

A Geolinguística, após reunir grande quantidade de material, de modo rigoroso, apresenta as cartas linguísticas reunidas em atlas, que possibilitam melhor compreensão visual das particularidades de um dialeto. Sobre isso, Cristianini (2007, p.50) aponta que “se comparado com o estudo dos glossários, foi um passo à frente nos estudos dialetais, pois por meio de um cartograma linguístico, podemos visualizar, de maneira sinóptica, as variedades linguísticas de determinada lexia em uma dada área geográfica”.

Para Ferreira e Cardoso (1994, p.20), “a publicação de um atlas significa o final de um estágio e o início de uma obra aberta aos estudos dialetais, os mais distintos; é documento irrefutável de uma realidade da língua, diversificada nos seus vários níveis”.

Não se pode confundir Dialetologia com Geolinguística, pois esta, de acordo com Elizaincín (1992, p. 72), foi o método mais calculadamente elaborado dentro da Dialetologia, pois se preocupava com a diatopia e com o resgate de antigos dialetos locais, ameaçados, segundo os dialetólogos, pela rápida difusão da língua comum, ou seja, o standard literário ou oficial.

A partir da década de 1960, a Dialectologia, além da preocupação com o diatópico, passa a se interessar com o significado e a repercussão das variáveis sociais que influenciavam na fala dos informantes, fato que possibilitou o surgimento de uma nova Geolinguística, a Geolinguística Pluridimensional, que não exclui a antiga, a tradicional, mas que complementa, enriquecendo as pesquisas de campo e melhorando a apresentação dos resultados, tornando-os mais completos.

3.2 A GEOLINGUÍSTICA PLURIDIMENSIONAL

Entre várias outras dimensões ou grupo de fatores, a Geolinguística Pluridimensional pesquisa a variação da língua na dimensão geográfica, chamada de diatópica e na dimensão social, chamada de diastrática, apresentando informantes com diferentes perfis em cada ponto linguístico investigado. Para Radtke e Thun (1996, p. 25-49), a Geolinguística também “satisfaz sua velha aspiração de tornar visível a diacronia nos mapas diatópicos. Se pressupomos uma cartografia clara, a variação diageracional mostra o ‘tempo visível’ porque representa a convivência de gerações”.

Wardhaugh (1992, p.46) define as variações diatópicas e diastráticas, no âmbito da Dialectologia e da Geolinguística da seguinte maneira: “Enquanto os dialetos regionais são geograficamente baseados, os dialetos sociais se originam entre grupos sociais e dependem de uma série de fatores, sendo, aparentemente, os principais a classe social, religião e etnicidade”.

Para Mota e Cardoso (2006), o aumento do interesse por pesquisas no campo de estudos da Geolinguística Pluridimensional se dá pelos resultados que ela apresenta, pois incorpora dados morfossintáticos, pragmático-discursivos, metalinguísticos, e também pela apresentação dos dados nos atlas, que são acompanhados de comentários linguísticos e gravações de CDs que reproduzem a fala dos informantes, na situação e na localidade em que ela foi registrada.

A Geolinguística Pluridimensional não descarta a tradicional, mas sim a complementa, aumentando seu campo de observação e aprofundando seu trabalho de investigação. Nela, além dos dados diatópicos, são verificados os fatores de ordem diagenérica (sexo), diastrática (classe social), diageracional (idade), diafásica (situação de fala).

Quanto a essas dimensões, Thun (2005, p.71), apresenta um roteiro que melhor descreve a realidade linguística dos informantes nos pontos investigados:

- Dimensão Dialingual: as línguas em contato;
- Dimensão Diatópica: topostática;
- Dimensão Diatópica Cinética: topostático e topodinâmico;
- Dimensão Diastrática: socioculturalmente elevado e inferior;
- Dimensão Diageracional: geração I e II;
- Dimensão Diassexual: feminino e masculino;
- Dimensão Diafásica: leitura, conversa livre, resposta;
- Dimensão Diarreferencial: objetividade e metalinguagem.

De acordo com Busse (2008, p.05), “o conjunto de dimensões que busca refletir sobre as variáveis na descrição da variação num espaço geográfico é compreendido mais pela sua constituição sócio-cultural do que pela sua posição físico-geográfica”.

Um atlas que contemple todas essas dimensões facilita a compreensão dos fenômenos linguísticos, históricos e culturais, possibilitando a identificação do que mudou e do que pode ser considerado estático na linguagem de determinada comunidade.

3.3 ESTUDOS DIALETOLÓGICOS E GEOLINGUÍSTICOS: PERCURSOS E AVANÇOS

Neste tópico, buscamos traçar, sinteticamente, os caminhos percorridos pelos precursores de cada país, aqueles que se interessaram pelo estudo das línguas faladas. Iniciamos pelos estudos na Europa, até chegar ao Brasil, depois ao Paraná, e aqui, apresentar os trabalhos realizados na Universidade Estadual de Londrina que hoje servem de embasamento para vários pesquisadores interessados em trabalhos que buscam o retrato linguístico de um povo de determinada localidade.

Figura 3 – Graziadio Isaia Ascoli

Fonte: Itália: Ascoli⁴

O italiano Graziadio Isaia Ascoli foi o precursor da Dialetologia românica. No ano de 1870, publicou Cursos de glotologia e em 1873 fundou a revista Arquivo glotológico italiano, sempre preocupado em descrever as variedades românicas, questionando se uma língua fragmentada poderia ser considerada língua.

Para Jordan (1962, p.33), Ascoli “criou a Dialetologia italiana, dando-lhe foros de verdadeira ciência, devendo, por conseguinte, ser considerado o fundador da dialetologia românica em geral”. De acordo com Romano (2012, p.52), “Ascoli acreditava que a observação dos fenômenos linguísticos em uma língua viva fornece dados seguros pelos quais se pode chegar a estados anteriores à sua transformação, enquanto o inverso não é possível”.

⁴ Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Graziadio_Isaia_Ascoli

Figura 4 – Georg Wenker



Fonte: Alemanha: Georg Wenker⁵

Os estudos dialetológicos, feitos sob método geolinguístico, ganharam impulso no final do século XIX. O primeiro a elaborar um atlas linguístico foi o alemão Georg Wenker (1852-1911), que se ocupou da fonética para verificar fronteiras dialetais da Alemanha Setentrional e Central.

Wenker utilizou o método de pesquisa indireta, enviando questionários por correspondência para professores e pessoas cultas de várias localidades rurais selecionadas, a fim de verificar a variação dialetal nos pontos investigados. O questionário era composto de 40 frases curtas e a recolha dos dados teve a duração de dez anos. No ano de 1881, apenas um capítulo (*Sprachatlas Von Nord – und Mitteldeutschland, auf Grund von systematisch Mit hülfe der Volksschullehrer gesammelten*) foi publicado, porém, não obteve o sucesso esperado devido ao método por correspondência utilizado, que não traz veracidade total ao trabalho, inviabilizando verificar aspectos fonéticos da língua.

Wenker era adepto das leis fonéticas dos neogramáticos, por isso, seu atlas só continha material fonético. Fatores relacionados à variação linguística não foram considerados, além do mais, o autor não comprovou suas hipóteses,

⁵Fonte:http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/24/Georg_Wenker_Georg_Wenker_%281852-1911%29_%28Alter_Fritz%29.jpg

chegando a resultados contrários do que esperava. Contudo, não se pode deixar de reconhecer o mérito de sua tentativa, de construir o primeiro atlas planejado sob os postulados da neogramática.

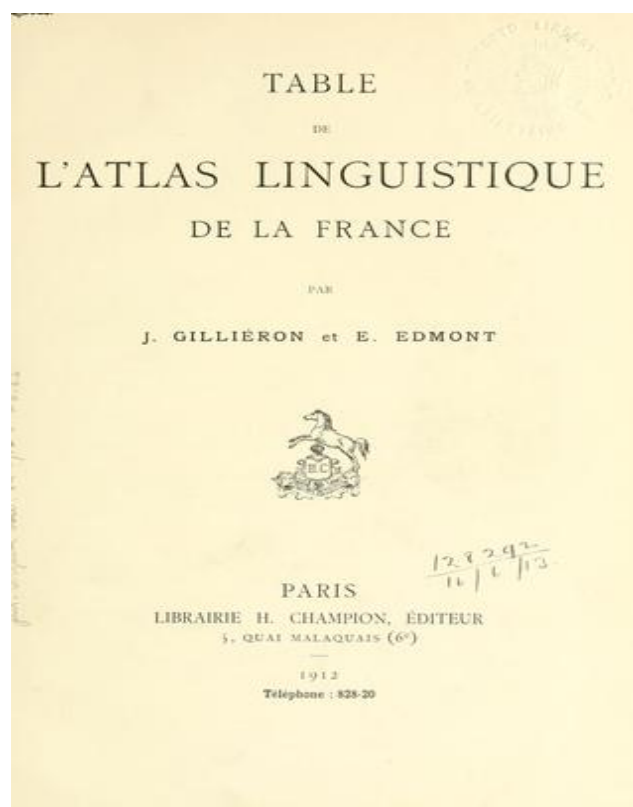
Figura 5 – Gustav Weigand



Fonte: Gustav Weigand⁶

No ano de 1909, outro alemão, Gustav Weigand (1860-1930), publica o *Atlas Linguístico Daco-Romeno*. Este apresentou progresso se comparado ao de Wenker, devido ao método de inquirição direta, menos sujeita a erros. O questionário era composto de 114 palavras para o estudo de fonemas, totalizando apenas 67 mapas, considerado pouco para um trabalho dessa dimensão. Weigand sofreu críticas não somente por seu trabalho não ter abrangido todos os fonemas e posições possíveis na língua, mas também pelo fato de que no mesmo ano de publicação de seu atlas, quase toda a obra de Gilliéron já estava publicada, fato que trouxe comparações inevitáveis entre os dois trabalhos.

⁶ Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/File:Gustav_weigand.JPG

Figura 6 – Atlas linguistique de la France

Fonte: França Jules Gilliéron⁷

O *Atlas linguistique de la France* (ALF), publicado em Paris entre os anos de 1902 e 1910, sob autoria de Jules Gilliéron (1854-1926) ganhou destaque pelo sucesso obtido na época. O autor, professor de Dialectologia da École des Hautes Études de Paris, já tinha experiência em trabalhos dialetais anteriores, o que facilitou no estudo intensivo dos dialetos franceses.

Um dos objetivos de Gilliéron era preservar os dialetos que estavam quase em extinção, devido à expansão cultural da França, registrando-os por meio de um atlas linguístico de amplas proporções que, além das variantes fonéticas, apresentava elementos linguísticos como morfologia, léxico, sintaxe.

O questionário era composto de 1900 questões para ser aplicado em 639 localidades da França, onde se falavam dialetos franceses, provençais e franco-provençais. As aldeias da Bélgica e da Suíça que falavam dialetos galo-românicos também foram investigadas. Neste trabalho, foram excluídos os territórios de língua não românica, como a Bretanha, que fala o bretão; as áreas de fala flamenga no nordeste, a região basca no sul e quase todas as grandes cidades.

⁷ Fonte: https://openlibrary.org/books/OL1_4050058M/Atlas_linguistique_de_la_France.

Para fazer os inquéritos, Gilliéron contou com a colaboração de Edmond Edmont que, por não ser linguista, não influenciaria nos resultados da pesquisa. Foram quatro anos e meio percorrendo as localidades com uma bicicleta, entrevistando as pessoas mais antigas, por conhecerem melhor o dialeto local. As perguntas eram as mesmas para todos os informantes, sendo anotadas em um caderno. À medida que recolhia os dados, enviava para Gilliéron em Paris, que imediatamente iniciava o processamento do material para organizar o atlas.

O ALF contém 1920 mapas, uma brochura explicativa e um índice alfabético. Embora os primeiros atlas linguísticos não tenham surgido na França, com a obra de Gilliéron o país ficou considerado o berço da Geografia Linguística, devido ao sucesso e ao acolhimento pela comunidade de estudos linguísticos. Wenker já havia verificado em seu atlas e o ALF deixou claro que não existem limites dialetais precisos. A análise do atlas confirma que muitas palavras migram e que com o tempo são alteradas ou substituídas por outras equivalentes.

Figura 7 - Karl Jaberg, Jakob Jud e Paul Scheuermeier.



Fonte: Itália e Suíça Meridional: Karl Jaberg e Jakob Jud⁸

⁸ Imagem: Karl Jaberg, Jakob Jud e Paul Scheuermeier.

Fonte: http://www.italiano.unibe.ch/content/linguistica/archivio_ais/galleria_fotografica/index_ita.html

O *Atlas Linguístico Etnográfico da Itália e Suíça Meridional* (AIS), de autoria de Jaberg e Jud (1928-1940) é tido como referência para os estudos dialetológicos por ser o primeiro a se dedicar à questão etnográfica nos atlas, não se limitando à investigação linguística. O início do trabalho foi no ano de 1919, mas o primeiro volume somente ficou pronto em 1928 e o último em 1940.

Para a elaboração do AIS, os autores contaram com a colaboração de três inquiridores para a coleta de dados. Cada qual seguiu uma direção, um para o centro-norte da Itália e o sul da Suíça, outro para a Itália Meridional e Sicília, e um terceiro para a Sardenha. Foram três questionários aplicados (um com 800 perguntas, outro com 2.000 perguntas e um terceiro com 4.000 perguntas), sendo entrevistado um informante por localidade. O atlas contém 1.705 cartas comentadas, 1.900 desenhos e 4.000 fotografias.

Figura 8 – Antoni Griera



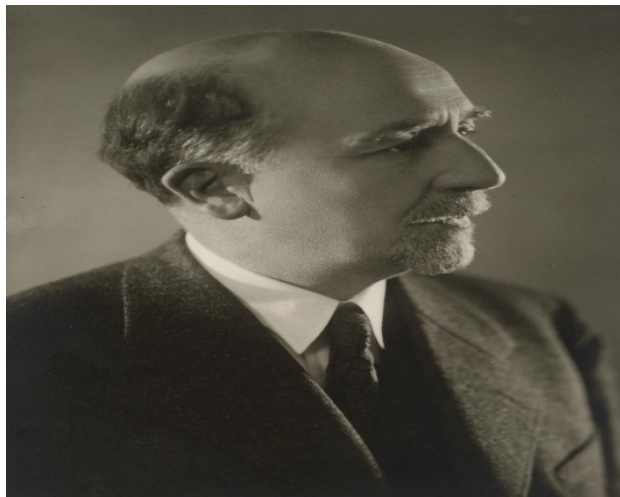
Fonte: Espanha: Antoni Griera⁹

Entre os anos de 1923 a 1939, Antoni Griera apresenta o *Atlas Linguístico da Catalunha*. O autor optou por fazer sozinho a coleta de dados e seguiu o questionário de Edmont para a elaboração de seus mapas. Foram 2.886 perguntas aplicadas em 101 localidades, totalizando 858 cartas publicadas em cinco volumes. O trabalho de Griera é considerado continuador do ALF, visto que

⁹ Fonte: <http://didactica.dites.cat/2009/05/mossen-antoni-m-griera-i-gaja.html>

abrangeu parte da França, ao ultrapassar a fronteira política entre França e Espanha.

Figura 9 – Sextil Puscariu

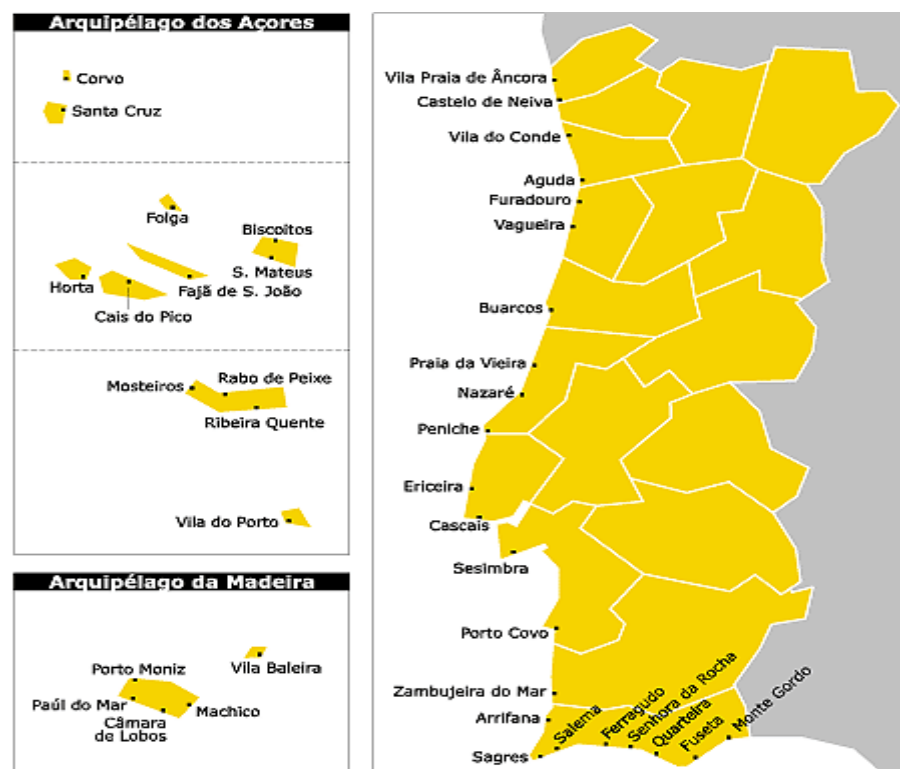


Fonte: Romênia: Sextil Puscariu¹⁰

Dirigido pelo linguista romeno Sextil Puscariu (1877-1948), o *Atlasul Linguistic Român* foi considerado uma obra muito importante, pois tratou de problemas relacionados à fonética, morfologia, vocabulário, além da inclusão de antropônimos e topônimos. Puscariu contou com ajuda de Server Pop e Emil Petrovici para a realização dos inquéritos, que ocorreu entre os anos de 1930 a 1937. Server Pop, nas 301 localidades investigadas, aplicou um questionário de 2.160 questões, enquanto Petrovici percorreu apenas 87 pontos, porém, com um questionário mais amplo. O trabalho dos pesquisadores gerou dois atlas, que tiveram que ser interrompidos devido à Segunda Guerra Mundial. Em 1956, os trabalhos foram retomados e publicados com o título: *Atlasul linguistic Român Partea I* e o *Atlasul linguistic Român Partea II*.

¹⁰ Fonte: http://it.wikipedia.org/wiki/File:Puscariu_S..JPG

Figura 10 – Representação dos pontos investigados no Atlas Linguístico do Litoral Português (ALLP).



Fonte: Portugal: Gabriela Vitorino¹¹

No ano de 1987, Gabriela Vitorino realizou um estudo sobre o léxico associado à pesca na orla marítima de Portugal, que resultou no *Atlas Linguístico do Litoral Português* (ALLP). Foram investigados 40 pontos, assim divididos: 23 na costa continental portuguesa, 05 no Arquipélago da Madeira e 12 nos Açores. O questionário contém 1.200 perguntas relacionadas aos seguintes campos semânticos¹²: a pesca e os processos de pesca, as embarcações e a navegação, a campanha e a comercialização do pescado, a fauna e a flora marinhas, aspectos da costa e do mar e os fenômenos atmosféricos. Segundo a equipe do CLUL (Centro de Linguística da Universidade de Lisboa), a pesquisa começou com a recolha do léxico relativo à fauna e flora marinhas nas 23 localidades continentais (1984/85).

Para Altino (2007, p. 25), “o carácter inovador do ALLP foi a análise dialetométrica feita em cento e vinte e três conceitos do conjunto de mapas desse atlas”.

¹¹ Fonte: <http://www.clul.ul.pt/pt/investigacao/207-project-linguistic-atlas-of-the-portuguese-coast-allp>

¹² Disponível em: http://www.clul.ul.pt/sectores/variacao/projecto_allp.php

Figura 11 - Adolfo Elizaincin e Harald Thun



Fonte: Uruguai: Adolfo Elizaincin e Harald Thun

Considerado um atlas pluridimensional, por abranger várias dimensões (diatópica, dialingual, diastrática, diageracional, diassexual, diafásica, diarreferencial), o *Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático Del Uruguay – ADDU* (THUN, 2000) tratou de observar a língua falada tanto do ponto de vista geográfico, quanto do ponto de vista social. Para a realização do ADDU, foram entrevistados 576 informantes, homens e mulheres, com as seguintes faixas etárias: 18 a 36 e mais de 60 anos. Os inquéritos foram aplicados no período de 1989 a 1992, em 127 localidades, resultando em 130 cartas.

Para Thun (2000), o material do ADDU possibilita a descrição das variedades lusas do norte do Uruguai, sendo possível captar a dinâmica interna dessas variedades e suas relações com a lusitanidade brasileira e europeia.

3.4 A REPERCUSSÃO DA DIALETOLOGIA E GEOLINGÜÍSTICA NO BRASIL

No Brasil, a primeira manifestação de interesse em descrever a língua falada no país, surge com Domingos Borges de Barros, o Visconde de Pedra Branca, que escreve em 1826 um capítulo para a obra *Introduction à l'atlas ethnographique du globe*, a pedido do geógrafo Vêneto Balbi. O objetivo deste estudo era fazer uma comparação entre o português europeu (PE) e o português brasileiro. De acordo com Aragão (2008, p.125), este estudo “mostrou, também, que as variações de léxico entre o Português de Portugal e do Brasil, quer em termos de forma, quer em termos de significado, faziam a diferença entre as duas variantes linguísticas”.

Segundo Cardoso (1999), os estudos dialetais no Brasil compreendem três fases:

Primeira fase: Como já dito anteriormente, inicia-se em 1826, com o trabalho do Visconde de Pedra Branca e vai até o ano de 1920, com o destaque da obra *O Dialeto Caipira*, de Amadeu Amaral. Nesta fase, os estudos são apresentados por meio de glossários, vocabulários e dicionários regionais, dentre eles¹³:

- Dicionário da língua brasileira (1832), de Luís Maria Silva Pinto;
- Vocabulário brasileiro para servir de complemento aos dicionários da língua portuguesa (1853), de Brás da Costa Rubim;
- Dicionário de vocábulos brasileiros (1889), pelo Visconde de Beaurepaire-Rohan;
- A linguagem popular amazônica (1884), de Macedo Soares;
- O tupi na geografia nacional (1901), de Theodoro Sampaio;
- Glossário paraense (1905), de Vincente Chermont de Miranda;
- Apostilas ao dicionário de vocábulos brasileiros (1912), de P. Carlos Teschauer;
- Dicionário de brasileirismos (1912), de Rodolfo Garcia.

A partir do que foi exposto acima, da observação dos trabalhos realizados, concordamos com a afirmação de Brandão (1991, p.43), no que diz respeito ao que foi produzido naquela época: “Como se pode observar, a semente da geografia linguística, como método para conhecimento das variedades dialetais, estava lançada. Não se fazia menção a atlas linguísticos, mas estes já se mostravam indispensáveis”.

Segunda fase: Inicia-se com a obra de Amadeu Amaral, “*O Dialeto Caipira*”, em 1920 e se estende até 1952. Para ARAGÃO (2008, p.126), “a obra de Amadeu Amaral é um marco nos estudos dialetais brasileiros por se preocupar em estudar o chamado falar brasileiro, com métodos e técnicas bastante adiantados para a época em que foi feita”.

Essa fase também é reconhecida pelas mudanças ocorridas nos trabalhos, que não descreviam apenas os fenômenos semântico-lexicais, mas

¹³ Dados coletados em: “A dialectologia no Brasil: Perspectivas”. (CARDOSO, S.A.M. Delta, vol.15, spe, SP, 1999). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000300010

também os fenômenos fonético-fonológicos e morfossintáticos. Eram produzidos estudos de caráter monográfico, que permitiam um novo olhar sobre a realidade linguística brasileira, destacando-se as obras de Amaral, Nascentes e Marroquim.

A obra “*O Dialeto Caipira*” nasceu da preocupação que Amaral tinha com o falar caipira da antiga província de São Paulo, que devido às grandes alterações do meio social, estava condenado a desaparecer. Amaral¹⁴, assim manifestava sua preocupação

Desapareceu quase por completo a influência do negro, cujo contato com os brancos é cada vez menor e cuja mentalidade, por seu turno, se modifica rapidamente. O caipira torna-se de dia em dia mais raro, havendo zonas inteiras do Estado, como o chamado *Oeste*, onde só com dificuldade se poderá encontrar um representante genuíno da espécie. A instrução e a educação, hoje muito mais difundidas e mais exigentes, vão combatendo com êxito o velho caipirismo, e já não há nada tão comum como se verem rapazes e crianças cuja linguagem divirja profundamente da dos pais analfabetos.

Amaral também chama a atenção para o fato de que se houvesse mais interessados em estudos sobre as variedades linguísticas, certamente que essas contribuições permitiriam um exame comparativo das várias modalidades locais e regionais. O autor frisa ainda que somente dessa forma se saberiam as características gerais dos dialetos e subdialetos brasileiros, bem como o grau de vitalidade e a extensão geográfica de cada um.

Segundo Ferreira e Cardoso (1994, p.41)

A porta se abriu para os estudos dialetais com *O dialeto caipira*. Nele encontram-se as linhas gerais para os estudos monográficos de uma região. O tratamento dos níveis fonético, lexical, morfológico e sintático a que se junta um vocabulário típico da área fazem da obra um marco e um modelo na descrição dos falares regionais do Brasil.

Passados dois anos, Antenor Nascentes publica “*O linguajar carioca em 1922*”, que, após a segunda edição passa a chamar somente de “*O linguajar carioca*”. Além da apresentação dos aspectos fonéticos, léxicos e morfossintáticos do dialeto carioca, a obra de Nascentes também ficou marcada pela primeira proposta de divisão dialetal brasileira.

¹⁴ Disponível em:
www.biblio.com.br/defaultz.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/amadeuamaral/odialetocaipira.htm

Essas obras marcam o início da Dialetologia no Brasil e “colocam-se escritas na esteira desse movimento de descobrir e explicar o Brasil, no ano exato em que o país completava 100 anos de independência política”. (MATTOS e MEDEIROS, 2013, p.04).

Uma característica bem forte e presente em Nascentes é o discurso naturalista e a comparação que ele faz com o estudo da língua e o estudo da moléstia realizado por um médico: “Iremos ver os erros, tentar explicar a razão de ser deles do mesmo modo como o médico estuda a etiologia das moléstias (NASCENTES, 1953, p. 14)”. Essa concepção de língua, como organismo vivo que pode contaminar e ser contaminada, ou até mesmo morrer, permaneceu na Filologia do século XXI e início do século XX.

Com o foco dirigido para o estudo dos estados de Alagoas e Pernambuco, outra obra que ganha destaque nessa segunda fase é a obra “*A língua do nordeste*” de Mário Marroquim, em 1934. O autor faz uma retrospectiva histórica, analisando aspectos fonológicos, lexicais e sintáticos na fala da região nordestina.

De acordo com Sá (2010), “desde que foram lançadas, essas obras têm contribuído para o auxílio de pesquisas, monografias, artigos, teses que retratam algum fenômeno de fala de comunidades pequenas até análise de grandes centros urbanos”.

Terceira fase: Inicia-se em 20 de março de 1952, com o Decreto 30.643, que em seu artigo 3º, elaborado pela Comissão de Filologia da Casa Rui Barbosa, esclarecia o objetivo principal de implantar estudos geolinguísticos no país, finalizando com um Atlas Linguístico do Brasil. De início já se sabia que não seria fácil, devido à grande área para ser investigada, à falta de pesquisadores capacitados para trabalhos dialetológicos, além da precariedade de recursos existentes naquela época.

Considerando a dificuldade do trabalho, alguns dialetólogos, dentre eles, Celso Cunha e Serafim da Silva Neto, defenderam a ideia da realização de atlas regionais, que depois de reunidos formariam o atlas nacional.

Algumas obras ganharam destaque nessa terceira fase, como: *Guia para estudos dialetológicos* (1957), de Serafim da Silva Neto, na qual propôs uma “mentalidade dialetológica” entre os pesquisadores, salientando condições a serem preenchidas pelo informante

Ser pessoa do lugar, filho de gente do lugar [...]; se casado, deve a esposa ser também do lugar [...]; ser iletrado se possível analfabeto [...]; não ter viajado, não ter feito o serviço militar [...]; ser agricultor, filho de agricultor [...]; ter entre 30 e 50 anos de idade. (SILVA NETO, 1955, p.28-29).

Entre 1958 e 1961, Nascentes publica *Bases para elaboração do atlas linguístico do Brasil*. A obra orienta os passos que devem ser seguidos para a realização de uma pesquisa dialetal, como: identificação do informante (dados completos), informações gerais sobre a localidade escolhida para ser investigada, e um questionário bem estruturado.

Segundo Romano (2012, p.69), “esses estudiosos passam a dar uma nova visão para o tratamento dos fenômenos da variação no Brasil, implantando um novo momento para a Dialectologia brasileira: o início da Geolinguística”.

Passados dois anos, em 1963, surge o primeiro atlas linguístico brasileiro, o Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB), de autoria de Nelson Rossi, linguista carioca filiado à Universidade Federal da Bahia, e de suas colaboradoras, Carlota Ferreira e Dinah Isensee. O questionário, aplicado em cinquenta localidades, era composto de 164 perguntas que abrangiam quatro áreas semânticas (homem biológico, pecuária, terra, vegetais). Rossi *apud* Brandão (1991, p.55), assim observou

A todo instante nos inquietávamos com a pergunta: mas o que nos garante que essas sejam as questões mais indicadas a propor? Uma tranquilidade – ai de nós, relativa – nos vinha ao pensar que a falha seria grave e nos propuséssemos um atlas exaustivo e não uma sondagem ainda preliminar que ajudasse a chegar a ele.

Foram selecionados dois informantes em cada ponto investigado e, segundo Brandão (1991, p.55), não houve “preocupação de que fossem, obrigatoriamente, de sexos diferentes ou de que se enquadrassem em determinada faixa etária”. No total foram 154 cartas, algumas delas ilustradas e outras resumitivas que demonstraram a vitalidade de formas arcaicas e a riqueza de significantes para o mesmo significado.

Para Isquierdo (2005, p.337), o trabalho liderado pelo autor e seus discípulos “resultou, no âmbito do Brasil, ao que se pode chamar de “escola dialectológica da Bahia”, cujos frutos em muito contribuíram para a construção da história dos estudos dialectológicos e linguísticos no Brasil”.

O APFB (1963) foi o ponto de partida para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil, mostrando que o registro dos falares nacionais não é algo inatingível. A partir dele, outros atlas foram iniciados e concluídos: *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - EALMG* (1977), de Ribeiro et al; *Atlas Linguístico da Paraíba – ALPB* (1984), de Aragão e Menezes; *Atlas Linguístico de Sergipe – ALS* (1987), de Mota e Ferreira; *Esboço de um Atlas Linguístico de Londrina – EALLO* (1987), de Aguilera; *Atlas Linguístico do Paraná – ALPR* (1994), também de Aguilera; *Atlas Linguístico da Ilha de Santa Catarina – ALISC* (1999), de Imaguire; *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS* (2002), de Koch et al; *Atlas Linguístico de Sergipe II – ALS* (2002), de Cardoso; *Atlas Linguístico Sonoro do Pará – ALISPA* (2004), de Rasky; *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM* (2004), de Cruz; *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul – ALMS* (2007), de Oliveira; *Atlas Linguístico do Paraná II – ALPR II* (2007), de Altino; *Atlas Linguístico do Estado do Ceará – ALECE* (2010), de Bessa; *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul II – ALERS* (2011), de Koch et al.

Segundo Mota & Cardoso (2013, p.123)

Não ficam ausentes desse período estudos de natureza teórica, a produção de léxicos regionais e de glossários, bem como a elaboração de monografias sobre regiões diversas. Destaca-se, porém, como marca dessa terceira fase, o surgimento de atlas linguísticos regionais.

A partir da implantação do Atlas Linguístico do Brasil, Mota e Cardoso (2006) delimitam uma quarta fase para os estudos dialetais, que se inicia em 1996 e se estende até os dias atuais. Segundo as autoras, a construção do ALiB “vai coincidir, nas universidades brasileiras com a implementação da pesquisa na área da Geolinguística, como se comprova com a elevação do número de publicações, comunicações a congressos, trabalhos de Pós-Graduação [...]”. (Mota & Cardoso, 2013, p.125-126).

3.4.1 O ALiB – Atlas Linguístico do Brasil

Segundo Altino (2007, p.57), “a preocupação em descrever a língua portuguesa falada no Brasil tornou-se cada vez mais constante à medida que eram elaborados os atlas estaduais e regionais nos quais as diferenças e/ou semelhanças entre falares ficavam evidentes nas cartas linguísticas”.

Motivados pela realização de um sonho e considerando a existência de dialetólogos preparados no país para trabalhar com a heterogeneidade linguística, no ano de 1996, na Universidade Federal da Bahia, vários pesquisadores se reuniram para tratar do projeto *Atlas Linguístico do Brasil* (Projeto ALiB), durante o seminário *Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística do Brasil*, realizado em Salvador, de 4 a 8 de novembro. Foi a partir daí que se formou o Comitê Nacional formado pelos seguintes integrantes:

- Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso (Diretora Presidente);
- Jacyra Andrade Mota (Diretora Executiva);
- Maria do Socorro Silva de Aragão (Diretora Científica);
- Mário Roberto Lobuglio Zágari (Diretor Científico);
- Vanderci de Andrade Aguilera (Diretora Científica);
- Walter Koch (Diretor Científico).

De acordo com o Comitê Nacional do Projeto ALiB (2001, p. vii), os objetivos são:

* Descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas, léxico-semânticas e prosódicas) consideradas na perspectiva da Geolinguística.

* Oferecer aos estudiosos da língua portuguesa (linguistas, lexicólogos, etimólogos, filólogos), aos pesquisadores de áreas afins (história, antropologia, sociologia, dentre outras) e aos pedagogos (gramáticos, autores de livros-texto para o ensino fundamental e o ensino médio, professores) subsídios para o aprimoramento do ensino/aprendizagem e para uma melhor interpretação do caráter multidialetal do Brasil.

* Estabelecer isoglossas com vistas a traçar a divisão dialetal do Brasil, tornando evidentes as diferenças regionais através de resultados cartografados em mapas linguísticos e de estudos interpretativos de fenômenos considerados.

* Examinar os dados coletados na perspectiva de sua interface com outras áreas do conhecimento afins – história, sociologia, antropologia e outras -, de modo a poder contribuir para fundamentar e definir posições teóricas sobre a natureza da implantação e desenvolvimento da língua portuguesa no Brasil.

* Oferecer aos interessados nos estudos linguísticos um considerável volume de dados que permita aos lexicógrafos aprimorarem os dicionários, ampliando o campo de informações; aos gramáticos atualizarem as

informações com base na realidade documentada pela pesquisa empírica; aos autores de livros didáticos adequarem a sua produção à realidade cultural de cada região; aos professores aprofundarem o conhecimento da realidade linguística, refletindo sobre as variantes de que se reveste a língua portuguesa no Brasil e, conseqüentemente, encontrando meios de, sem desprestigiar seus dialetos de origem, levar os estudantes ao domínio de uma variante tida como culta.

* Contribuir para o entendimento da língua portuguesa no Brasil como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso, mas dotado de uma unidade sistêmica.

Para desenvolver o projeto, foram selecionadas 250 localidades brasileiras, com informantes de duas faixas etárias – 18 a 30 anos e 50 a 65 anos, do sexo feminino e masculino. Nas capitais de Estado, fixou-se o número de 8 informantes e 4 nas demais localidades, sendo alfabetizados, tendo cursado no máximo até a quarta série do Ensino Fundamental. Nas capitais, quatro, dos oito informantes, deveriam possuir Ensino Superior. Três tipos principais de questionários¹⁵ foram montados:

- Questionário Morfossintático (QMS), com 49 perguntas;
- Questionário Semântico-Lexical (QSL), com 202 perguntas que recobrem 14 áreas semânticas;
- Questionário Fonético-Fonológico (QFF), com 159 perguntas;

Nascida a ideia, estabelecidos os objetivos, tornava-se hora de convocar os interessados a pôr em prática. Para Cardoso (2012, p.16-17),

Era preciso ter a presença de alguém de muita experiência na direção de atlas atuais, mas era preciso também que fosse alguém provido de entusiasmo pelo trabalho no campo da Geolinguística e, sobretudo, capaz de transmiti-lo a um público de dialetólogos diversificado em idade, em experiência e em motivação.

O Atlas Linguístico do Brasil propõe um atlas voltado à pluridimensionalidade, adotando fundamentos da Geolinguística contemporânea.

Cardoso (2012, p.20) apresenta um quadro com a distribuição dos responsáveis pela execução da pesquisa de campo nos estados, conforme o que

¹⁵ “Com referência ao questionário linguístico, deliberou-se pela aplicação (i) de três tipos de questionário direcionados, especificamente, cada um deles, para os aspectos fonético-fonológico – incluindo-se aí questões de prosódia -, semântico-lexical e morfossintático; (ii) de questões referentes à pragmática; (iii) perguntas de natureza metalinguística. Sugerem-se, além disso, temas para o registro de discursos semidirigidos e leitura de texto”. (ALiB, 2001, p. viii).

ficou decidido na XXXV Reunião do Comitê Nacional, ocorrida em julho de 2012, em Salvador:

Quadro 2 – Regionais do Projeto ALiB

REGIONAL	COMPOSIÇÃO	DIRETOR CIENTÍFICO RESPONSÁVEL	COLABORAÇÃO A OUTROS ESTADOS
PARÁ	Pará	Abdelhak Razky	Amapá
CEARÁ	Paraíba, Rio Grande do Norte, Piauí, Ceará, Maranhão	Maria do Socorro Silva de Aragão	Amazonas
BAHIA	Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Rio de Janeiro	Jacyra Andrade Mota	Piauí, Minas Gerais, Espírito Santo
MATO GROSSO DO SUL	Rondônia, Roraima, Acre, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás	Aparecida Negri Isquerdo	Amazonas, Pará, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo
MINAS GERAIS	Minas Gerais	Ana Paula Nunes Rocha (✓ Mário Roberto Lobuglio Zágari)	
PARANÁ	Paraná, São Paulo, Amapá	Vanderci de Andrade Aguilera	Amazonas, Roraima, Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Rio Grande do Sul.
RIO GRANDE DO SUL	Florianópolis, Rio Grande do Sul	Cléo Altenhofen, Felício Wessling Margotti (✓ Walter Koch)	

Fonte: CARDOSO, S.A.M. (2012, p.20).

Apesar da evolução dos estudos dialetológicos, há ainda alguns estados que não possuem seu próprio atlas. Quanto a isso, Aguilera (2006, p.235) expõe que “a ausência de um único atlas deixa lacunas irreparáveis na análise da expansão e concentração de variantes fônicas e léxicas que podem espelhar com propriedade, o avanço, o recuo, a permanência e a passagem do homem e de sua linguagem pelo espaço e a cada tempo”.

O ano de 2013 foi marcado por avanços em relação às pesquisas dialetológicas. De acordo com Romano (2013, p.230),

Em 2013, o número de estados que não possuem atlas diminuiu para três. O Atlas Linguístico do Mato Grosso, que até 2005 era um projeto, começou a ser desenvolvido. Atlas, antes em andamento, como, por exemplo, o ALMS e o ALCE, em 2013, já se encontram publicados.

O projeto ALiB tem promovido o conhecimento da língua portuguesa falada no Brasil, por meio da apresentação dos falares regionais, dos caminhos percorridos pelo português brasileiro e, de certa forma, contribuído para o aperfeiçoamento dos processos de ensino-aprendizagem da língua portuguesa.

3.4.2 O ALPR – Atlas Linguístico do Paraná

O ALPR nasceu da tese de Doutorado em Letras de Vanderci de Andrade Aguilera, apresentada em novembro de 1990 (UNESP-Assis). Foi publicado em 1994 pela Imprensa Oficial do Estado, sendo o quinto na ordem cronológica de atlas concluídos no Brasil.

Segundo Altino (2007, p.83), “a metodologia do ALPR foi norteada pela Dialetologia tradicional, postulada por Cunha e Silva Neto, no II Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros (1957) e por Nascentes (1958 e 1961)”, com algumas adaptações. Foram selecionadas 65 localidades, conforme descritas no quadro abaixo.

Quadro 3 – Rede de pontos do ALPR (nº. do ponto e localidade).

1- Diamante do Norte	17-São Jerônimo da Serra	33-Assis Chateaubriand	49- Dois Vizinhos
2- Santo Inácio	18- Ibaiti	34- Campina da Lagoa	50- Laranjeiras do Sul
3- Primeiro de Maio	19- Siqueira Campos	35- Manoel Ribas	51- Guarapuava
4- Bandeirantes	20- São José da Boa Vista	36-Castro	52- Irati
5-Cambará	21- Umuarama	37- Cerro Azul	53- Palmeira
6- Jacarezinho	22-Cruzeiro do Oeste	38- Adrianópolis	54- Curitiba
7- Loanda	23- Peabiru	39- Cascavel	55-Paranaguá
8- Paranavaí	24- São Pedro do Ivaí	40-Guaraniaçu	56- Barracão
9- Maringá	25- Ortigueira	41-Pitanga	57-Francisco Beltrão
10-Jaguapitã	26-Jaguariaíva	42- Prudentópolis	58- Pato Branco
11- Londrina	27- Guairá	43- Ponta Grossa	59-Mangueirinha
12- Jataizinho	28- Goioerê	44- Rio Branco do Sul	60- Palmas
13-Ribeirão do Pinhal	29- Campo Mourão	45- Antonina	61-União da Vitória
14- Querência do Norte	30- Ivaiporã	46- Guaraqueçaba	62- São Mateus do Sul
15-Cianorte	31- Tibagi	47- Foz do Iguaçu	63- Lapa
16- Apucarana	32-Marechal Cândido Rondon	48- Capanema	64-Rio Negro
			65 - Guaratuba

Fonte: (ALTINO, 2007, p.84)

O questionário utilizado para o ALPR é de autoria de Caruso (1983), com algumas modificações. A pesquisa, realizada *in loco*, envolve dois campos semânticos: **Terra** (Natureza: fenômenos atmosféricos, astros, tempo. Flora: árvores, frutos etc. Fauna: Aves, pássaros, animais etc. **Homem** (Partes do corpo, funções, doenças etc; Vestuário e calçados; Agricultura, instrumentos agrícolas etc; Brinquedos infantis; Lendas e superstições).

Aguilera realizou os inquéritos entre 1985 e 1989, com a colaboração de estudantes, professores e graduados em Letras da Universidade Estadual de Londrina.

Os informantes do ALPR deveriam morar na localidade, preferencialmente desde o nascimento, ser ou ter sido agricultor, e o homem, não ter feito serviço militar. Também deveriam se encaixar nos seguintes critérios:

- Escolaridade – baixa ou nula.
- Faixa etária¹⁶ – 30 a 60 anos.
- Sexo – um homem e uma mulher em cada localidade.

Tais quesitos não foram preenchidos integralmente por todos os informantes. Sobre isso, Aguilera (2005, p.151) salienta que “a realidade demonstrou que cada localidade tem sua própria história e que os critérios teriam que ser flexíveis, fazendo com que nos adequássemos às circunstâncias e ao meio ambiente, a fim de não inviabilizarmos a execução do projeto”.

Foram 130 entrevistas que totalizaram 191 cartas, assim distribuídas: 92 cartas lexicais, 70 cartas fonéticas; 29 cartas isoglóssicas ou sintéticas. Sobre a conclusão de seu trabalho, Aguilera acrescenta que,

Algumas cartas fonéticas permitem visualizar duas grandes áreas de isófonas que dividem o falar do Norte e do Sul paranaenses [...]. As cartas lexicais, por sua vez, documentam várias distribuições que, a rigor, não são homogêneas, mas apresentam claramente os pontos de irradiação”. (AGUILERA, 1999, p. 09).

Os dados recolhidos para o ALPR muito têm contribuído para inúmeras pesquisas na área de estudo sobre a linguagem.

Pode ser que, dentro de alguns anos, enquanto a **lũa** ou **luma** brilha no céu, cortado pelo **caminho de Adão e Eva**, e às vezes, riscado de fora a fora pelos **fuzilo** em noites de **tromenta** e **carmario**, ameaçadas pelos pesados **burcão**, não mais vejamos o nosso caboclo, contemplativo e solitário, esperando pela **mãe-de-ouro** para realizar seu sonho de uma vida digna e mais humana. Pode ser que não venha assustar as suas noites a ameaça do **lobisome** na sexta de **coresma** e a perseguição dos eternos condenados **boitatá** se **pechando** no ar entre as copas dos pinheiros. Pode ser que o **cuitelinho** deixe de sobrevoar as flores dos campos que se estão extinguindo pela irresponsabilidade e ganância do homem; pode ser que o **rico** e o **loro** venham a ser um só; ou nenhum; pode ser que o gavião **carancho**, o **pinhé**, o **caracará**, o **penacho** e o **quiriquiri** venham a ser apenas uma ilustração de enciclopédias; pode ser também que o **cambau**, o **manguá**, o **chacho**, o **sarilho** e o **rolete** não sobrevivam à força da tecnologia; e talvez, igualmente, se sepultem como coisas do passado o **come queto** ou **pé-de-cachorro**, a **pipa** ou **pandorga**, o **pinhé** ou a **gangorra**, a **surjoa** ou a **sistente**, a curica e a jojoca. (AGUILERA, 1994, p.09)

¹⁶ Segundo Altino (2007, p.86): “Alguns informantes estavam fora da faixa etária estipulada na metodologia do ALPR (1994). São eles: i) informante A do ponto 14 – Querência do Norte – com 27 anos; ii) informante B do ponto 28 – Goioerê – com 28 anos; iii) informante A do ponto 59 – Mangueirinha – com 62 anos”.

Passados quase 20 anos, a contar do início da coleta de material, esses dados foram retomados na tese de doutoramento de Altino, para a realização do ALPR II, o qual buscou contemplar dados inéditos, à luz da Geolinguística e de um novo método, a Dialetometria.

O ALPR II (2007) apresenta 175 cartas, sendo 125 lexicais e 50 fonéticas. Para Altino (2007, p.157): “A aplicação de tais métodos – geolinguístico e dialetométrico – ao *corpus* coletado para o ALPR (1994) é complementar, uma vez que cada uma das metodologias adotadas consagra-se por sua abrangência: o método geolinguístico”.

3.5 OS TRABALHOS DIALETOLÓGICOS NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA

Já são muitos os trabalhos de natureza dialetológica realizados na Universidade Estadual de Londrina. Na sequência relembramos algumas dissertações e teses, que hoje também servem de base para o melhor conhecimento da língua portuguesa falada no Paraná. Para Altino (2009, p.42) o “ALPR abriu caminhos para novos trabalhos no campo da Dialetologia despertando, em particular nos alunos da pós-graduação da Universidade Estadual de Londrina, o desejo de dar continuidade à pesquisa do léxico paranaense, sobretudo de base rural”.

3.5.1 Para um Glossário da Fala Popular Rural Paranaense

A dissertação de Rosa Evangelina de Santana Belli Rodrigues, realizado no ano de 2000, com base nos pressupostos teóricos da Lexicografia, teve por objetivo a construção de um glossário para a fala popular rural paranaense, relativo ao campo semântico do *homem*. A autora utilizou as informações contidas no *corpus* do ALPR (1994) e, após a seleção de quatro estudos de cunho léxico desse estado, reuniu os glossários para serem intercomparados, a fim de demonstrar com clareza a fala popular rural. O glossário montado por Rodrigues dispõe de 511 lexias, que permitem uma visão do conhecimento cultural do homem do campo.

3.5.2 Aspectos Linguísticos da Fala de Cândido de Abreu: um Estudo Geossociolinguístico

No de 2000, o município de Cândido de Abreu, tem a linguagem rural investigada por Fádua Maria Moisés Lino. Foram selecionados 09 pontos linguísticos, sendo quatro informantes (dois homens e duas mulheres), em duas faixas etárias: 18 a 35 anos e 45 a 70 anos, totalizando 36 entrevistas. As questões foram retiradas do Questionário Semântico Lexical (QSL) do ALiB.

Pelo fato de o município ser formado por várias etnias, como: ucranianos, alemães, franceses e poloneses, um dos objetivos era apontar se, nos vocábulos pesquisados, seriam encontrados vestígios de influência estrangeira. O trabalho de Lino, feito sob o método chamado geossociolinguístico ou pluridimensional, resultou em trinta cartas lexicais analítico-sintéticas. A autora também buscou verificar as variáveis sexo, faixa etária e diastrática dos informantes desse município, chegando à conclusão de que os homens possuem um acervo lexical maior que as mulheres; as diferenças linguísticas entre os sexos é resultado das experiências familiares, econômicas e sociais; as influências étnicas marcaram a vida desse povo, mas não interferiram significativamente no vocabulário, apenas no nível fonético.

3.5.3 Pelos Caminhos da Geolinguística Paranaense: um Estudo do Léxico Popular de Adrianópolis

Ao pesquisar o léxico popular de Adrianópolis, no ano de 2001, Fabiane Cristina Altino trabalhou com a hipótese de que a linguagem dessa comunidade tenha se mantido igualmente à que foi coletada por Aguilera (ALPR, 1994), devido ao isolamento geográfico desse município, à precariedade dos meios de comunicação e ao fato de a maioria da população ser idosa.

Os critérios adotados para o estudo em Adrianópolis foram:

Sexo: dois homens e duas mulheres.

Faixa etária: duas, de 20 a 45, e acima de 55 anos.

Escolaridade: baixa ou nula.

No total foram 24 entrevistas, em seis pontos linguísticos, utilizando como instrumento de pesquisa o questionário do ALiB, do qual foram selecionadas

105 questões, dentre as 202 propostas pelo QSL (Questionário Semântico Lexical) – ALiB.

Segundo Altino (2009, p.47), um dos fatores relevantes para a escolha dessa localidade “é seu considerável isolamento, tanto geográfico – localidade cercada pela Serra do Mar e por rios da região – quanto social, que podem indicar um possível conservadorismo no que diz respeito aos hábitos linguísticos”.

As 109 cartas linguísticas elaboradas permitiram concluir que, mesmo de forma lenta, as mudanças vêm acontecendo, ora pelos jovens que hoje possuem maior contato com outras culturas (mídias, internet, amigos, escola), ora pela diferença entre a linguagem de homens, com maior produtividade de variantes lexicais que as mulheres. A pesquisa confirmou a hipótese de Altino de que o isolamento da comunidade e o fato de a maioria da população ser formada por idosos são fatores que interferem para que as mudanças linguísticas sejam menores.

3.5.4 Medicina Caseira Paranaense: um Estudo Geolinguístico

Nesse trabalho, Solange Staciaki de Souza (2005) fez um estudo das variantes lexicais do campo semântico das plantas medicinais no estado do Paraná. O objetivo era conhecer e analisar a distribuição diatópica das variantes lexicais para as plantas medicinais e práticas caseiras de medicina. Para isso, a autora utilizou as respostas das questões de número 88 a 103 do questionário do ALPR.

Souza (2005) possibilita em seu trabalho uma aproximação do conhecimento de mundo que as pessoas têm e mantêm para tratar de diferentes tipos de doenças, transmitindo suas crenças, seus valores e costumes. A autora aponta para o fato de que

Os pesquisadores médicos e os profissionais da saúde devem, portanto, abrir seus olhos à grande dívida da medicina para com os leigos perspicazes, do passado e do presente, e equilibrar o ceticismo dos cultos com uma mente aberta, capaz de registrar a sabedoria médica não tradicional. (SOUZA, 2005, p.96).

Os dados revelam que as variações não são meras questões de ordem linguística, mas sim culturais, que permitem conhecer a realidade do povo de determinada comunidade, que possuem marcas específicas, passíveis de serem observadas.

3.5.5 Em Busca de uma História para o Léxico Rural Paranaense

O objetivo da tese de Rosa Evangelina de Santana Belli Rodrigues, em 2007, esteve voltado a “investigar a interação entre parte do vocabulário rural usado na região do Estado do Paraná, Sul do Brasil, e sua história social, buscando explicar a dinâmica do léxico rural paranaense”. (RODRIGUES, 2007, p. 09)

A autora utilizou a base teórica da Geografia Linguística e os conceitos teóricos da Lexicologia e da Sociolinguística. Foram selecionadas vinte cartas do ALPR, que se transformaram em noventa, pois foi necessário desconstruir os mapas por conta do número de variantes que eles possuíam e isso facilitou a análise.

Rodrigues conclui sua tese apresentando três grandes áreas lexicais existentes no Paraná: O Norte do Estado, que possui vocabulário influente de mineiros, paulistas e nordestinos; O Sul, pelos falares catarinenses e gaúchos; O Centro Norte do Estado, área de transição na qual as variantes coocorrem, na altura dos municípios de São Pedro do Ivaí e Campo Mourão. Nesse trabalho também se observa a influência indígena e da norma padrão presentes no léxico dos informantes.

3.5.6 Estudo Linguístico-Etnográfico em Comunidade Paranaense de Imigrantes Ucrânicos: do Passado ao Presente

Norteadas pelos princípios metodológicos da Sociolinguística, na dissertação de mestrado, Neiva Mara Zanin Garcia (2008) fez um estudo em tempo real e tempo aparente, para verificar o estágio atual da linguagem dos habitantes de Dorizon, localidade já investigada na década de 1960 por Miguel Wouk.

Devido ao curto espaço de tempo para cumprir as etapas do mestrado, Garcia teve que fazer alguns recortes em seu trabalho, e elegeu como objeto de estudo o ditongo nasal **ão**, pelo fato de apresentar variações mais

significativas na fala dos informantes. Para a coleta de dados, utilizou o Questionário Semântico lexical (QSL) e Questionário Fonético Fonológico (QFF), do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB, 2001), com adequações que abordaram assuntos não tratados anteriormente por Wouk.

Para analisar o ditongo nasal **ão**, a autora selecionou as questões do QFF, formadas por esse ditongo, como¹⁷: questão 2 (TELEVISÃO), questão 10 (FEIJÃO), questão 17 (PINHÃO), questão 19 (FACÃO), questão 32 (CALÇÃO), questão 33 (UNIÃO), questão 36 (PROCISSÃO), questão 38 (PERDÃO) e questão 45 (CORAÇÃO). A fala dos informantes também foi monitorada por meio de narrativas de experiência pessoal, ao solicitar relato sobre as festas típicas de Dorizon e relato sobre a profissão exercida.

No total foram treze informantes, homens e mulheres, pertencentes a três faixas etárias: 20 a 40, 50 a 65 e mais de 70 anos. Os níveis de escolaridade exigidos também foram três: Fundamental, Médio e Superior. Em sua pesquisa, Garcia (2008, p. 105) conclui que “depois de mais de cem anos decorridos da chegada dos primeiros imigrantes vindos da parte ocidental da Ucrânia, este grupo étnico conserva nítidos traços culturais originários, contribuindo, assim, de maneira marcante para a preservação da cultura local”.

3.5.7 Um estudo Geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná

Com o objetivo de descrever e documentar os fenômenos linguísticos, apresentando uma descrição diatópica e sociocultural das variantes da fala do Oeste do Paraná, em 2010, Sanimar Busse realizou a tese de doutorado a partir dos princípios da Dialetoologia Pluridimensional.

Os pontos investigados foram: Guaíra, Santa Terezinha de Itaipu, Assis Chateaubriand, Santa Helena, Marechal Cândido Rondon, Medianeira, Capitão Leônidas Marques, Guaraniaçu e Cascavel. Os dados foram colhidos entre informantes de duas faixas etárias: 18 a 35 anos e 45 a 65 anos, com as escolaridades:

- (i) EFI: Ensino Fundamental incompleto.
- (ii) EMI: Ensino Médio incompleto.

¹⁷ Fonte: (GARCIA, 2008, p.81).

Sobre o questionário utilizado, a autora expõe

As questões foram adaptadas do questionário do ALiB, buscando investigar a diversidade linguística nos níveis fonético-fonológico, morfossintático e semântico-lexical. Além de refletir aspectos e traços linguísticos específicos da região, o questionário tem por objetivo confirmar fenômenos observados na região Sul e no Brasil. (BUSSE, 2010, p.116).

Busse (2010) concluiu em sua tese que, na fala do Oeste paranaense, os dados fonético-fonológicos revelam a mudança em curso, com a implementação de variantes em pontos já identificados em estudos anteriores como inovadores e a manutenção de traços nas localidades em que se formaram os núcleos de colonização sulista.

Quanto ao léxico, devido à realidade multicultural, resulta num polimorfismo linguístico e as variantes indicam uma separação entre a fala do mundo rural e do mundo urbano. Verificou também que há a manutenção de formas dialetais, a implementação de formas inovadoras e preservação de traços de fala.

3.5.8 Atlas Geossociolinguístico de Londrina: um estudo em Tempo Real e Tempo Aparente

De autoria de Valter Pereira Romano (2012), este estudo partiu da obra pioneira da geolinguística paranaense: *Aspectos linguísticos da fala londrinense: Esboço de um atlas linguístico de Londrina – EALLO*, obra de AGUILERA (1987). Entre os anos de 1985 e 1986, a referida autora coletou dados fonéticos e lexicais desse município e, passados quase vinte e cinco anos da data de publicação do EALLO, Romano volta às localidades do interior de Londrina para verificar as variações e mudanças linguísticas ocorridas nesse período de tempo.

A seleção dos informantes do AGELO seguiu os critérios do ALiB: homens e mulheres, duas faixas etárias: 18 a 30 e 50 a 65 anos, com nível de escolaridade fundamental e quatro com ensino superior no ponto 03, investigados em dez pontos, quatro por localidade, totalizando o número de 44 informantes.

O trabalho traz a descrição comparativa dos dados lexicais coincidentes com o EALLO e apresentação dos dados fonéticos. Foram 50 cartas lexicais, das quais 28 coincidem com as cartas expostas por Aguilera (1987), e 21 cartas fonéticas, estas sem serem comparadas.

Como conclusão para os fenômenos lexicais, Romano (2012) aponta que houve progresso na linguagem dos londrinenses e que o estudo em tempo real e tempo aparente constatou que “a variação e a mudança linguística em Londrina são de caráter diastrático ou diageracional, isto é, dizem respeito mais ao nível de escolaridade ou à faixa etária dos informantes e se referem menos ao diatópico [...]” (ROMANO, 2012, p.155). Já para os fenômenos fonéticos, o autor considera a influência das variáveis sexo e faixa etária na realização das variantes, exemplificando o cuidado tido com a norma linguística pelas mulheres e pelos informantes jovens.

3.5.9 Atlas Linguístico Topodinâmico do Oeste de São Paulo – ALTOSP

O trabalho de Ariane Cardoso dos S. Ikeuchi registrou aspectos lexicais do português brasileiro, observados na fala de usuários naturais da região Oeste de São Paulo, em filhos de nordestinos. A autora baseou-se nos pressupostos da Dialectologia Pluridimensional que contempla, entre outras, as dimensões diatópica, diastrática, diafásica ou diarreferencial.

O ALTOSP compreende uma rede de quatro pontos: Andradina, Adamantina, Rancharia e Presidente Epitácio. Segundo Ikeuchi (2013, p.63) “para a definição da rede de pontos, no total de quatro localidades, foi levado em consideração o número de imigrantes que cada uma dessas cidades recebeu no período de grande fluxo migratório”. Um de seus objetivos era verificar se houve influência linguística em falantes oriundos da região Nordeste do país, durante o período de migração ocorrido na região investigada, entre os anos de 1940 a 1970.

A autora tomou como base o questionário do ALiB, apresentando os dados referentes ao Questionário Semântico Lexical, que foi aplicado em informantes com as seguintes características: um homem e uma mulher (17 a 35 anos); um homem e uma mulher (40 a 60 anos), com escolaridade até a 3ª série do Ensino Médio ou supletivo, somados a quatro informantes com curso superior completo. O ALTOSP resultou em 116 cartas linguísticas que, a partir do cruzamento dos dados com outros atlas realizados no Nordeste, como o APFB, o ALPB, o ALS e o ALSII, permitiu chegar ao índice de coincidência entre os atlas.

4 MÉTODOS E PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

Neste capítulo apresentamos os procedimentos metodológicos que orientaram a pesquisa para esta dissertação, tais como a escolha da rede de pontos, o perfil dos informantes, o instrumento utilizado para a coleta dos dados, as entrevistas, o registro, a seleção e a análise dos dados para a constituição do atlas.

4.1 A LOCALIDADE: REDE DE PONTOS

A cidade de Curiúva, localizada na Mesorregião do Norte Pioneiro Paranaense, com 14.720 habitantes de acordo com o censo de 2014, é uma típica cidade interiorana onde o progresso e a modernidade ainda se desenvolvem de maneira lenta.

Por ser um dos municípios que não constam da rede de pontos do Atlas Linguístico do Paraná (AGUILERA, 1994), acreditamos que uma investigação exploratória em Curiúva pode contribuir de alguma forma para todos os que se interessam por trabalhos voltados para a variação diatópica.

Para este estudo, optamos pela pesquisa de campo direta, diferentemente do que ocorreu na Europa e até mesmo no Brasil, quando questionários eram enviados aos informantes pelo correio, para serem respondidos e depois devolvidos ao pesquisador.

Durante a escolha dos pontos linguísticos, procuramos envolver as regiões que contornam o município e que, de certa forma, tiveram maior importância na formação da cidade. A rede de pontos do Atlas Linguístico de Curiúva, portanto, compreende seis localidades: Felisberto (ponto 1); Guajuvira (ponto 2); Taboão (ponto 3); Sede (ponto 4); Alecrim (ponto 5) e Colônia Dantas (ponto 6).

Quadro 4 – Rede de pontos do ALiC (nº. do ponto e localidade)

Org.: SIQUEIRA, Fátima da Silva. (2014)

Felisberto (ponto 1): Comunidade bastante afastada da sede, distante aproximadamente 22 km, dispendo de algumas casas de comércio para suprir as necessidades da comunidade local, algumas igrejas, escolas que atendem tanto a rede municipal quanto a rede estadual e um Posto de Saúde.

É pertinente discorrer sobre a história da capela Santa Ana¹⁸ que deu início com uma dança de São Gonçalo na casa da Dona Maria Custódia, antiga moradora do bairro. Após seu falecimento, a tradição teve continuidade com seus filhos, porém, estes pouco celebravam a festa. Ao perceber desinteresse, o senhor Anísio Afonso Ferreira, tendo a imagem como sua madrinha, colocou em prática a tradição e construiu uma capela de Santa Ana no bairro Felisberto. Após a construção da capela, realizou, então, a segunda dança de São Gonçalo com procissões, imagens, muitos fogos de artifícios e balões entre outros festejos.

¹⁸ Fonte: Dados obtidos na Paróquia Divino Espírito Santo – Curiúva - PR.

Figura 12 - Capela Santa Ana – Felisberto



Com o passar do tempo, outras pessoas da comunidade assumiram a diretoria da capela, sendo os primeiros: Antônio Pereira da Silva, Belino Nunes da Silva, Norberto Nunes Mendes, Amador Batista Ferreira, João Alves Pinto. Por volta dos anos 70, membros da diretoria e da comunidade se reuniram a fim de tratar sobre a construção de uma nova capela mais ampla para acomodar o povo. No dia 26 de julho de 1972 houve a primeira missa de inauguração da capela, com uma grandiosa festa em louvor à Padroeira Santa Ana. Na época, o padre da paróquia chamava-se Henrique Kosioreck e o bispo era Dom Pedro Filipak.

Guajuvira (ponto 2): Bairro localizado a aproximadamente 3,5 km da sede do município, dispendo de uma capela, de um posto de saúde e formado por comunidade Quilombola. Os primeiros habitantes deste bairro receberam a concessão das terras pelo governo do estado no ano de 1920 e, a partir daí, formaram suas famílias na maioria entre parentes, construindo casas próximas umas das outras, vivendo intensificamente da agricultura.

Figura 13 - Capela São Sebastião – Guajuvira



Neste bairro destacam-se as festas de São Sebastião, Santa Rita de Cássia e a tradicional dança de São Gonçalo, a qual é realizada na medida em que um pedido é atendido pelo santo, próximo a casa do penitente. A festa mobiliza toda a comunidade do bairro, visto que a saída do santo é anunciada por foguetes.

Desde o ano de 1912, as rezas e festas de santos, realizadas nas casas, já faziam parte desta comunidade. Nas festas juninas, os devotos de São Gonçalo realizam a sua dança popularmente chamada “romaria” que dura a noite toda. Trata-se de uma forte tradição desse povo, tanto é que os moradores de Curiúva costumam associar os habitantes do Guajuvira a esta tradicional dança.

Taboão (ponto 03): Também localizado à beira da rodovia do Cerne, a aproximadamente 10 km da sede do município, o ponto forte do bairro é a olaria, que emprega grande parte da população.

Figura 14 - Vista do bairro Taboão – destacando a laria



Os moradores têm à disposição pequenos comércios, um Posto de Saúde, algumas igrejas e uma escola de Ensino Básico Fundamental.

Sede do município (ponto 04): Na sede estão localizados os departamentos que respondem pelo desenvolvimento da cidade (prefeituras, hospitais, escolas, secretaria de educação, posto de saúde etc).

Figura 15 - Paróquia Divino Espírito Santo – Curiúva



Consideramos pertinente discorrer sobre a história desta paróquia que foi inaugurada no dia 03 de julho de 1955, na época, com a presença do Bispo Diocesano Dom Antônio Lazzarotto, o prefeito municipal Ismael Franco de Souza, o delegado de polícia Júlio Batista Ribeiro, representantes da Câmara Municipal e Comitativa do Padre Paulo Xavier Machado.

Estamparam-se¹⁹ lágrimas de satisfação em todos os presentes. Não há dúvida que havia motivo para o regozijo, pois honra seja feita aos paroquianos de Curiúva, é um povo esforçado e dadivoso. Graças à generosidade deste povo é que pudemos inaugurar a igreja, embora não terminada ainda [...] No dia da inauguração, a igreja apresentava um aspecto belo. Em cima da torre entrelaçavam-se as bandeiras pontifícia e brasileira. Pendiam inúmeras bandeirinhas multicores da altura da torre. (Pe. Pedro Filipak, 1955, p.26).

Alecrim (ponto 5): Distrito do município, localizado à beira da rodovia do Cerne, distante 8 km da sede. A comunidade desse bairro dispõe de uma escola que atende crianças e adultos desde a alfabetização (período da tarde/Municipal) até o Ensino Médio (período da manhã e da noite/Estadual), um Posto de Saúde, pequenos comércios para atender a população local e algumas igrejas.

Figura 16 - Vista central do bairro Alecrim



¹⁹ Fonte: Dados obtidos no Livro do Tombo da Paróquia, p. 26.

No início do ano de 1960²⁰, começou a ser construída neste bairro a Capela Nossa Senhora de Fátima, rezando-se o terço. A primeira comunhão foi em 1964, com a presença dos bispos Dom José Joaquim, Dom Domingos e Dom Getúlio Guimarães. Em 1975, com a visita dos missionários, iniciou a celebração do culto dominical.

Colônia Dantas (ponto 6): O bairro está localizado a aproximadamente 18 km da sede, tendo à disposição um Posto de Saúde, pequenos estabelecimentos comerciais e algumas igrejas, como a capela Divino Espírito Santo.

Figura 17 - Capela Divino Espírito Santo – Colônia Dantas



A capela²¹ teve início em junho de 1953, uma das mais antigas, e depois de muito sacrifício do povo de Colônia Dantas, no dia 17 de agosto de 1969 foi dada a bênção à nova sede, construída em madeira, mas ampla, arejada e acolhedora.

Primeira diretoria: José Pires Ferreira, Luiz Pereira de Mello, Félix Prestes de Oliveira, Olívia Soares dos Santos. Os moradores relatam que o Pe. Francisco, de Tibagi, vinha a cavalo e ali permanecia por três dias, depois veio o Pe. Pedro Filipak que atendia as comunidades do município.

²⁰ Fonte: Dados obtidos na Paróquia Divino Espírito Santo – Curiúva - PR.

²¹ Fonte: Dados obtidos na Paróquia Divino Espírito Santo – Curiúva - PR.

Quadro 5 - Distribuição da população de Curiúva por bairros investigados

PONTO 01 – FELISBERTO	454 HABITANTES
PONTO 02 – GUAJUVIRA	245 HABITANTES
PONTO 03 - TABOÃO	462 HABITANTES
PONTO 04 – SEDE	8.895 HABITANTES
PONTO 05 - ALECRIM	584 HABITANTES
PONTO 06 – COLÔNIA DANTAS	317 HABITANTES
TOTAL	10.957 HABITANTES

Fonte: Dados obtidos no Posto de Saúde Municipal

Estabelecidos os pontos de inquérito, fui à procura de pessoas que conhecessem bem a comunidade e que fizessem a minha apresentação, a fim de transmitir segurança para meus informantes. Sempre fui moradora do município de Curiúva, porém, por ter mais conhecimento dos moradores da sede, tornou-se indispensável contar com a colaboração de pessoas do círculo de amizade dos informantes.

4.2 OS INFORMANTES

Na seleção dos informantes, adotamos os critérios do ALiB, ou seja, consideramos as seguintes características:

- a) Sexo: masculino (M) e feminino (F);
- b) Faixa Etária – duas: a primeira (1) com informantes de 18 a 30 anos, e a segunda (2), os que têm entre 50 a 65 anos.
- c) Nível de instrução: Ensino Básico Fundamental para os idosos e Ensino Médio para os jovens.

Os informantes, conforme os critérios baseados em Nascentes (1958) e na Dialetologia Tradicional (Silva Neto, 1957), também deveriam ter boa dicção, ser naturais da localidade, com pais preferencialmente pertencentes à região linguística investigada, entre outros.

Em cada localidade, foram entrevistados quatro informantes, distribuídos equitativamente segundo as variáveis faixa etária e sexo. A escolha por incluir dois níveis de escolaridade justifica-se pelo fato de que os jovens, dentro dos critérios estabelecidos (idade, naturalidade, escolaridade), possuem o Ensino Médio.

Já os idosos, também obedecendo aos mesmos critérios (idade, naturalidade, escolaridade) possuem apenas o Ensino Básico Fundamental, devido às dificuldades que encontraram de continuar seus estudos, principalmente os informantes que residem nas propriedades rurais. Na sede do município, ainda existe a oferta de ensino da modalidade EJA – Ensino de Jovens e Adultos, onde é possível encontrar idosos que voltaram para as cadeiras escolares, mas estes também teriam que se encaixar nos critérios adotados para nosso estudo.

Sendo assim, optamos por adequar os critérios exigidos à realidade dos informantes. Consideramos, também, que a escolha desses dois níveis de escolaridade muito contribuirá na verificação de fatores sociais no processo de variação e mudança linguística dos habitantes desse município.

4.3 O INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Para a coleta de dados, utilizamos o mesmo questionário aplicado para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB, 2001), contemplando a primeira parte, que se destina ao levantamento de dados pessoais do informante e da localidade; o Questionário Fonético-Fonológico (QFF), contendo 159 perguntas; as Questões de Prosódia, contendo 11 perguntas; o Questionário Semântico-Lexical (QSL), contendo 202 perguntas; o Questionário Morfossintático (QMS), contendo 49 perguntas; as Questões de Pragmática, contendo 04 perguntas; Temas para Discursos Semidirigidos, contendo 04 perguntas; Perguntas Metalinguísticas, contendo 06 perguntas e, para finalizar o texto para leitura: Parábola do Sete Vimes.

Segundo Altino (2007, p.82):

a importância dos questionários estruturados para a pesquisa dialetológica, há muito é reconhecida pelos dialetólogos e linguistas. Seu uso permite a homogeneização dos procedimentos de coleta de dados necessária à pesquisa dentro dos moldes científicos, restringindo os contextos de uso de determinados fonemas, por exemplo, ou permitindo a identificação do uso lexical.

No Atlas Linguístico de Curiúva foram feitos alguns recortes descritos na sequência:

a) Do Questionário Semântico Lexical - foram retiradas as questões:

*** Fenômenos Atmosféricos**

12. Nomes específicos para temporal;

*** Astros e Tempo**

34. Quais são os meses do ano?

35. Alguns desses meses têm outro nome, por exemplo, junho, julho etc.?

36. Hoje é segunda-feira. E domingo, que dia foi?

*** Atividades Agropastoris**

51. Como se chama uma raiz parecida com____(cf. item 50) que não serve para comer e se rala para fazer farinha (polvilho, goma)?

*** Corpo Humano**

116. Como se chama a pessoa de pernas curvas? *Mímica.*

*** Jogos e Diversões Infantis**

159. É um brinquedo parecido com o (a)_____(cf. item 158), também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha?

*** Alimentação e Cozinha**

180. É essa mesma papa, com milho verde ralado, sem coco, como é que chama?

185. Como se chama aquilo embrulhado em papel colorido que se chupa? *Mostrar.*

186. Como se chama isto? (Mostrar pão francês).

187. Como se chama isto? (Mostrar pão bengala).

*** Vida Urbana**

201. Como se chama a condução que leva mais ou menos quarenta passageiros de uma cidade para a outra?

b) Do Questionário Morfossintático: as questões sobre Artigo e Número.

c) De Temas para Discursos Semidirigidos: a questão de nº 04 (Conte um caso/ um fato de seu conhecimento (de que tenha ouvido falar, que tenha acontecido com um amigo etc.), devido à desaprovação da primeira entrevista realizada, em que o informante mencionou que não convinha falar sobre a vida dos outros.

d) Perguntas Metalinguísticas: Nessa seção, não excluí nenhuma questão, mas sintetizei as seis perguntas de acordo com as respostas do informante.

Tais recortes justificam-se pelo fato de algumas perguntas tornarem-se repetitivas e muito parecidas com questões anteriores, ou por não acrescentar mais informações para a pesquisa realizada na localidade.

Em nosso trabalho, estamos nos atendo aos dados coletados pelo Questionário Semântico Lexical e a alguns comentários realizados pelos informantes durante as entrevistas. Optamos por trabalhar, nesta pesquisa, somente o léxico dos curiuvenses, entretanto, achamos fundamental aplicar o questionário completo, a fim de propiciar material suficiente para posteriores estudos na área da linguagem.

4.4 AS ENTREVISTAS

Para a realização das entrevistas foram utilizados os seguintes equipamentos: Notebook da marca Acer – Aspire 4749Z-4656, para a gravação da fala dos informantes e um microfone da marca Leadership, a fim de apresentar melhor resolução do som. Durante os inquéritos, algumas imagens também foram utilizadas como material de apoio para auxiliar os informantes em suas respostas, quando surgiam dúvidas.

As entrevistas foram iniciadas no dia 22 de julho de 2013 e encerradas no dia 14 de setembro de 2013. Foram dois meses de dedicação à constituição do *corpus* deste trabalho e, visando a manter a homogeneidade do material coletado, os inquéritos foram realizados apenas pela autora desta dissertação²².

Certamente não esquecerei as pessoas que me ajudaram a encontrar os informantes, principalmente nos bairros. Estabeleci contato com pessoas de conhecimento da localidade, as quais me acompanhavam e ajudavam a esclarecer o meu objetivo. Essas pessoas foram fundamentais, pois eram amigas,

²² A Universidade Estadual de Londrina, conta com pessoal experiente, equipes treinadas para trabalhos nessa área, mas, infelizmente, devido à distância entre os municípios (Curiúva-Londrina, 150 km), optei por fazer tudo sozinha. Até pensei em pedir para alguém do município que moro, colaboração para a realização das entrevistas, mas quem? Lembrei-me, então, das palavras da professora Vanderci, que capacitar alguém de fora para trabalhos como esse, demanda muito tempo e muitas vezes os resultados não saem como planejamos. Sendo assim, se houve falhas, erros, não há a quem culpar, senão a mim mesma.

parentes, vizinhas e, com isso, transmitiram confiança aos informantes. Em alguns casos, mesmo com a presença desses meus parceiros de trabalho, surgiram respostas negativas, principalmente os mais idosos, que, mesmo explicando tratar-se de uma simples conversa, mostraram-se desconfiados.

Em alguns pontos tive que voltar duas vezes. Em dois casos, foi necessário dividir a entrevista em duas partes, devido a pedidos e obedecendo sempre à disponibilidade dos meus informantes. E, de casa em casa, de pessoa em pessoa, consegui recolher os dados para a conclusão de um sonho.

O trabalho de campo me fez perceber que achar o informante ideal é algo muito difícil, pois, quando se cumpre um quesito, outro fica descoberto. Por mais exigentes que sejamos com nosso trabalho, uma hora é preciso entender a realidade, e esta, muitas vezes não acontece perfeitamente como idealizamos.

Conforme Aguilera²³

Toda pesquisa de campo, em especial as da área da geolinguística, exige que os procedimentos metodológicos sejam bem definidos e se ajustem adequadamente tanto aos objetivos a serem alcançados como ao contexto social em que o pesquisador irá atuar.

Nessa hora, é preciso prudência e verdade, por isso, esclarecemos que alguns informantes apenas se aproximam dos critérios pretendidos. São eles: Sede do município – MI (47 anos e 10 meses); Bairro Colônia Dantas – MI (47 anos); Bairro Alecrim – HI (68 anos); Bairro Guajuvira – HI (75 anos).

Em Guajuvira, foi muito difícil encontrar o informante idoso, pois dentre as pessoas que me foram apresentadas, algumas delas ou não tinham escolaridade, ou não eram naturais do município, ou não tinham todos os dentes (critério fundamental para quem trabalhará com a fonética).

Em alguns momentos, quase marquei entrevista com pessoas que me foram apresentadas como fiéis moradores do município, do bairro. Mas ao notar diferenças na fala, na conversa, questionava: Mas o senhor morou toda a vida aqui? Aí vinha a revelação de que estiveram um bom tempo morando em Curitiba, outros em São Paulo, fato que explicava minhas desconfianças. Assim sendo, não poderia descartar o único informante encontrado, apenas com idade que ultrapassava os limites, mas dentro dos critérios de naturalidade, escolaridade e disponibilidade.

²³ Dados coletados em: "O ideal e o real na pesquisa Geolinguística: Caminhos". Disponível em: www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_023.pdf

É importante falar sobre a disponibilidade, pois todos os pesquisadores que trabalham nessa área, usando esse material de coleta de dados, sabem que é um longo período de conversa, muitas vezes até cansativo e o informante deve ser orientado sobre o tempo que gastará nos ajudando. Esta alerta, muitas vezes, dificultava ainda mais no encontro de informantes disponíveis.

Quanto mais procurava pelo informante ideal, mais me conscientizava de que os métodos da Dialetologia não podem ser assim tão rígidos. É preciso haver certa mediação entre o trabalho que se quer fazer e a realidade encontrada no campo, e é dever do pesquisador administrar de forma prudente essa situação.

Aprendi muito com meus informantes, sobretudo, solidariedade. Em muitos deles percebi grande carência, principalmente nos mais idosos que, com toda dedicação, me ajudaram no que puderam, abrindo as portas de suas casas e, ao término da entrevista, me pediam para não esquecê-los e ali voltar novamente.

Não cabe nesta dissertação colocar a importância que cada um deles teve no resultado desse trabalho. Os momentos que passei com eles foram indescritíveis, como o caso de uma informante do Bairro Colônia Dantas, que, sabendo que iria entrevistá-la em sua casa, preparou um banquete para mim (refrigerante, salgadinhos), como se fosse, ao término do inquérito, nossa confraternização. Uma senhora do Bairro Guajuvira dispôs da tarde de um domingo de descanso para me atender. A informante jovem, desse mesmo bairro, que eu tinha entrevistado no dia anterior, fez questão de me acompanhar nessa entrevista. Uma grande amiga que fiz!

Dois informantes, um senhor do Bairro Colônia Dantas e um jovem do Bairro Felisberto, acharam melhor que eu os entrevistasse em minha casa, e brincando comigo, um deles, o informante jovem, cobrou-me que eu servisse um café. Assim foi feito para os dois entrevistados, que em dias diferenciados de visita, pude abrir as portas da minha casa, unindo o útil ao agradável.

Em algumas ocasiões, não foi rara a presença de um amigo, conhecido, familiar que intervinha na resposta do informante, dando dicas, ou até mesmo respondendo de forma antecipada. De uma discreta maneira, foi necessário pedir, às vezes, até por meio de brincadeiras: “Não vale, fulano soprou.” (risos). E, assim, sem constranger ninguém, as coisas funcionavam melhor.

Assim, passei dois meses com o povo curiuvense, conhecendo-os mais de perto, chegando a lugares a que antes nunca tinha ido, conhecendo valores, crenças, histórias diferenciadas, aprendendo com eles que para ser feliz não é necessário muita coisa, quase nada. Não é a casa, a roupa, o carro, o estudo que a pessoa tem, que fará dela uma pessoa melhor e mais feliz. Foram tantos momentos, que somente um pesquisador que já passou pelo que eu passei, saberá entender o que estou querendo dizer com cada palavra.

4.5 O REGISTRO

As gravações foram ouvidas uma a uma, anotando os dados obtidos em um caderno. Logo depois, foi o processo de transcrição fonética e grafemática, em que as gravações foram novamente ouvidas e registradas pela autora desta dissertação, simultaneamente à realização dos inquéritos.

As respostas foram organizadas em planilha do programa de computador Microsoft Excel, para facilitar a visualização dos dados quantitativos da pesquisa. A seguir, apresentamos o exemplo da planilha criada:

Figura 18 – Planilha de levantamento de dados lexicais

	A	B	C	D	E	F	G
1	MI ALECRIM - CÔRREGO	HI ALECRIM- LAGO	MI ALECRIM-REPRESA	HI ALECRIM - CÔRREGO	MJ COLONIA DANTAS-LAGOA	HJ COLONIA DANTAS-RIACHO	MI COLONI
2	PONTI	PINGUELA	PONTINHA	PONTE	PINGUELA	TRONCO	PONTE
3	BACIA - CABECEIRA	NÃO SEI	ENCONTRO D'AGUA	BARRA	NÃO SEI	ENCONTRO DE RIOS	NÃO RESPON
4	RODEMUNHO	REDEMUNHO	RODAMUNHO N'AGUA	REDEMUNHO	REDEMUNHO	REDEMUNHO	NÃO LEMBR
5	VEM E VAI	ONDA	ONDA	MARÉ	ONDA	ONDA	ONDA
6	MOVIMENTO MAIS CALMO	CACHOEIRA\NÃO SEI	NÃO SEI	ONDA	NÃO RESPONDEU	CORREDEIRA	NÃO SEI
7	RODEMUNHO	REDEMUNHO	RODAMUNHO DO VENTO	TORNADO	REDEMUNHO	REDEMUNHO	REDEMUNHO
8	RELÂMPAGO	CURISCO	RELÂMPAGO	RELÂMPAGO	RELÂMPAGO	RELÂMPAGO	FUZILHO
9	RAIO	RAIO	RAIOS	RAIO	RAIO	RAIO	RAIO
10	TROVÃO	TROVÃO	TROVÃO	TROVÃO	TROVÃO	TROVÃO	TROVÃO
11	TEMPESTADE	TEMPORAL	TEMPESTADE\PÉ D'AGUA	TEMPESTADE	TEMPESTADE	TROVOADA\TEMPORAL	VENTANIA
12	XXX	XXX	XXX	XXX	XXX	XXX	XXX
13	TEMPESTADE	TEMPORAL	CHUVONA	CHUVA RÁPIDA	PANCADAS	TREVOADA	RÁPIDA
14	NÃO SEI	NÃO SEI	CHUVONA	CHUVA FORTE	CHUVA DEMORADA	CONTÍNUA E FORTE	CHUVA CON
15	GRANIZO	CHUVA DE PEDRA	CHUVA DE PEDRA	GRANIZO	GRANIZO	GRANIZO	CHUVA DE P
16	O SOL VOLTOU BRILHAR	ESTIOU\NÃO SEI	CHUVA PASSOU	CASAMENTO DA VIÚVA	CLAREOU	VEM O SOL\CLAREANDO	COMEÇOU C
17	ARCO-ÍRIS	ARCO-ÍRIS	ARCO-ÍRIS	ARCO-ÍRIS	ARCO-ÍRIS	ARCO-ÍRIS	ARCO-ÍRIS
18	GAROA	GAROA	GAROA	GAROA	PANÇADINHA	GAROA	GAROA
19	ÚMIDA	NÃO SEI	ÚMIDA	ÚMIDA	ÚMIDA	ÚMIDA	TERRA BOA
20	SERENO	ORVALHO	ORVALHO	ORVALHO	ORVALHO	ORVALHO	ORVALHO
21	NEBLINA	NEBLINA	NEBLINA	NEBLINA	CERRAÇÃO	CERRAÇÃO	CERRAÇÃO
22	AMANHECER	MANHÃ	AMANHECER	MADRUGADA	MANHÃ	AMANHECER	MANHÃ
23	O SOL COMEÇA NASCER	SAI O SOL	NASCE O SOL	VEM OS RAIOS DO SOL	COMEÇA APARECER O SOL	O SOL SAI	ESTÁ DIA
24	AMANHECER	NÃO SEI	ESQUECI	BARRA DO DIA	SOL TÁ QUERENDO NASCER	NASCENTE	AURORA
25	PÔR DO SOL	O SOL SE PÔE	SOL SE PONDO	ESCURECE	O SOL SE PÔE	O SOL SE PÔE	SOL SE ESCO

As transcrições grafemáticas e fonético-fonológicas do Atlas Linguístico de Curiúva foram realizadas no período de novembro de 2013 a fevereiro de 2014. O *corpus* coletado, baseado no ALPRII (ALTINO, 2007), obedeceu aos seguintes critérios:

a) a manutenção característica da linguagem oral da fala do informante, os comentários feitos pela inquiridora, pausas, entre outros.

b) a inquiridora não teve sua fala monitorada, por isso foi transcrita de acordo com a norma padrão, independentemente das ocorrências de informalidade, considerando que sua linguagem não é de interesse neste trabalho.

Para a transcrição fonética dos dados coletados foi feito download do Alfabeto Fonético Internacional (IPA)²⁴.

Também pude contar com a colaboração da aluna Amanda Chofard, integrante da sala 169, do Projeto ALiB – UEL, que me forneceu a matriz e o modelo de transcrição a ser seguido. Para maior segurança, os arquivos foram salvos em mídias (pendrive, computador) e enviados para o e-mail pessoal (pasta Skydrive) da

²⁴ Considerei altamente relevante para essa etapa de pesquisa, a contribuição da disciplina cursada “Fonética e Fonologia – Técnicas de descrição”, ministrada inicialmente pela professora Dircel Kailer e posteriormente finalizada pela professora Vanderci Aguilera, que deram embasamento qualitativo para o desenvolvimento de trabalhos como este.

autora deste trabalho. As entrevistas resultaram em 1920 minutos de gravação, aproximadamente 32 horas, totalizando 1.450 páginas de transcrição.

O material coletado será disponibilizado para a sala 169 da UEL – Sede do ALiB – Regional Paraná, para servir de fonte de dados para outras pesquisas linguísticas realizadas na Universidade Estadual de Londrina.

4.6 ELABORAÇÃO DAS CARTAS LINGUÍSTICAS

Após a coleta, as transcrições e tabulação dos dados, partimos para a etapa seguinte, ou seja, a cartografia. Para a confecção das cartas, fizemos um desenho do mapa de Curiúva, adotando como base, o mapa oficial do município. Definido o mapa, passamos a representar os dados lexicais sob a forma cartográfica.

O processo de cartografia, realizado pela autora desta dissertação, teve início em junho de 2014. Os dados estão dispostos por meio de uma cruz, como a utilizada para a cartografia do Atlas Linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguai – ADDU (THUN, 2000) que representa os quatro informantes de cada localidade, assim apresentada:

H1	M1
H2	M2

- H1: homem da primeira faixa etária (18 a 30 anos).
- H2: homem da segunda faixa etária (50 a 65 anos).
- M1: mulher da primeira faixa etária (18 a 30 anos).
- M2: mulher da segunda faixa etária (50 a 65 anos).

Cada carta traz, no anverso:

- O título da carta;
- A legenda das ocorrências;
- As convenções explicativas;
- Os espaços vazios indicam que a questão não foi formulada ou que

a resposta não foi obtida.

No verso das cartas registramos:

- A pergunta que deu origem às respostas obtidas;
- Algumas notas sobre comentários relevantes feitos nas entrevistas;
- As ocorrências únicas;
- A distribuição geral das variantes, representada pelo gráfico de pizza, facilitando a visualização quantitativa de cada resposta.

Em relação às cores utilizadas, optamos pelo uso da cor vermelha para a variante mais produtiva, seguida de azul, amarelo e verde (menos produtiva). O segundo volume desta dissertação traz maiores detalhes sobre a cartografia dos dados.

As transcrições das entrevistas serão, posteriormente, colocadas à disposição na sala 169 (UEL - Regional ALiB – Paraná), sob forma de banco de dados, para todos os pesquisadores interessados em estudos que descrevem a variação linguística de um espaço determinado.

Dentre as 202 perguntas do QSL (Questionário Semântico Lexical – ALiB) aplicadas aos informantes do ALiC, fizemos um recorte dos temas que resultou em 103 cartas lexicais com maior produtividade de variantes. Na sequência, apresentamos um quadro demonstrativo das questões contempladas em cada área semântica:

Quadro 6 - Demonstrativo da cartografiação do ALiC

Área semântica/ Terra	Total de questões sugeridas	Número das questões cartografadas	Total de questões contempladas
Acidentes Geográficos	06	1, 2, 3, 4, 5	05
Fenômenos Atmosféricos	15	7,8,11,15,18,19,20,21	08
Astros e tempo	17	28,29,32,38	04
Atividades agropastoris	25	39,41,43,44,47,49,52,54,5 5,56,57,58,61,62,63	15
Fauna	25	64,65,69,71,76,78,80,82,8 3,85,86	11
Área semântica/ Homem	Total de questões sugeridas	Número das questões cartografadas	Total de questões contempladas
Corpo humano	32	89,91,92,93,97,99,100,10 2,104,105,108,109,111,11 3,115,117,118	17
Ciclos da vida	15	121,123,124,128,129,130, 131,132,135	09
Convívio e comportamento social	11	136,137,138,139,140,141, 142,145	08
Religião e crenças	08	148,149,150,151,152,153	06
Jogos e diversões	13	155,156,157,162	04
Habitação	08	168,171,173,174,175	05
Alimentação/ cozinha	12	183,184	02
Vestuário/acessórios	06	189,191,192,193	04
Vida urbana	09	194,196,198,199,202	05
TOTAL	202		103

5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, apresentamos a descrição e análise dos dados lexicais registrados nas cartas linguísticas do ALiC fazendo, primeiramente, uma descrição comparativa das cartas coincidentes com o ALPR (AGUILERA, 1994) e com o ALPR II (ALTINO, 2007), assim como está proposto em nossos objetivos. Na sequência tratamos dos dados não-coincidentes com esses dois atlas.

Para esta dissertação, foram elaboradas 103 cartas lexicais, das quais 35 coincidem com o ALPR e 13 com o ALPR II, como podem ser observadas no quadro abaixo.

Quadro 7 – Cartas coincidentes entre o ALiC e o ALPR e o ALPR II

Conceito	Nº. da carta do ALiC	Nº. da carta do ALPR	Nº. da carta do ALPR II
Rio pequeno	1	2	-
Pinguela	2	3	-
Foz	3	6 e 7	-
Relâmpago	7	30	206
Tempestade	8	29	-
Chuva de pedra	9	24 e 26	-
Garoa	10	19	-
Orvalho	12	32	-
Cerração	13	33	-
Anoitecer	14	34	-
Estrela D'Alva	15	12	-
Movimento da estrela	16	14	-
Trasanteontem	17	95	-
Camomila	19	49	-
Gêmeas	20	46	-
Coração	21	45	-
Vagem	23	83	-
Cangalha	25	61	-

Picada	31	37	-
Trilho	32	10 e 11	-
Urubu	33	50	-
Beija-flor	34	52	-
Sura	35	59	-
Mocho	38	-	223
Pálpebra	44	70	-
Cego de um olho	45	-	255
Vesgo	46	-	254
Míope	47	-	253
Presas	48	-	246
Dentes molares	49	65	-
Banguela	50	67	-
Tatu	51	-	256
Nuca	52	-	239
Gogó	53	69	-
Cheiro nas axilas	55	-	277
Seios	56	-	270
Barriga	57	73	-
Manco	58	-	284
Pataca	59	75	-
Tornozelo	60	-	283
Parteira	62	74	-
Cambalhota	84	88	-
Bolinha de gude	85	-	311
Estilingue	86	86	-
Pega-Pega	87	90	-
Picumã	89	115	-
Cueca	95	79	-

Na sequência apresentamos uma breve análise dos dados coincidentes e, por meio da observação das respostas presentes nesses dois atlas que revelam a linguagem paranaense, buscamos verificar de qual região linguística

a cidade de Curiúva mais se aproxima, considerando o fato de o município se encontrar na Mesorregião do norte paranaense, sujeito à linguagem voltada tanto para o sul quanto para o norte do Paraná.

5.1 O ALiC, O ALPR E O ALPR II

5.1.1 Acidentes Geográficos

Das respostas dadas às perguntas pertencentes a essa área semântica, temos a carta 01 que apresenta a variante *córrego* como a mais produtiva (33,33% das respostas obtidas), concorrendo com a variante *riacho* (18,51%). Tais variantes já foram cartografadas no ALPR, no qual *córrego* representa a maioria das respostas distribuídas no norte paranaense, seguida de *arroyo*, variante não registrada nas respostas do ALiC, e que está concentrada mais ao sul do estado.

Na carta 02, registramos a ocorrência da variante *pinguela* (29,17%), presente em quase todo o território paranaense segundo o ALPR, concorrendo com a variante *ponte* (45,83%) e as ocorrências únicas: *gamela*, *jangada*, *madeira*, *tronco* e *prancha*. Podemos observar que a variante com maior produtividade em nosso atlas (a variante *ponte*), se destaca nos campos gerais, ou seja, mais ao sul do estado. Cabe ressaltar que a lexia *pinguela*, segunda maior frequência de respostas, é registrada tanto em homens quanto em mulheres, das duas faixas etárias.

Na carta 03, referente ao conceito de *foz* (o lugar onde o rio termina ou encontra com outro rio), observamos que 37,5% dos informantes não souberam responder, dos quais 66,7% são jovens e 33,3% idosos. As variantes *barra* e *rio deságua*, aparecem no ALiC com o mesmo percentual de ocorrência, 20%. Ao comparar nossa pesquisa com os dados do ALPR, verificamos tais respostas assim distribuídas: *barra* presente na maioria dos pontos linguísticos do Paraná, de norte a sul, concorrendo com *deságua*, que também aparece espalhada como segunda resposta mais produtiva, permitindo-nos concluir que há uma similaridade linguística paranaense no que se refere ao conceito de término de rio.

5.1.2 Fenômenos Atmosféricos

Nessa área semântica temos a carta 07, referente ao fenômeno *relâmpago*, o qual aparece em 87,5% das respostas e, tivemos ocorrências únicas de variantes como *fuzilo*, *corisco* e *raio*. No ALPR, as variantes *fuzilo* e *corisco*, com exceção dos pontos 13 (Ribeirão do Pinhal), 17 (São Jerônimo da Serra), 19 (Siqueira Campos), 20 (São José da Boa Vista) e 30 (Ivaiporã), estão centradas mais ao sul do estado, sendo também *relâmpago*, a variante mais produtiva no trabalho de Aguilera (1994). Já no ALPR II (ALTINO, 2007), *corisco* vem como primeira resposta, seguida de *raio*, e apresenta a variante *relâmpago* como quarta resposta em pontos linguísticos do norte paranaense.

Ao analisarmos a carta 08, observamos que a maioria dos informantes do ALiC compreendem tal fenômeno como *tempestade* (66,7%) e a variante *ventania* aparece como segunda resposta, em informantes da 2ª faixa etária. O ALPR mostra alta frequência da variante *tempestade* espalhada por todo território paranaense, trazendo ainda a lexia *tormenta*, observada mais ao sul do estado. No ALiC, tal variante aparece como segunda resposta, por uma informante da 2ª faixa etária do ponto 02 – Guajuvira.

A carta lexical 09 apresentou duas variantes significativas: *granizo* (50%) e *chuva de pedra* (42,85%), além de 02 ocorrências (7,14%) para *granito*, esta podendo ser considerada uma variante morfofonêmica de *granizo*. Observamos certa homogeneidade nas respostas já que não houve diferença linguística considerável entre faixa etária e sexo. Tais variantes também foram observadas no ALPR, que as apresenta distribuídas tanto ao norte quanto ao sul do estado.

A carta 10, para nomear uma “chuva bem fininha”, traz *garoa* em 75% das respostas, assim como no ALPR. Como segunda resposta obtivemos a lexia *chuvisco* (12,5%) em informantes da 1ª faixa etária, os quais também incorporaram novas variantes como *chuva calma*, *pancadinha* e *neblina*, esta presente como segunda ocorrência no ALPR.

Para a carta 12, encontramos duas lexias: o maior número de ocorrências deu-se com *orvalho* (75%), seguida de *sereno* (25%), apresentada na maioria por informantes jovens de ambos os sexos. No ALPR, essas mesmas variantes aparecem distribuídas por todas as regiões paranaenses, não evidenciando diferenças diatópicas.

Assim como no ALPR, a carta 13 traz a variante *cerração* (54,16%), como a mais produtiva presente com grande frequência no sul do estado, seguida de *neblina* (37,5%), a qual está distribuída mais ao norte, claramente apresentado no trabalho de Aguilera. Obtivemos também em nossa pesquisa a lexia *nevoeiro* (8,33%) presente no ponto 04 (sede) do município, em informantes do sexo masculino.

5.1.3 Astros e Templo

Das perguntas relacionadas a Astros e tempo, em nossa pesquisa foram contempladas quatro questões comuns com o trabalho realizado para o ALPR: *Anoitecer*, carta 14; *Estrela D'Alva*, carta 15; *Movimento da estrela*, carta 16 e *Trasanteontem*, carta 17.

Para o conceito de *anoitecer*, além de 04 abstenções foram cartografadas sete variantes, *anoitecer* (35%), *boca da noite* (30%), *escurecer* (10%), *tardezinha* (10%) e as ocorrências únicas: *fim de tarde* (5%), *lusco-fusco* (5%) e *noturna* (5%). No ALPR, segundo Aguilera (1994, p.90): “Dada a multiplicidade de variantes lexicais, optou-se pela elaboração de uma carta com as ocorrências do vocábulo ‘boca da noite’, registrando-se, nas notas, as demais ocorrências”.

Na carta 15, referente ao nome dado para a estrela matutina, obtivemos 54,16% da variante *Estrela D'Alva* concorrendo com 41,66% de informantes que não souberam responder, sendo 100% desses entrevistados pertencentes à 1ª faixa etária, ou seja, somente os mais idosos conhecem essa expressão. Observamos que o ALPR também cartografou tal variante na maioria das respostas espalhadas do norte ao sul do Paraná, tanto em homens quanto em mulheres, caracterizando, assim, uma distribuição regular. No ALiC, também registramos as ocorrências únicas *Marte*, *Saturno*, *Plutão*.

No que se refere ao movimento da estrela, carta 16, pudemos verificar 08 diferentes lexias, das quais a mais frequente é “cair” (33,33%), concorrendo com “correr” (25%) e com as respostas “Vi uma estrela cadente” (20,83%). Obtivemos ainda *risco no céu*, *mãe de ouro descendo*, *estrela andou* e a mais curiosa entre todas, a resposta da informante jovem do ponto 01:

(032)

INF. – Não pode dizer, você tem que fazer um pedido.

INQ. – Ah, que legal, não pode mesmo.

INF. – Não pode contar.

Ao contrastarmos os resultados com as variáveis gênero e faixa etária, observamos que há maior tendência de uso da variante *cair* entre os jovens e da variante *correr* entre os idosos, não havendo diferença considerável na fala de homens e mulheres. No atlas de Aguilera, a variante que predomina é “mudar”, seguida de “cair”, esta com maior frequência em nosso trabalho e que aparece em vários pontos do Paraná (norte e sul), “correr” e “trocar”.

Para o conceito de *Trasanteontem*, carta 17, obtivemos 07 variantes, sendo que *antes de anteontem* foi a mais produtiva (43,75%). Os informantes do ALiC, além de nove abstenções, apresentaram *três anteontem* (20%) e *dia da semana* (13,3%), além das ocorrências únicas *antes de antes de ontem*, *anteanteontem*, *dia retrasado* e *semana passada*.

5.1.4 Atividades Agropastoris

As cartas desse campo semântico que são comuns com o ALPR são as que fazem referência à *camomila*, carta 19; *gêmeas*, carta 20; *coração*, carta 21; *vagem*, carta 23; *cangalha*, carta 25; *picada*, carta 31 e *trilho*, carta 32. Para o conceito de camomila foram cartografadas três variantes, *camomila* (80,95%), utilizada tanto por homens quanto mulheres das duas faixas etárias, *maçanilha* (14,29%) utilizada apenas por informantes da 2ª faixa etária, a ocorrência única de *manã* e três abstenções. Ao compararmos nossos dados com o ALPR, notamos que a lexia *camomila* vem como segunda resposta distribuída ao norte do estado, enquanto *maçanilha*, a mais produtiva, é mais utilizada pelos habitantes da região sul do estado.

Na carta 20, que nomeia *duas bananas que nascem grudadas*, obtivemos quatro respostas diferentes e três informantes que se abstiveram de responder a questão. *Gêmeas* predomina com 52,38%, seguida de *felipe*, com 38,09% e as ocorrências únicas de *inconha* e *banana grudada*. Ao observarmos as respostas, notamos que a lexia “gêmeas” aparece de forma equilibrada nas duas faixas etárias, enquanto “felipe” é utilizada na maioria por informantes idosos. O

ALPR também mostra a variante *gêmea* como primeira resposta, distribuída pelo norte e sul do estado, seguida de *felipe*, em respostas concentradas mais ao norte. Ainda referindo-se à banana, temos a carta 21, sobre o conceito da *parte terminal da inflorescência da bananeira*, em que estão cartografadas com maior frequência as variantes *coração* (72,72%) e *umbigo* (22,72%), esta mais frequente em informantes da segunda faixa etária e aquela com distribuição regular entre os entrevistados. Analisando o ALPR, encontramos tanto a variante *umbigo* quanto a variante *coração* uniformemente espalhadas em todas as regiões do estado.

Para a carta 23 foram encontradas duas variantes, *vagem* (54,16%) e *bainha* (45,83%), sendo a primeira mais produtiva entre os idosos e a segunda entre os jovens. No ALPR observamos que “*vagem*” aparece com maior frequência na região norte do Paraná e em alguns pontos da região sul, onde a variante “*bainha*” é mais produtiva. Para o conceito de *cangalha*, embora com seis abstenções, ocorreram três lexias diferentes: *cangalha* (66,66%) e as ocorrências únicas *gancho* e *quaieira*. Observamos a dificuldade de muitos em responder tal questão, pelo fato de a resposta não pertencer ao cotidiano dos entrevistados, como pode ser verificado no ponto 04 (sede). Para tal conceito, o ALPR apresenta *cangalha* como a mais produtiva no sul e a variante *canga* como segunda resposta na região norte do estado.

Em Curiúva, observamos que há semelhança entre os conceitos de *picada* (o que é que se abre com facão/foice para passar por um mato fechado), carta 31 e *trilho* (caminho do gado/homem no pasto, onde não cresce mais grama), carta 32, o que leva à ocorrência da mesma resposta para os dois conceitos. Para *picada*, obtivemos cinco variantes, *carreiro* (41,66%), *picada* (29,16%), *caminho* (20,83%) e as ocorrências únicas, *passagem* e *trilho*, duas delas também usadas para a designação de *trilho*. A carta 32 apresenta como primeira resposta a variante *carreiro* (75%), seguida de *trilho* (20,83%) e da ocorrência única *piludo*.

Comparando nossos dados com o ALPR, observamos que a lexia *picada*, a mais produtiva, é usada em todas as regiões do estado paranaense. O trabalho de Aguilera registra também que *trilho*, para a designação do mesmo conceito, tem baixíssima frequência no norte do estado. Quanto ao nome dado para o caminho do gado/homem no pasto, observamos uma divisão de conceitos na fala dos paranaenses: *trilho* com maior concentração no norte e *carreiro* no sul do estado.

5.1.5 Fauna

Nesse campo semântico, apresentamos quatro cartas comuns com o ALPR, *urubu*, carta 33; *beija-flor*, carta 34; *sura*, carta 35 e *mocho*, carta 38. Para o conceito de *urubu* cartografamos duas variantes: *corvo* (58,33%) e *urubu* (50%), com distribuição uniforme entre os pontos, não demonstrando diferenças consideráveis entre as variáveis faixa etária e sexo. O ALPR também apresenta essas duas variantes distribuídas regularmente entre o norte e sul do estado.

Na carta 34, obtivemos duas variantes, *beija-flor* (85,19%) e *cuitelo* (14,81%), sendo esta resposta apresentada apenas por informantes da 2ª faixa etária, portanto, uma variante com tendência a desaparecer no dialeto curiuvense. O ALPR mostra essas mesmas respostas dispostas de forma regular em todo território paranaense. Na carta 35, que apresenta designações para galinha sem rabo, cartografamos a ocorrência de duas variantes, *sura* (84,21%) na maioria das respostas tanto de jovens quanto idosos e *pitoca* (15,78%), apenas por informantes jovens, além de cinco entrevistados da 1ª faixa etária que não souberam responder. Constatamos, novamente no ALPR, as mesmas variantes, sendo *sura* a mais produtiva em todas as regiões do estado.

Para o conceito de *boi sem chifre*, carta 38, obtivemos quatro abstenções e das respostas válidas, ou seja, 20 registros, 19 são de *mocho* (95%) e apenas um de *boi sem chifre* (5%). Considerando que este último consta da questão, todas as respostas válidas são de *mocho*. Comparando nossos dados com o ALPR II (ALTINO,2007), observamos que ocorre o mesmo em todo as regiões do estado, o que, de certa forma, demonstra certa uniformidade na linguagem dos paranaenses, no que diz respeito a essa questão.

5.1.6 Corpo humano

Ao todo são seis cartas comuns com o ALPR (AGUILERA,1994) e dez com o ALPR II (ALTINO, 2007), as que compreendem esse campo semântico. Na carta 44, para o *nome da parte que cobre o olho*, foram coletadas duas variantes: *capela* (52,95%) e *pálpebra* (47,05%), além de sete entrevistados (de ambos os sexos e faixas etárias) que não souberam responder. Curioso foi não encontrar a designação *pálpebra* em nenhum ponto do ALPR, que apresenta *capela* como a

mais produtiva, estando presente de norte a sul do estado, seguida de mais cinco variantes não presentes no ALiC.

Ainda referindo-se ao corpo humano, temos a questão 45, que indaga sobre o nome da *pessoa que só enxerga com um olho*, a qual apresentou quatro variantes: *cega de um olho* (50%), *caolho* (27,7%), *picego* (16,7%) e *deficiente* como única ocorrência, além de cinco informantes pertencentes à 1ª faixa etária e um da 2ª faixa que não souberam responder. Consultando o ALPR II, notamos a presença da variante *cego de um olho* distribuída em vários pontos do Paraná e *caolho* também como segunda resposta. Cabe salientar que encontramos uma ocorrência da forma lexical *picego*, variante com três ocorrências no ALiC, no ponto 55 – Paranaguá (ALPR II).

Quantos aos *olhos voltados para direções diferentes*, carta 46, nossos informantes apresentaram três respostas, *vesgo* (75%), *zarolho* (20,83%) e *caolho* como ocorrência única. Notamos que a lexia *vesgo* tem distribuição regular, estando presente em todos os pontos pesquisados, enquanto a lexia *zarolho* aparece mais entre os sujeitos da 1ª faixa etária. Ao compararmos essa carta com a coincidente no ALPR II, notamos que existe uniformidade na frequência das variantes mais produtivas, *vesgo* e *zarolho*, as quais são usadas tanto na região norte quanto na região sul do Paraná.

Para o conceito de míope, carta 47, com exceção de quatro abstenções, foram coletadas nove variantes: *vista fraca* (25%), *problema de vista* (20%), *cega* (15%), *quase cega* (10%), *míope* (10%) e as ocorrências únicas: *vista curta*, *ruim da vista*, *enxerga pouco* e *deficiente visual*. Observamos que a variante *vista fraca* é usada por informantes da 2ª faixa etária e que apenas os informantes da 1ª faixa etária responderam *míope*, o que indica a presença da escolaridade como fator determinante de novas denominações. O ALPR II apresenta cinco variantes que também estão no ALiC, e em relação a nossa variante mais produtiva, *vista fraca*, esta pode ser observada com alta frequência em todas as regiões paranaenses.

No que se refere à carta 48, nomeações para *dentes caninos*, coletamos duas variantes: *presa* (82,60%) e *caninos* (17,39%), sendo a primeira usada em todos os pontos investigados e a segunda, presente na maioria entre homens da 1ª faixa etária. Comparando esta carta com a do ALPR II, notamos que

presa é a mais produtiva em todo Paraná, enquanto *caninos* aparece em apenas dois pontos, Guaíra (27) e Marechal Cândido Rondon (32).

Na carta 49, apesar de termos verificado 06 lexias diferentes para essa questão, o fato que mais chama a atenção é a taxa elevada de abstenções – 62,5% (tanto em homens quanto em mulheres, das duas faixas etárias) que podem ser observadas em todos os pontos da pesquisa. Foram apresentadas as seguintes respostas: *chato* (33,33%), *siso* (11,11%) e as ocorrências únicas *dentão*, *carnívoro*, *molares* e *dente do queixo*. Analisando o ALPR, observamos que a variante *chato* foi a segunda mais produtiva, estando presente na região norte do estado.

Para o conceito de *pessoas que não têm dentes*, a carta 50 traz com maior produtividade a variante *banguela* (75%), seguida de *desdentado* (25%). Cabe observar que esta segunda variante foi apresentada em 83,33% por mulheres das duas faixas etárias. Quanto ao ALPR, este mostra uma quase totalidade da variante *banguela* na fala dos paranaenses.

Na carta 51, que busca as formas referentes à denominação da *sujeirinha dura que se tira do nariz com o dedo*, obtivemos quatro respostas, *tatu* (75%), *ranho* (16,66%) e as ocorrências únicas *caca* e *mutuca*. Observamos que a variante *tatu* tem a maior frequência neste item da pesquisa, possuindo distribuição regular, já que está presente em todos os pontos. Ao compararmos nossos dados com o ALPR II, encontramos nossa variante mais produtiva, *tatu*, em apenas dois pontos do Paraná: Ortigueira (25) e Prudentópolis (42). Como primeira resposta, o atlas de Altino traz a variante *ranho* distribuída regularmente tanto na região norte quanto na região sul.

A lexia *nuca*, carta 52, constitui-se em norma na fala curiuvense com alta frequência (83,33%) e distribuição regular, sendo apresentada em todos os pontos. Obtivemos também a variante *cangote* com baixa frequência (16,66%), porém, representativa, pois aparece apenas na fala de informantes da 2ª faixa etária. Trata-se de uma carta comum com o ALPR II (ALTINO, 2007), no qual observamos a alta representatividade da variante *nuca* por todo território paranaense e, assim como no ALiC, *cangote* vem, pela frequência, como segunda resposta tanto na região norte quanto na região sul do Paraná, na mesma proporção.

No que se refere à *parte alta do pescoço do homem*, carta 53, registramos como variante mais produtiva *gogó* (81,81%), seguida de *adão* (13,63%), de três abstenções e da ocorrência única *papo*. É relevante mencionar

que a variante *adão* é característica na fala dos informantes idosos do ALiC. No ALPR (AGUILERA, 1994), notamos que *gogó* constitui-se em norma na fala dos paranaenses e *adão* tem baixa representatividade, aparecendo apenas em alguns pontos do norte do estado.

Nossa pesquisa também apresentou muitas variantes para o conceito do *mau cheiro embaixo dos braços*, carta 55: *mau cheiro* (30,43%), *fedor de sovaco* (21,73%), *odor* (13,04%), *catinga de sovaco* (8,69%), *cheiro de sovaco* (8,69%) e as ocorrências únicas *fedida*, *fedor de axilas*, *azedo*, *sovaqueira*, *cecê*. Com exceção do ponto 01, nossa variante mais produtiva teve distribuição regular em todas as localidades. Comparando com o ALPR II (ALTINO, 2007), observamos semelhança com as respostas do ALiC, e a denominação *mau cheiro* possui maior frequência no norte.

Na carta 56 temos a ocorrência de *peito* (51,8%), que coocorre com *seios* (40,7%) e *teta* (7,4%) na fala de homens da 2ª faixa etária. O trabalho de Altino (2007) mostra que a variante *peito* também é a mais produtiva na resposta dos paranaenses, seguida de *seios* com distribuição regular tanto no sul quanto no norte do estado. Para o conceito que denomina *a parte do corpo da mãe onde fica o bebê antes de nascer*, obtivemos três variantes, sendo *útero* (53,85%), *barriga* (42,3%) e uma ocorrência para *ventre*. Observamos uniformidade nas respostas dessa questão, já que não houve diferença relevante nos quesitos relacionados à faixa etária e sexo. Ao compararmos com o ALPR (AGUILERA, 1994), também notamos *útero* com maior representatividade, porém, *barriga*, nossa segunda maior resposta, tem baixa frequência, estando em cinco pontos pertencentes ao sul e em cinco pontos pertencentes ao norte.

Na carta 58 constatamos a presença de sete lexias diferentes e uma abstenção para a *pessoa que tem uma perna mais curta do que a outra*. Conforme se pode verificar, a ocorrência que apresenta maior frequência é *manco* (70,83%), constituindo-se como característica na fala dos curiuvenses. Notamos que as variáveis faixa etária e sexo interferiram de maneira relevante nos resultados dessa questão, já que a variante *náfico* (*náfego*) foi registrada apenas na fala masculina de informantes da 2ª faixa etária. Cabe salientar que a inserção de novas formas *anda torto*, *aleijada* e *deficiente*, apresentadas pelos jovens, representam o caráter inovador na fala dessa comunidade. Curioso também foi o registro de *lonanco* por uma informante da 2ª faixa etária e, se observarmos o ALPR II (ALTINO, 2007),

encontramos a mesma designação como sexta resposta mais produtiva em cinco pontos do estado. Assim como no ALiC, *manco* e *náfego* foram mais frequentes, sendo distribuídas de maneira regular (norte e sul) no estado.

Para o conceito do *osso redondo que fica na frente do joelho*, carta 59, coletamos seis variantes: *pataca*, *bolinha*, *menisco*, *rótula*, *patela*, *joelho*. A variante *pataca* foi a mais produtiva com 68,75% do total, verificando-se que 33,33% dos informantes não souberam responder. Observando o ALPR (AGUILERA, 1994), notamos que *pataca* é mais produtiva, principalmente na região norte do estado, seguida de *patacão*, a qual está presente com maior frequência no sul. Ao considerar a ocorrência única de *rótula*, registrada por um informante da 2ª faixa etária, chegamos à conclusão de que o fator de escolaridade não se mostrou determinante nessa questão.

Finalizando a análise que se refere ao corpo humano, temos a última carta comum com o ALPR II (ALTINO, 2007), *tornozelo* – carta 60, com cinco variantes: *tornozelo* (45,83%), *junta* (41,66%), *canela* (8,33%) e as ocorrências únicas *rótula do calcanhar* e *osso*. Das 11 ocorrências de *tornozelo*, oito foram registradas entre os informantes da primeira faixa etária e das 10 ocorrências de *junta*, oito foram apresentadas por informantes da segunda faixa etária, fato que as caracteriza como variantes diageracionais. Comparando nossa carta com a do ALPR II (ALTINO, 2007), notamos que, nesse atlas, *junta* é mais frequente, e se observarmos a variante mais produtiva de nosso trabalho, *tornozelo*, notamos que no mapa do Paraná ela possui alta representatividade no norte do estado.

5.1.7 Ciclos da vida

Nesse campo semântico, temos apenas a carta 62 comum ao ALPR que se refere ao *nome da mulher que ajuda a criança a nascer*, com a qual obtivemos quatro respostas: *parteira* (84%) com maior produtividade, *enfermeira* (8%) e as ocorrências únicas das variantes *médica* e *surjoa*. Cabe observar que *enfermeira* e *médica* podem ser analisadas como variantes diageracionais, registradas por informantes da primeira faixa etária, considerando que nos dias atuais é cada vez mais raro as crianças nascerem em casa. De 12 informantes da segunda faixa etária, onze responderam *parteira*, os quais possivelmente, em alguma fase da vida presenciaram ou conheceram o trabalho realizado por essa

profissional. No ALPR (AGUILERA,1994), também encontramos alta frequência da variante mais produtiva em nosso trabalho, distribuída por todas as regiões do estado. Curioso foi encontrar, ainda, nesse atlas a variante *surjoa*, presente no ALiC, registrada na região norte do Paraná.

5.1.8 Jogos e Diversões Infantis

Das questões relacionadas a esse campo semântico, temos três cartas comuns com o ALPR (AGUILERA, 1994) - *Cambalhota*, *estilingue*, *pega-pega* e uma comum com o ALPR II (ALTINO, 2007) - *bolinha de gude*.

Na carta 84, dentre os conceitos para *cambalhota*, obtivemos maior produtividade em *cambalhota* (48%), com distribuição regular em todos os pontos, coocorrendo com *piruleta/pirueta* (40%), *virá cambote* (12%) e *cambota* (8%). Cabe salientar que a variante *virá cambote* é frequente entre informantes do gênero masculino da segunda faixa etária. O ALPR (AGUILERA, 1994) apresenta *cambota* como resposta predominante em todo o estado e *pirueta* em segundo lugar, presente com maior frequência na região norte.

E quanto as *coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar*, carta 85, documentamos três ocorrências: *bolinha de gude/bolinha* (92%) e as ocorrências únicas *burco* e *burquinha*. O ALPR II (ALTINO, 2007) apresenta nossa variante mais produtiva concentrada na região norte do Paraná, como sexta resposta. Também é possível verificar uma divisão linguística: na região sul predomina a variante *búrica* enquanto na região norte a variante paroxítona *burca* é mais frequente.

Para *estilingue*, carta 86, obtivemos *setra* (44,4%) e *estilingue* (55,6%), com distribuição regular na maioria dos pontos, sendo utilizadas tanto por homens quanto mulheres das duas faixas etárias. No mapa de Aguilera (ALPR, 1994), observamos que *estilingue* é predominante na região norte e *setra* na região sul do estado.

Quanto às variantes para denominar a brincadeira *pega-pega*, foram sete variantes e duas abstenções: *pega-pega* (45,45%), *mãe* (22,7%), *mãe-cola* (9,1%), *pique-salve* (9,1%) e as ocorrências únicas *mãe-pega*, *pique* e *colado*. A variante *pega-pega* predominou em quase todos os pontos linguísticos, já que das 10 respostas, oito foram registradas entre os informantes da primeira faixa etária.

Cabe aqui observar que *mãe* foi apresentada somente por informantes da faixa etária II, porém, não podemos afirmar que se trata de uma variante em desuso, pois registramos que os informantes da faixa etária I também conhecem a variante, só que com algumas modificações como em *mãe-cola*, *mãe-pega*. No ALPR (AGUILERA, 1994), *pega-pega* não é a mais produtiva, mas aparece com maior frequência no norte, enquanto a variante *mãe* é predominante na região sul do Paraná.

5.1.9 Habitação

Apenas uma carta comum com o ALPR, carta 89, faz parte desse campo semântico. Foram seis as diferentes lexias verificadas nessa questão, *picumã* (52%), *carvão* (32%) e as ocorrências únicas *fumaça*, *mofo*, *cinza* e *fuligem*. No que se refere às variáveis gênero e faixa etária, registramos que a variante *picumã* tem frequência maior entre informantes do gênero masculino e da segunda faixa etária. O ALPR (AGUILERA, 1994) apresenta as formas fonéticas para *picumã* e nas notas estão registradas as variantes *carvão*, *telha*, *casa de aranha*, *bolor*, *fuligem*, *fumaça*.

5.1.10 Vestuário e Acessórios

A carta 95 que se refere ao *nome da roupa que o homem usa debaixo da calça*, apresentou três variantes: *cueca* (80%), registrada em todos os pontos linguísticos, *zorba* (12%) e *calção* (8%). A variante *zorba* predominou nas respostas de informantes do ponto 02 – Guajuvira, constituindo-se, de certa forma, como uma variante diatópica. Cabe salientar que *calção* foi registrado apenas entre informantes da segunda faixa etária, podendo ser entendida como uma variante diacrônica. No ALPR, *zorba* foi a mais produtiva, seguida de *calção*, *cueca* e *ceroula*. Nossa variante de maior ocorrência, *cueca*, não é apresentada no trabalho de Aguilera como característica de uma região específica, pois pode ser visualizada em vários pontos pertencentes tanto à região norte quanto à região sul.

5.2 CARTAS LEXICAIS NÃO-COINCIDENTES COM O ALPR (AGUILERA, 1994) E O ALPR II (ALTINO, 2007)

Ao todo são 56 cartas não-coincidentes com os atlas acima citados, das quais 19 referem-se à área semântica da **Terra** e 37 correspondem à área semântica do **Homem**, as quais estão demonstradas no quadro abaixo e algumas analisadas na sequência.

Quadro 8 – Cartas não-coincidentes

Carta/Conceito	Variantes obtidas no ALiC
Carta 04 – Redemoinho (de água)	Redemoinho/ rebojo/ funil/ força d'água/ caldeirão
Carta 05 – Onda de mar	Onda/ maré/ vem e vai
Carta 06 – Redemoinho (do vento)	Redemoinho/ funil/ furacão/ tornado
Carta 11 – Terra úmida	Úmida/ não deu para apagar a poeira/ apagou a poeira/ enxarcada/ terra boa
Carta 18 – Mexerica	Mexerica/ tangerina/ poncã
Carta 22 – Touceira	Toco/ raiz/ touceira/ palhada/ pé/ soqueira/ talo/ caule/ resto
Carta 24 – Carrinho de mão	Carrinho de mão/ carriola/ carrinho
Carta 26 – Cangalha	Cangalha/ cargueiro/ balaio/ quaieira/ gancho
Carta 27 – Canga	Canga/ canzil/ arriame/ quaieira
Carta 28 – Cesto	Cesto/ balaio/ jacá/ cargueiro
Carta 29 – Bruaca	Bruaca/ badana/ mala/ bolsa/ borná/ guaiaca
Carta 30 – Trabalhador de enxada em roça alheia	Camarada/ diarista/ boia-fria/ trabalhador/ pagá um por dia/ peão/ capataz
Carta 36 – Gambá	Gambá/ raposa
Carta 37 – Anca	Bunda/ anca/ quadril/ garupa/ traseira/ quarto
Carta 39 – Úbere	Úbere/ teta

Carta 40 – Manco	Manco/ náfico (náfego)/ andadura/ rastejante
Carta 41 – Beronha	Beronha/ mamangava/ varejeira/ moriçoca/ mosca/ mosquito/ mosca azul
Carta 42 – Libélula	Libélula/ louva Deus/ lava bunda/ capitão/ caneta
Carta 43 – Bicho de fruta	Bicho da goiaba/ coró/ larva/ lagarta
Carta 54 – Sovaco	Sovaco/ axilas
Carta 61 – Menstruação	Menstruação/ chico/ hemorragia
Carta 63 – Dar à luz	Dar à luz/ parir/ ganhar nenê/ ganhar bebê/ criar/ partejar/ ganhar a criança/ ter o bebê/ ter o nenê/ nascer o filho
Carta 64 – Mãe de leite	Mãe de leite/ segunda mãe/ mãe de peito/ babá/ ama de leite/ mama de leite
Carta 65 – Irmão de leite	Irmãos/ irmão de leite/ amigos/ adotivo/ meio irmão/ consideração/ nada/ colegas
Carta 66 – Filho adotivo	Adotivo/ adotado/ enteado/ filho criado
Carta 67 – Caçula	Caçula
Carta 68 – Menino	Menino/ guri/ piá/ moleque
Carta 69 – Falecido	Falecido/ finado/ defunto/ fulano
Carta 70 – Tagarela	Tagarela/ faladeira/ falador/ falante/ papagaio/ linguarudo/ fuxiqueiro
Carta 71 – Pessoa pouco inteligente	Burro/ atrasado/ retardado/ memória fraca/ cabeça dura/ lerdo/ tem dificuldade/ duvidoso/ ruim de ideia/ lenta/ pouco inteligente/ cabeçudo/ abobada/ memória curta
Carta 72 – Mão de vaca	Mão de vaca/ pão duro/ seguro/ munheca/ muquirana/ econômico/ avarenta/ curú/ mão fechada
Carta 73 – Velhaco	Velhaco/ caloteiro/ sem vergonha/
Carta 74 – Assassino pago	Matador de aluguel/ pistoleiro/ capanga/

	assassino/ matador/ carrasco/ malfeitor/ bandido de aluguel/ exterminador/ coisa ruim/ cangaceiro/ bandido
Carta 75 – Marido traído	Chifrudo/ corno/ traído/ tranqueira/ tongo
Carta 76 – Prostituta	Prostituta/ biscate/ mulher da vida/ puta/ desajuizada/ não vale o que é pago/ corpo de aluguel/ garota de programa
Carta 77 – Cigarro de palha	Cigarro de palha/ fumo/ paiero-palhero/ charuto/ cigarro/ cigarro de fumo
Carta 78 – Assombração	Assombração/ visage/ fantasma/ alma/ espíritos/ lobisomem
Carta 79 – Despacho	Despacho/ macumba/ saravá/ feitiço/ simpatia
Carta 80 – Amuleto	Amuleto/ olho de lobo/ pé de coelho/ trevo da sorte/ pedra da sorte/ relíquia/ cruz
Carta 81 – Benzedeira	Benzedeira/ curadera/ curandeira/ feiticeira
Carta 82 – Curandeiro	Curandeiro/ curadeiro/ benzedeira/ curandô/ curador/ médico medicinal/ raizero
Carta 83 – Medalha	Medalha/ imagem/ pingente/ crucifixo/ escapulário
Carta 88 – Tramela	Tranca/ tramela
Carta 90 – Binga	Binga/ isqueiro
Carta 91 – Lanterna	Lanterna/ faroleta/ lamparina
Carta 92 – Tomada	Interruptor/ tomada/ chave/ ligador
Carta 93 – Cheia	Cheia/ enfastiado/ passando mal/ explodindo/ estourando/ ansiado/ estufado/ farta/ intoxicado
Carta 94 – Guloso	Guloso/ comilão/ esfomeado/ faminto
Carta 96 – Rouge	Pó de arroz/ blush/ rouge/ maquiagem
Carta 97 – Piranha (grampo)	Presilha/ piranha/ pregadeira/ grampo/

	prendedor/ rabricó
Carta 98 – Tiara	Tiara/ diadema/ arco
Carta 99 – Semáforo	Semáforo/ sinaleiro/ farol/ sinalização
Carta 100 – Calçada	Calçada/ acostamento/ beira de rua/ passeio
Carta 101 – Rotatória	Trevo/ rotatória/ contorno
Carta 102 – Terreno	Terreno/ lote
Carta 103 – Bar	Bar/ boteco

Para a análise que será apresentada na sequência, trazemos como pontos de discussão a variação diageracional e diastrática, a variação diagenérica, o poliformismo lexical e ainda, algumas variantes comuns.

5.2.1 Variantes Diageracionais e Diastráticas

Consideramos como variantes diageracionais, aquelas que são tipicamente utilizadas pelos indivíduos de determinada faixa etária, levando-se em conta a diferença existente na fala de jovens e idosos. De acordo com Paim (2013, p. 148):

Embora haja algumas marcas lexicais do tempo, na fala das pessoas mais velhas especialmente, é preciso reconhecer que nem por isso essa linguagem se tornou ininteligível aos mais jovens, mesmo porque os próprios idosos se encarregam de buscar artifícios para explicar os arcaísmos, as expressões formulaicas fora de uso, a gíria de seu tempo. E são esses artifícios que constituem precisamente as marcas mais expressivas da linguagem desse grupo social.

Um bom exemplo disso pode ser verificado na carta 25 (*armação de madeira que se coloca no pescoço de animais para não atravessarem a cerca*), por exemplo, de dezesseis informantes que responderam *cangalha*, 62,5% pertenciam à segunda faixa etária e 37,5% das respostas também vieram de informantes jovens.

Foram três variantes para essa questão: *cangalha*, a mais produtiva, seguida das ocorrências únicas *quaieira* e *gancho*. Obtivemos também seis abstenções, predominantemente em informantes da 1ª faixa etária, o que explica a questão da faixa etária no desconhecimento de tais variantes, já que na maioria são os idosos que conhecem o objeto e sua denominação. No ponto 04 (sede), somente

uma informante soube responder, o que pode ser explicado pelo fator diatópico, por não ser uma localidade rural, onde dificilmente se convive ou se fala sobre o assunto.

Para o conceito que denomina *a armação de madeira que se coloca no lombo do cavalo ou do burro para levar cestos ou cargas*, carta 26, obtivemos cinco variantes: *cangalha*, *cargueiro*, *balaio*, *gancho* e *quaieira*, e três delas também foram usadas para responder a questão anterior. A variante *cangalha* foi a mais produtiva com 59,09% e dessas respostas, 84,61% foram registradas entre os mais idosos.

No que diz respeito à *peça de madeira que vai ao pescoço do boi para puxar o carro ou o arado*, carta 27, chama a atenção a grande quantidade de abstenções (54,16%), que mostra o desconhecimento de tal objeto e das designações pelos informantes da 1ª faixa etária. Foram cinco variantes: *canga* (07 respostas), registrada apenas na fala de informantes da 2ª faixa etária, e as ocorrências únicas *quaieira*, *canzil*, *canzil da quaieira*, e *arriame*. Estas três últimas foram menos produtivas e registradas apenas pelas mulheres da 2ª faixa etária.

Outra variante que podemos considerar como diageracional está presente na carta 29 – *bruaca*. Novamente as abstenções tornaram-se mais altas que as próprias variantes, totalizando 54,16%. Desse percentual, 69,23% apontavam para o desconhecimento desse objeto entre os informantes jovens. Curioso nesta carta foram as ocorrências únicas *badana* e *mala*, registradas entre os informantes da 2ª faixa etária, *bolsa* e *borná*, que caracterizam uma forma inovadora predominante entre os informantes da 1ª faixa etária, e *guaiaca* registrada no ponto 05 por uma informante idosa.

Na carta 42 – *libélula*, obtivemos cinco variantes e um número elevado de abstenções, 45,83%. Foram registradas *libélula* (06 respostas), *louva-a-deus* (05 respostas) e as ocorrências únicas *lava-bunda*, *capitão* e *caneta*. Ao analisarmos esta carta, chegamos à conclusão de que a variante *libélula* é mais frequente na fala de mulheres das duas gerações, enquanto que *louva-deus*, segunda mais produtiva, está presente na maioria entre informantes da 2ª faixa etária.

Outra carta caracterizada como variante diageracional é a carta 68 – *menino*. Foram quatro lexias diferentes para designar tal conceito: *menino* (58,33%), *guri* (20,83%), *piá* (16,66%) e a ocorrência única *moleque*. Podemos observar que a

variante *guri* é utilizada apenas por informantes da 2ª faixa etária, enquanto *menino*, embora apareça na fala de alguns idosos, é predominante entre os informantes jovens. As variantes *piá* e *moleque* também são frequentes na fala dos mais idosos.

Para revestir o conceito de assombração, carta 78, obtivemos seis variantes: *assombração* (53,84%), *visage* (26,92%), *fantasma* (7,69%) e as ocorrências únicas *espíritos* e *lobisomem*. A variante *visage* é mais frequente entre informantes da segunda faixa etária e a variante *assombração*, com exceção do ponto 02, é a mais produtiva, distribuindo-se por todos os pontos linguísticos. Ainda no que diz respeito a essa questão, verificamos que as variantes de menor ocorrência predominam entre os informantes do sexo masculino.

Sobre variantes diageracionais, achamos pertinente mencionar a carta 79, a qual questiona sobre *o que certas pessoas fazem e botam, por exemplo, de propósito nas encruzilhadas*. Notamos uma divisão na fala entre jovens e idosos para designar tal conceito: *despacho* com 43,47% de produtividade é mais frequente entre informantes da segunda faixa etária, ao passo que *macumba* (36,78%) está mais presente na fala dos informantes da faixa etária I. Obtivemos ainda variantes como *saravá* (8,69%), *feitiço* e *simpatia* com ocorrências únicas e duas abstenções.

Para finalizar nossa análise sobre variantes diageracionais, trazemos a carta 96 – que nomeia *aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas* e a carta 98 – que dá nome ao *objeto de metal ou plástico que pega de um lado outro da cabeça e serve para prender os cabelos*. A carta 96 traz quatro variantes, *pó de arroz* (37,5%), *blush* (33,33%), *rouge* (29,16%) e *maquiagem* como única ocorrência. Nessa carta, das oito ocorrências para *blush*, sete ocorreram entre jovens, ao passo que *rouge* predominou apenas entre informantes da 2ª faixa etária. Já a forma lexical *pó de arroz*, foi a mais produtiva, sendo documentada esparsamente por todos os pontos linguísticos. Na carta 98, verificamos que a forma lexical *diadema* (31,03%) está presente apenas na fala dos mais idosos, ao passo que *tiara* (58,62%), a mais frequente e cartografada em todos os pontos, juntamente com *arco* (10,34%), são variantes mais utilizadas pelos jovens.

5.2.2 Variantes Diagenéricas

Chamamos de variantes diagenéricas aquelas que são mais frequentes na fala de homens ou na fala de mulheres. Há tempos, pesquisadores vêm estudando estas diferenças não limitadas somente ao ritmo ou timbre da voz, mas ao próprio vocabulário que pode tornar-se diferenciado devido ao fato de que as mulheres, normalmente, utilizam mais a forma padrão, ao passo que os homens tendem a apresentar uma linguagem suscetível à variação.

Mas, o que se afirma acima, não pode ser considerado como regra geral, por exemplo, a variante *anca* - carta 37, dentre as sete respostas obtidas, seis foram mencionadas pelos homens, das duas gerações. No entanto, as mulheres trouxeram *bunda* (variante não-padrão para o referente) como a mais produtiva em seu vocabulário. Nessa questão, também foram obtidas as variantes *quadril*, *traseira*, *garupa* e *quarto*.

Para as variantes de *dar à luz* – carta 63, chamou-nos a atenção o verbo *ganhar*, frequente na fala masculina, aparecendo como *ganhar nenê* e *ganhar bebê*. Surgiu também o verbo *ter*, mas se comparado ao primeiro, há uma diferença se analisado de forma sistemática, pois “*ter*” é diferente de “*ganhar*”. *Ter* é estar de posse ou possuir algo. *Ganhar* é como receber ou obter um presente. As mulheres apresentaram *parir* e *criar*, expressões que podem ser consideradas rudes para muitas pessoas, para referirem-se a seres humanos. A variante com maior produtividade nesta questão foi *dar à luz* (30,76%), não caracterizada como diagenérica e nem como diageracional, talvez como padrão, já que está presente em todos os pontos, com exceção do ponto 02.

Na carta 64 – designações para *mãe de leite*, obtivemos um número elevado de abstenções, 29,16%, a maioria concentrada na fala dos homens (85,71%) e a variante mais produtiva foi *mãe de leite* (47,05%), registrada por 75% das mulheres. Ainda obtivemos as respostas *segunda mãe* (23,52%), *mãe de peito* (11,76%) e as ocorrências únicas *babá*, *ama de leite* e *mama de leite*.

Para nomear a *peessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar*, carta 72, obtivemos nove respostas: *mão de vaca* (26,92%), *pão duro* (19,23%), *seguro* (15,38%), *munheca* (11,53%), *muquirana* (7,69%), *econômico* (7,69%) e as ocorrências únicas *avarenta*, *curú* e *mão fechada*. Observamos, nesta questão, que as mulheres possuem um

vocabulário mais variado do que os homens para designar o referente em pauta e que a variante mais produtiva, *mão de vaca*, é uma expressão utilizada com alta frequência pelos jovens, ao passo que entre os informantes da segunda faixa etária predomina a forma lexical *pão duro*.

A carta 75, que nomeia o *marido enganado pela mulher com outro homem*, trouxe cinco variantes: *chifrudo*, *cornu*, *traído*, *tranqueira* e *tongo*. *Chifrudo* é a mais frequente, presente em todos os pontos. *Cornu*, por sua vez, é mais evidente na fala dos homens, ao passo que as mulheres tendem a amenizar a expressão preferindo chamar de *traído*.

(141)

INF. - *Ele é traído.*

INQ. - *É, a senhora chama marido traído?*

INF. - *É, eu falo marido traído, porque a palavra, outras palavra é muito forte...ah, fulano eh...Por que, né?*

INQ. - *A senhora alivia a situação, né.*

INF. - *Falo traído, né, enganado.*

Para nomear a *mulher que se vende para qualquer homem*, carta 76, foram obtidas oito respostas diferentes. Os homens possuem um vocabulário variado para o referente, pois, das oito variantes mencionadas, cinco foram registradas na fala masculina, como, *puta*, *mulher da vida*, *não vale o que é pago*, *corpo de aluguel* e *garota de programa*. Como resposta mais produtiva, tivemos *prostituta* (50%) frequente em todos os pontos investigados. *Biscate*, aparece como segunda opção (20,83%), e das cinco respostas, quatro foram apontadas pelos homens.

Finalizando nossa análise sobre variantes diagenéricas, temos a carta 80, que nomeia o *objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males*, na qual observamos que a maioria das variantes foi apresentada pelas mulheres, como *pé de coelho*, *relique*, *cruz* e *trevo da sorte*. A mais produtiva, *amuleto* (55%), possui distribuição regular em todos os pontos investigados.

5.2.3 Polimorfismo Lexical

De acordo com Lope Blanch²⁵ (1974), o termo polimorfismo pode ser entendido, em sentido amplo, como a ocorrência de duas ou mais formas linguísticas - seja fonética, gramatical ou lexical, que se alternam livremente para desempenhar a mesma função, tanto dentro de um sistema dialetal (fala local) como no discurso individual (sistema idioletal).

Em 1967, Lope Blanch iniciou uma investigação visando delimitar as diversas zonas dialetais do México e, conforme os trabalhos avançavam, percebia-se que uma das características mais presentes na fala mexicana era o polimorfismo. As informações reunidas apresentam abundante documentação sobre vários tipos de polimorfismo que de acordo com o referido autor (1974, p. 593),

no²⁶ sólo dentro del habla dialectal, en su conjunto — como consecuencia tal vez de diferencias generacionales, socioculturales o de sexo —, sino también dentro del habla de un mismo individuo, en una misma conversación y en una misma palabra o en referencia a un mismo concepto.

Para Alvar *apud* Lope Blanch (1974, p.596),

El²⁷ polimorfismo es consecuencia de una falta de nivelación en el sistema : supone, por tanto, inestabilidad. Pero inestabilidad significa ruptura de un equilibrio previo y búsqueda de un nuevo orden, por cuanto no es posible mantenerse indefinidamente en un estado de fluctuación.

Lope Blanch (1974), por meio das entrevistas realizadas no México com vários e distintos informantes, afirma que o polimorfismo é um fenômeno inerente à natureza de toda língua viva, portanto, recomendável no método de investigação dialetológica.

Algumas cartas do ALiC, também apresentam uma grande diversidade lexical para a denominação de um mesmo conceito. São elas: carta 22 – *touceira*; carta 30 – *trabalhador de enxada em roça alheia*; carta 71 – *burro* (pouco inteligente); carta 74 – *assassino pago*; carta 82 – *curandeiro*; carta 93 – *cheia*.

²⁵ Fonte: AIH. Actas V (1974). En torno al polimorfismo. LOPE BLANCH Juan M.

²⁶ Não só dentro de um discurso dialetal como um todo - talvez por diferenças de geração, sócio-cultural ou diferenças de gênero -, mas também dentro do discurso de um mesmo indivíduo, na mesma conversação e na mesma palavra ou referindo-se ao mesmo conceito. (Tradução nossa).

²⁷ O polimorfismo é devido a uma falta de nivelamento no sistema: supõe, portanto, instabilidade. Mas a instabilidade significa a ruptura de um equilíbrio anterior e pesquisa de uma nova ordem, uma vez que não é possível permanecer indefinidamente em um estado de flutuação. (Tradução nossa).

A carta 22, que nomeia *uma pequena parte que fica no chão depois que se corta o pé de arroz ou de fumo*, apresenta nove variantes: *toco* (26,08%), *raiz* (21,73%), *touceira* (13,04%), *palhada* (8,69%), *talo* (8,69%) e as ocorrências únicas *pé*, *soqueira*, *caule*, *resto* e uma abstenção de resposta. Observamos que a variante *raiz* é mais utilizada entre os informantes da primeira faixa etária, ao passo que as variantes *touceira*, *palhada* e *soqueira* são de conhecimento dos informantes de mais idade. As formas inovadoras *caule*, *talo* e *resto* também foram apresentadas pelos mais jovens, que trouxeram maior número de variantes para designar tal conceito.

A carta 30, que nomeia *o homem que é contratado para trabalhar na roça de outro, que recebe por dia de trabalho*, obteve maior produtividade a variante *camarada* (09 ocorrências), concorrendo com as variantes *diarista* (06 ocorrências) e *boia-fria* (05 ocorrências). Obtivemos também ocorrências únicas das variantes, *capataz*, *peão*, *pagá um por dia* e *trabalhador*. Consideramos pertinente fazer a seguinte observação em relação a esta carta: das nove respostas para a variante *camarada*, quatro foram apresentadas por informantes da 1ª faixa etária, que mesmo sendo jovens, possuem tal conhecimento, não havendo diferença relevante na resposta de homens e mulheres.

No ponto 05, tanto os jovens quanto os idosos, os homens e as mulheres registraram essa variante. Cabe salientar que também encontramos tal designação no trabalho "*Para um glossário da fala popular rural paranaense*", de Rodrigues (2000, p.90): "**camarada, s.m.** Empregado na lavoura. "Camarada já é pra lavora, pra roça" (T) / v.l.: pião. (T)". O termo *diarista* que supostamente poderia ser utilizado pelos jovens, com a exceção de uma resposta, foi apresentado na maioria pelos idosos, ao passo que *boia-fria* é utilizado de forma geral, por homens e mulheres das duas faixas etárias.

A carta 71, que nomeia *a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas*, apresenta quatorze variantes: *burro*, *atrasado*, *retardado*, *memória fraca*, *cabeça dura*, *lerdo*, *tem dificuldade*, *duvidoso*, *ruim de ideia*, *lenta*, *pouco inteligente*, *cabeçudo*, *abobada*, *memória curta*, sendo *burro* a mais produtiva com 20,83% de frequência na maioria entre jovens. Nesta carta não evidenciamos diferenças diagenéricas, nem diageracionais e as respostas estão distribuídas diversificadamente entre os seis pontos, na fala de informantes femininos e masculinos das duas faixas etárias.

Para o conceito que nomeia a *pessoa que é paga para matar alguém*, carta 74, obtivemos o maior número de variantes, ou seja, doze respostas diferentes e três abstenções. São elas: *matador de aluguel* (23,80%), *pistoleiro* (14,28%), *capanga* (9,52%), *assassino* (9,52%), *matador* (9,52%) e as ocorrências únicas *carrasco*, *malfeitor*, *bandido de aluguel*, *exterminador*, *coisa ruim*, *cangaceiro* e *bandido*. Nesta carta, observamos que as mulheres possuem um vocabulário mais variado do que os homens para designar tal conceito, ao demonstrar na fala tamanha repugnância às atitudes desse sujeito.

No que se refere à *pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas*, carta 82, também foi apresentado um vocabulário variado pelos curiuvenses, compreendendo sete variantes. Chamou-nos a atenção as seguintes denominações: *curadeiro* (06 ocorrências), *curandeiro* (06 ocorrências), *curandô* (02 ocorrências) e *curador* (02 ocorrências), as quais são formas derivadas da pessoa que cura. A variante *benzedeira* também foi cartografada com 14,28% de frequência. Obtivemos ainda as ocorrências únicas *raizero* e *médico medicinal*, além de três abstenções. Estas últimas variantes mencionadas podem estar associadas ao fato de os entrevistados terem relacionado a pergunta às plantas medicinais, daí as formas *raizero* e *medicinal* que não necessariamente são respostas adequadas à pergunta.

Para finalizar nossa análise sobre o poliformismo lexical presente no ALiC, trazemos a carta 93, referente à *pessoa que acha que comeu demais e diz: comi tanto que estou...*, apresentando nove variantes: *Cheia*, *enfastiado*, *passando mal*, *explodindo*, *estourando*, *ansiado*, *estufado*, *farta* e *intoxicado*. *Cheia* foi a mais produtiva (29,16%) presente na maioria dos pontos investigados, tanto na fala dos homens quanto na das mulheres das duas faixas etárias. *Enfastiado*, *ansiado* e *intoxicado* fazem parte do vocabulário dos informantes da segunda faixa etária, ao passo que *farta*, *estufado* e *passando mal* tendem a ser utilizadas pelos mais jovens.

5.2.4 Variantes Comuns

O *corpus* também apresenta uma série de variantes que são utilizadas em vários pontos do município. Na sequência, podem ser observadas as cartas que trazem uniformidade nas respostas, com alta frequência nos pontos investigados para a designação de alguns conceitos.

É o caso da carta 06 – *redemoinho*, que nomeia o *vento que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves*, na qual obtivemos quatro variantes, sendo *redemoinho* a mais produtiva (87,5%), coocorrendo com as respostas únicas *funil*, *tornado* e *furacão*. A carta 18 – *mexerica* também apresenta alta frequência nas respostas (85,18%), seguida de três respostas para *poncã* (11,11%), cartografadas apenas no ponto 04 – sede, e uma ocorrência de *tangerina* (3,7%).

Para o conceito que denomina *aqueles objetos de vime, de taquara, de cipós trançado (s), para levar batatas (mandioca, macaxeira, aipim etc.)*, no *lombo do cavalo ou do burro*, carta 28 – *cesto*, foram quatro respostas diferentes, sendo *cesto*, a mais produtiva (70,37%), *balaio* (18,51%), *jacá* (7,4%) e a ocorrência única de *cargueiro* (3,7%). Cabe salientar que estas duas últimas variantes foram mencionadas por informantes da 2ª faixa etária.

A carta 41 – *beronha*, que nomeia *um tipo de mosca grande, esverdeada, que faz um barulhão quando voa*, apesar de apresentar sete respostas diferentes, registra maior produtividade em *beronha* (66,66%), mencionada em todos os pontos. Variantes como *mosquito*, *mosca azul*, *mamangava*, *varejeira*, *moriçoca* e *mosca* também foram cartografadas, porém, com baixa frequência. Na carta 54 – *sovaco*, obtivemos duas variantes, sendo *sovaco* a mais produtiva (68%) e *axilas* (32%). Aqui achamos relevante explicar que essas variantes também podem ser consideradas diageracionais, pois notamos a predominância de *axilas* nas respostas de informantes da 1ª faixa etária e de *sovaco* nas respostas de informantes da 2ª faixa etária.

Na carta 61 – *menstruação*, obtivemos 91,66% desta mesma variante frequente em todos os pontos investigados, além das ocorrências únicas de *chico* e *hemorragia* em respostas masculinas. Para o conceito que denomina *o filho que nasceu por último*, carta 67, obtivemos 100% de produtividade da variante *caçula*, que nos permite concluir que se trata de uma forma comumente utilizada pelos habitantes da localidade.

Para se referir a *uma pessoa que já morreu*, os curiuvenses preferem a forma *falecido* (83,33%), como pode ser observado na carta 69. E se a pessoa é tranquila e *não se preocupa em pagar as próprias contas*, carta 73, tem mesmo é que ser chamada de *velhaca* (86,95%), ou, então, *caloteira* (8,69%) e até de *sem-vergonha* (4,34%). Na carta 81 – *benzedeira*, esta apareceu com 83,33% de

produtividade, coocorrendo com *curadera* (8,33%), e as ocorrências únicas *curandeira* e *feiticeira*. Cabe salientar a semelhança que existe nas respostas que nomeiam *uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta* e *a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas* – carta 82.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, realizado a partir dos pressupostos teóricos e metodológicos da Dialetoologia Pluridimensional, tomou como principal objeto de estudo a elaboração de um Atlas Linguístico de Curiúva, cidade localizada na mesorregião do Norte Pioneiro paranaense, com 14.720 habitantes, segundo dados do IBGE, no ano de 2014.

Propusemos registrar em cartas linguísticas algumas variantes lexicais, coletadas por meio de questionário estruturado, o mesmo utilizado para a elaboração do ALiB – Atlas Linguístico do Brasil. Após a coleta de dados, a transcrição grafemática e fonética, fizemos a seleção que resultou em 103 cartas, as quais analisamos com base nas variáveis faixa etária, sexo e com as escolaridades: Básico Fundamental (informantes entre 50 a 65 anos) e Ensino Médio (informantes entre 18 a 30 anos). Fizemos um contraste dos dados obtidos em nossa pesquisa com os dados registrados por Aguilera (1994) e por Altino (2007), para o Atlas Linguístico do Paraná, considerando que são os trabalhos de maior abrangência realizados no estado, pelos quais pudemos visualizar a qual região linguística paranaense pertence a cidade de Curiúva.

Com relação ao nosso principal objetivo, podemos afirmar que foi possível a construção do atlas almejado. Quanto à influência das variáveis, chegamos à conclusão de que a variável faixa etária é requisito fundamental nas pesquisas dialetológicas, pois evidencia a variação diageracional. Entre os jovens observamos inovações linguísticas, como por exemplo, a carta 96, com as designações para *aquilo que as mulheres passam nas bochechas para ficarem mais rosadas*, trazendo as variantes *blush* e *maquiagem* com maior frequência por esses informantes. Entre os idosos foi observado maior conhecimento de mundo, principalmente, no que diz respeito às perguntas relacionadas à natureza e ao meio rural, como exemplos, a carta 15 – *Estrela D’Alva* com 54,16% de frequência entre os idosos concorrendo com o percentual de 41,66% de jovens que não souberam responder, e a carta 27 – *canga*, na qual as variantes são apresentadas na maioria pelos informantes da 2ª faixa etária.

Observamos na análise das cartas lexicais do ALiC a presença de variantes que não são características apenas da localidade investigada, mas que

são comuns em várias regiões do Brasil, por exemplo, a carta 06 - *redemoinho*; a carta 61 - *menstruação* e a carta 81 - *benzedeira*. Quanto ao polimorfismo lexical, este foi apresentado por homens e mulheres das duas faixas etárias, podendo ser observado nas cartas 22 - *touceira*; carta 30 - *trabalhador de enxada em roça alheia*; carta 71 - *burro* (pouco inteligente); carta 74 - *assassino pago*; carta 82 - *curandeiro*; carta 93 - *cheia*.

O fator diagenérico não se revelou determinante no que diz respeito às mudanças no léxico dos curiuvenses, embora, quanto ao número de variantes, registramos maior produtividade lexical entre os homens (nas 103 cartas, o total de 373 variantes) do que entre as mulheres (nas 103 cartas, o total de 354 variantes). Podemos citar como exemplo disso a carta 76, nas designações para *prostituta*, em que estão cartografadas 07 variantes na fala masculina e 04 na fala feminina. Tal conceito está mais próximo do universo masculino, o que justifica o conhecimento de um número maior de parassinônimos. As mulheres, por serem cuidadosas em sua fala, por mais que possuam o conhecimento das mesmas variantes, tendem a optar por um vocabulário que se aproxime da norma padrão.

A influência da variável escolaridade mostrou-se presente na carta 47 - conceito para *míope* e na carta 42 - conceito para *libélula*. A maioria das respostas registradas com as variantes *míope* e *libélula* foram apresentadas pelas mulheres da primeira faixa etária com o Ensino Médio. A variante *axila*, carta 54, também foi apresentada na maioria entre os jovens, com apenas uma ocorrência no ponto 06 por um informante idoso.

Quanto ao cruzamento dos nossos dados com os do ALPR (Aguilera, 1994) e do ALPR II (Altino, 2007), a fim de verificar a qual região linguística paranaense o município de Curiúva pertence, chegamos à conclusão de que, ao contrário de nossa hipótese inicial, o município não apresenta uma linguagem sulista no que diz respeito ao léxico. Analisando as respostas das 48 cartas coincidentes verificamos que 8,33% dos informantes apresentam linguagem sulista, 22,91% apresentam linguagem nortista e 54,16% apresentam linguagem pertencente tanto à região norte quanto à região sul.

Apesar de não termos explorado o *corpus* em sua totalidade, o recorte que fizemos permitiu apresentar um pouco do falar desta localidade. Para trabalhos posteriores, deixamos material inédito suficiente aos interessados em

possuir uma visão mais ampla da linguagem curiuense, considerando que há um crescente interesse acadêmico na área da Dialetologia e Geolinguística paranaense.

Em síntese, podemos afirmar que os objetivos propostos inicialmente foram alcançados, mas, ao mesmo tempo, temos a consciência de que o contato com a chegada de novos habitantes à cidade, trazendo valores vindos de outras realidades, também incorpora mudanças na vida e na língua dos habitantes da região, considerando que um indivíduo recebe a experiência do outro.

Finalizamos nosso trabalho com a nítida impressão de que ainda há muito para fazer, a partir dos dados que ora disponibilizamos. Entendemos que, para os estudos da Dialetologia e Geolinguística, nossa pesquisa representa uma modesta contribuição, no entanto, se somada a outras, pode tornar-se satisfatória no sentido de contribuir com os estudos sobre a realidade multidialetal da língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de A. **Atlas Linguístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial, 1994.

_____. Os Atlas Linguísticos no Paraná: Percursos e Estágio Atual. **Revista do GELNE**, v. 1, n. 2, p. 07-13, s/d.

_____. (Org.). **A Geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: Editora Eduel, 2005.

_____. A Geolinguística no Brasil: Estágio Atual. **Revista da ABRALIN**, Londrina, v. 5, n. 1 e 2, p. 215-238, dez.2006.

ALENCAR, Maria Silvana Militão. **Aspectos sócio-dialetais da língua falada em Fortaleza: as realizações dos fonemas /r/ e /ʁ/**. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

ALMEIDA BARONAS, Joyce Elaine de Almeida. Dialeto Caipira e Urbanização: uma química que não se mistura (?). In: **Revista Múltiplos Olhares sobre a diversidade Linguística: nos caminhos de Vanderci de Andrade Aguilera**. Londrina: Midiograf, 2012.

ALONSO, Antônio Padilha. **Curiúva 50 anos**. Revista elaborada especialmente para o 50º aniversário de Curiúva.

ALTINO, Fabiane Cristina. **Atlas Linguístico do Paraná II**. (Tese de Doutorado). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

_____. Estudos Dialetológicos no Paraná: convite a um passeio pela história. **Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina, v.12, n.1, p. 33-64, jul. 2009.

_____. Nos caminhos de Aguilera: o segundo volume do Atlas Linguístico do Paraná. In: **Múltiplos Olhares sobre a diversidade Linguística: nos caminhos de Vanderci de Andrade Aguilera**. Londrina: Midiograf, 2012.

ALVAR, Manuel (Dir.). **Manual de dialetologia hispânica**. El español de España. Barcelona: Ariel, 1996.

ALVES, Ieda Maria. **Neologismo – Criação lexical**. Série Princípios. São Paulo: Editora Ática, 1990.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. **Os estudos dialetais e geolinguísticos no Brasil**. RRL, LIII.1-2, p.125-140, Bucuresti, 2008. Disponível em:

<http://www.lingv.ro/RRL%201-2%202008%20Silva%20de%20Aragao.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2014.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. **A Geografia Linguística no Brasil**. Série Princípios. São Paulo: Editora Ática, 1991.

BUSSE, Sanimar. Atlas Linguístico-Etnográfico da região Oeste do Paraná/ALERO: um estudo do movimento das línguas e dos dialetos no espaço e no tempo. In: **Anais do CELSUL**. 2008. p. 01-17.

_____. **Um estudo Geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná**. (Tese de Doutorado). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

_____. Um estudo Geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná. In: **Múltiplos Olhares sobre a diversidade Linguística: nos caminhos de Vanderci de Andrade Aguilera**. Londrina: Midiograf, 2012.

CARDOSO, S.A.M. (coord.). **Caminhos e perspectivas para a Geolinguística no Brasil**. Salvador: Universidade Federal da Bahia/ Instituto de Letras, 1996.

_____. **A Dialectologia no Brasil: Perspectivas**. Delta vol.15 special issue São Paulo, 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000300010. Acesso em: 01 abr. 2014.

_____. (Orgs.). Projeto ALiB: O sentido desta caminhada. In: **Vozes do X WorkALiB: Amostras do português brasileiro. Documentos 3 – Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. Salvador: Vento Leste, 2012.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Variação dialetal e ensino institucionalizado da língua portuguesa. In: **Linguística da Norma**. 2ª Edição. São Paulo: Edições Loyola, 2004. p. 31-31.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB (Brasil). **Atlas Linguístico do Brasil: questionário 2001/Comitê Nacional do Projeto ALiB**. – Londrina: Ed. UEL, 2001.

COSERIU, E. **O homem e sua linguagem**. 2ª edição. Trad. FONSECA, C.A.; FERREIRA, M. Rio de Janeiro: Presença, 1987 (Coleção Linguagem, v. 16).

_____. A geografia linguística. In: COSERIU, E. **O homem e sua linguagem**. Rio de Janeiro: Presença/São Paulo. Universidade de São Paulo, 1982. p. 79-116.

CRISTIANINI, Adriana Cristina. **Atlas Semântico-lexical da Região do Grande ABC**. (Tese de Doutorado). São Paulo, 2007.

ELIZAINCÍN, Adolfo. **Dialectos em Contacto Español y Portugues em España y America**. Arca Editorial S.R.L: Montevideo. Uruguay, 1992.

ENCARNAÇÃO, M. R. T. da. **Atlas semântico-lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba – municípios do Litoral Norte de São Paulo.** (tese de doutorado), São Paulo, 2010.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana A. C. **A Dialektologia no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1994.

GARCIA, Neiva Mara Zanin. **Estudo linguístico-etnográfico em comunidade paranaense de imigrantes ucranianos: do passado ao presente.** (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008.

GERALDI, J.W. **Linguagem e ensino.** Campinas: Mercado de Letras, 2002.

GUIMARÃES, Selma Sueli Santos. **Aspectos sociais, históricos e culturais como validação das escolhas lexicais: um estudo sobre atlas linguísticos.** (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

IKEUCHI Ariane Cardoso dos Santos. **Atlas Linguístico Topodinâmico do Estado de São Paulo.** (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

IODAN, Iorgu. **Introdução a Linguística Românica.** Trad. Júlia Dias Ferreira. Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian, 1962.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Atlas regionais em andamento no Brasil: perspectivas metodológicas. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.) **A geolinguística no Brasil - trilhas seguidas, caminhos a percorrer.** Londrina: Eduel, 2005, p. 334-356.

LABOV, William. **Principios del cambio lingüístico. Volumen 1: Factores Internos.** Madrid: Gredos, 1994 a.

_____. **Principios del cambio lingüístico. Volumen 2: Factores Sociales.** Madrid: Gredos, 1994 b.

LIVRO DO TOMBO – Paróquia Divino Espírito Santo – Curiúva – PR.

LOPE BLANCH, Juan M. **En torno al polimorfismo.** Centro Virtual Cervantes: Actas V (1974).

MATTOS, Thiago; MEDEIROS, Vanise. *O linguajar carioca*, de Antenor Nascentes: o discurso naturalista nos dizeres sobre língua nacional nos anos 1920. **Revista Soletras**, Departamento de Letras da FFP/UERJ, nº 25, p. 1-15, jan-jun, 2013.

MEILLET, A. **Linguistique historique et linguistique générale.** Paris: Champion, 1921.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MOTA, J.; CARDOSO, S.A.M. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: CARDOSO, S.A.M.; MOTA, J. (Orgs.). **Documentos 2. Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. Salvador: Quarteto, 2006. p. 15-26.

_____. Percursos da Geolinguística no Brasil. **Linguística**, vol. 29 (1), p.115-142, jun, 2013.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953 [1922].

NOGUEIRA, Albana Xavier; ISQUERDO, Aparecida Negri. Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul: gênese e trajetória. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). **A Geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: EDUEL, 2005. p. 229-250.

PAIM, Marcela Moura Torres. **As designações para conjuntivite nos dados do projeto ALiB: revelações diageracionais**. Florianópolis, v. 14 , n. 02 , p. 146-155, abr./jul. 2013.

RADTKE, Edgar; THUN, Harald (Org.). Nuevos caminos de la geolinguística románica. Um balance. In: _____. **Neue wege der romanischen Geolinguistik: akten dêes symposiums zur Empirischen Dialektologie**. (Heidelberg/Mainz, 21-24.10.1991) Kiel: Westensee-Verl., 1996. Disponível em:<http://www.abralin.org/revista/RV5N1_2/RV5N1_2_art10.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2014.

ROCHA, Patrícia Graciela da. **O português de contato com o espanhol no sul do Brasil: empréstimos lexicais**. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Problemas relativos à descrição do português contemporâneo como língua padrão no Brasil. In: BAGNO, Marcos. **Linguística da Norma**. 2ª Edição. São Paulo: Edições Loyola, 2004. p. 11-11.

RODRIGUES, Rosa Evangelina de S. Belli. **Para um glossário da fala popular rural paranaense**. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2000.

RODRIGUES, Rosa Evangelina de S. Belli. **Em busca de uma história social para o léxico rural paranaense**. (Tese de Doutorado). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

ROMANO, Valter Pereira. **Atlas geossociolinguístico de Londrina: um estudo em tempo real e tempo aparente**. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

_____. Balanço crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão. **Revista Entretexos**, Londrina, v.13, n.02, p. 203-242, jul.dez.2013.

SÁ, Edmilson. A língua que aprendemos, a língua que falamos. **Revista Conhecimento Prático - Língua Portuguesa** n° 20, 2010.

SANDMANN, Antônio José. **Competência Lexical: produtividade, restrições e bloqueio**. Curitiba: Editora da UFPR, 1991.

SANTOS, Irenilde Pereira dos. **Atlas Linguísticos brasileiros e atividade discursiva: contribuições ao ensino da língua portuguesa**. In: 7º Colóquio Anual da Lusofonia, Bragança, 2008.

SILVA, Hélen Cristina. **O /R/ caipira no Triângulo Mineiro: um estudo dialetológico e de atitudes linguísticas**. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

SILVA NETO, Serafim. **Guia para estudos dialetológicos**. 2ª edição. Belém, 1957.

SOARES, M. **Linguagem e Escola: uma perspectiva Social**. 17ª edição. São Paulo: Ática, 2000.

SOUZA, Solange Staciaki de. **Medicina caseira paranaense: um estudo geolinguístico**. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2005.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sócio-Linguística**. 2ª edição. Série Princípios. São Paulo: Editora Ática, 1990.

THUN, Harald. Movilidad demográfica y dimensión topodinámica. Los Montevideanos em Rivera. **New Wege der Romanischen Geolinguistic: Akten des Symposiums zur Empirischen Dialektologie**. (Heidelberg/Mainz 21-24, 10.1991) Kiel: Westensee-Verl, 1998. p. 210-225.

_____: O português americano fora do Brasil. In: Gärtner, E. et al. (eds.) **Estudos de Geolinguística do Português Americano**. Frankfurt am Main: TFM, 2000. p. 185-227.

_____. Atlas Linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay – Norte (ADDU-Norte). **Parte cartográfica: Tomo I: Consonantismo y vocalismo del español. Fasc. A.1.: Lateral palatal (/ɲ/, <ll> y Fricativa Mediopalatal (/j/, <y>): Lleísmo, yeísmo, zeísmo y cheísmo en el español uruguayo**. Kiel : Westensee-Verl., 2000. 166 p. (Dialectologia Pluridimensionalis Romanica; 10).

_____. Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay – Norte (ADDU-Norte). **Parte cartográfica: Tomo I: Consonantismo y vocalismo del portugués. Fasc. I.A. 1/1: Laterales y palatales (A. 1/1: Palatalización de las oclusivas apicodentales (/t/ + [i], /d/ + [i]); A.1/2. Yeísmo y leísmo)**. Kiel, Westensee-Verel., 2000. 30 p. (Dialectologia Pluridimensionalis Romanica; 12.)

_____. Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay – Norte (ADDU-Norte). **Parte cartográfica: Tomo I: Consonantismo y vocalismo del portugués. Fasc. I.A. 1/1: Laterales y palatales (A. 1/1: Palatalización de las oclusivas apicodentales (/t/ + [i], /d/ + [i]); A.1/2. Yeísmo y leísmo)**. Kiel, Westensee-Verel., 2000. 30 p. (Dialectologia Pluridimensionalis Romanica; 12.)

A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, Ana Maria Stahl. **Estudos de Variação Linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

WARDHAUGH, R. **An introduction to sociolinguistics**. Oxford/Cambridge: Blackweel, 1992.

Sites consultados:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Graziadio_Isaia_Ascoli. Acesso em: 26/03/14.

http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/24/Georg_Wenker_Georg_Wenker_%281852-1911%29_%28Alter_Fritz%29.jpg. Acesso em: 26/03/14.

http://en.wikipedia.org/wiki/File:Gustav_weigand.JPG. Acesso em: 26/03/14.

https://openlibrary.org/books/OL1_4050058M/Atlas_linguistique_de_la_France. Acesso em: 27/03/14.

http://www.italiano.unibe.ch/content/linguistica/archivio_ais/galleria_fotografica/index_ita.html. Acesso em: 01/04/14.

<http://didactica.dites.cat/2009/05/mossen-antoni-m-griera-i-gaja.html>. Acesso em: 01/04/14.

http://it.wikipedia.org/wiki/File:Puscariu_S..JPG. Acesso em: 01/04/14.

<http://www.clul.ul.pt/pt/investigacao/207-project-linguistic-atlas-of-the-portuguese-coast-allp>. Acesso em: 01/04/14.

http://www.clul.ul.pt/sectores/variacao/projecto_allp.php. Acesso em: 01/04/14.

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000300010. Acesso em: 01/04/14.

www.biblio.com.br/defaultz.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/amadeuamaral/odialetoaipira.htm. Acesso em: 03/04/14.

www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_023.pdf. Acesso em: 05/04/14.